

IOLANDA CRISTINA DE FREITAS RAMOS

CAMÕES - PERFIL ENCOMIÁSTICO  
EM LÍNGUA INGLESA



Dissertação de Mestrado em  
Estudos Anglo-Portugueses,  
apresentada à Faculdade  
de Ciências Sociais e  
Humanas da Universidade  
Nova de Lisboa

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LISBOA

1988

30299

À memória do meu Pai

## AGRADECIMENTO

A todos os que, de uma ou outra forma, tornaram possível a concretização do presente trabalho.

A Professora Doutora Maria Laura Bettencourt Pires, pela solicitude e empenhamento na orientação desta dissertação de Mestrado, a par do estímulo veiculado ao longo do meu percurso profissional.

A Professora Doutora Maria Leonor Machado de Sousa, a minha sincera gratidão pela amizade e apoio que sempre me manifestou, bem como pela sua presença nas fases determinantes da minha formação académica.

A Professora Doutora Maria Leonor Carvalhão Buescu, pela influência enriquecedora a nível pedagógico e pela amável disponibilidade, sobretudo quanto a esclarecimentos no domínio da literatura clássica.

Aos colegas de Mestrado e de Departamento da U.N.L., pelo entusiasmo e incentivo que me souberam transmitir, tanto os que me acompanharam de perto, como os que se encontram ausentes do país por motivos profissionais. Sem a sua amizade e solidariedade não teria sido possível ultrapassar, sobretudo, os períodos mais difíceis que tive de enfrentar nestes últimos dois anos.

A minha Mãe, por tudo o que me proporcionou, impossível de ser traduzido na íntegra por meio de palavras.

## APRESENTAÇÃO

O Curso de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses, realizado entre 1984 e 1986 na Universidade Nova de Lisboa, permitiu-nos travar conhecimento com os estudos camonianos em Inglaterra, temática em que se insere a nossa dissertação.

Procurámos determinar o perfil de Luís de Camões através de manifestações encomiásticas em língua inglesa. Em primeiro lugar, procedemos a uma aproximação teórica ao conceito de encómio em ENCOMIASTICA - ALGUNS ESCLARECIMENTOS CONCEPTUAIS. Uma vez que o poeta pode ser em simultâneo o criador e o objecto de encómios, abordámos os principais traços inerentes ao conceito de poeta, aplicando-os em CAMÕES-HOMEM, POETA E VATE. A partir do levantamento teórico dos elementos que, em nossa opinião, podiam motivar o interesse britânico pelo poeta português, executámos um trabalho prático de apresentação e comentário das HOMENAGENS A CAMÕES EM LINGUA INGLESA. Por motivos metodológicos, pusemos em relevo as homenagens DO SÉCULO XVII AO SÉCULO XIX, AS COMEMORAÇÕES DE 1880 e as REPERCUSSÕES NO ORIENTE.

Como CONCLUSÃO elaborámos uma síntese em torno das linhas gerais que regeram o interesse e admiração por Camões e que corresponderam a encómios em inglês. Pareceu-nos que deste modo se tornava possível estabelecer uma imagem do Luís de Camões celebrado e imortalizado em língua inglesa.

A inclusão de APÊNDICES revelou-se indispensável para não sobrecarregar o texto com um material que não quisemos deixar de facultar por nos parecer de leitura interessante e útil para os estudos camonianos. Optámos por apresentar no APÊNDICE A poemas encomiásticos de temática diversificada mas que veiculam também referências laudatórias a Camões; no APÊNDICE B incluimos composições que, tomadas como um todo, veiculam o encómio ao poeta. No APÊNDICE C reproduzimos gravuras que se integram no contexto laudatório de Luis de Camões.

Por último, parece-nos indispensável mencionar alguns critérios que utilizámos no nosso trabalho. Mantivemos a ortografia original na indicação de títulos de obras e na transcrição das citações, respeitando por exemplo a diversidade ortográfica inglesa quanto ao nome "Camões"; assinalámos apenas os termos que no original nos parecem distorcidos por gralhas ou passíveis de induzir em erro; abolimos os parênteses rectos que enquadram reticências no início, meio ou final das citações, utilizando apenas reticências para indicar transcrições parciais; omitimos as reticências no início e fim das citações que, no original, começam um período e terminam em ponto final; abolimos a referência por extenso do número de edição das obras consultadas, substituindo-a pelo índice correspondente, indicado antes da data da edição. Sempre que necessário, completámos estes critérios gerais com observações em nota, como no caso de abreviaturas para títulos de obras.

**CAPÍTULO I**

**ENCOMIASTICA**

**ALGUNS ESCLARECIMENTOS CONCEPTUAIS**

Ao iniciarmos um trabalho que valoriza a encomiástica no âmbito dos estudos camonianos em língua inglesa, parece-nos indispensável uma tentativa de esclarecimento do conceito de encómio.

Devemos dizer que uma definição bem clara e sistematizada não se nos apresenta tarefa fácil, dado que tivemos de proceder a um trabalho de síntese construído em torno de diversas fontes e opiniões nem sempre coincidentes e até, por vezes, contraditórias.

Várias questões se nos colocavam à partida: em que consiste, afinal, um encómio? Quais as suas relações com outras composições como odes e elegias? Poderá estabelecer-se algum paralelo com os epitáfios, dedicatórias e discursos comemorativos? O conceito de encomiástica poderá ser encerrado dentro de categorias literárias como género e subgénero, ou poderá ser apenas aplicado em termos gerais? Não será antes uma intenção ou espírito peculiar, muito mais vasto, embora se encontre presente nas mais diversas composições poéticas e formas literárias?

Por motivos metodológicos, optámos por dividir o nosso estudo desta problemática em duas fases: uma primeira, mais imediata, a nível linguístico-semântico; e uma segunda, mais complexa, a nível literário-cultural.

Começamos por apresentar os resultados de uma pesquisa efectuada em diversos dicionários de língua portuguesa e inglesa, procurando determinar qual o significado literal do

vocábulo 'encómio', bem como se existiu alguma evolução no tocante ao conceito que ele encerra. <sup>(1)</sup>

O vocábulo 'encómio' costuma ser utilizado como sinónimo de elogio, louvor (formal, público), panegirico, aplauso. <sup>(2)</sup> Vocábulos da mesma família, como 'encomiástico' e 'encomiasta', são apresentados, respectivamente, como sinónimos de laudatório, eulogístico; e panegirista, elogiador, louvador, aquele que escreve ou discorre, fazendo o elogio de alguém ou de alguma coisa.

Procurámos averiguar se é indiferente a utilização dos termos 'encómio' e 'panegirico'. Este último significa igualmente um elogio, mas também um discurso em louvor de alguém. Assim, convém salientar desde já que talvez se possa estabelecer uma distinção entre os dois vocábulos, o primeiro aplicando-se quer a prosa, quer a poesia, enquanto o segundo se deverá restringir a prosa.

Contudo, a etimologia de ambas as palavras não nos ajuda a esclarecer a ambiguidade que detectámos. De facto, 'panegirico' provém "...do grego *panegyrikós*, relativo a festa nacional, propriamente, em assembleia geral; daí, festa, solenidade; como substantivo, elogio público pronunciado numa festa nacional; pelo lat. *panegyricu-*, laudatório, apologético; como s.m., panegirico, elogio". <sup>(3)</sup> Por seu lado, 'encómio', segundo José Pedro Machado, provém "...do grego *enkómion*, elogio; discurso, canto à glória de; panegirico". <sup>(4)</sup> Recolhemos ainda a informação "...Gr. *enkómion*, brinde em honra de alguém". <sup>(5)</sup>

Completando a nossa referência aos vocábulos 'encomiástico' e 'encomiasta', resta-nos transcrever as informações do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*: o primeiro provém do grego *enkomiastikós* e significa "laudatório"; o segundo, do grego *enkomiastés*, "que louva alguém ou alguma coisa". (6)

Indicamos em último lugar a informação expressa em *Webster's Third New International Dictionary*, visto que nos forneceu um elemento novo para a nossa análise. Segundo esta indicação, 'encómio' provém do grego *enkomion*, ode laudatória, elogio; de *en*, em + *-komion* (de *komos*, celebração). (7) Verificamos, portanto, que existia uma estreita ligação entre encómio e ode laudatória, ponto que retomaremos mais adiante, visto pertencer já a uma problemática literária.

Em resumo, a nossa pesquisa a nível linguístico e semântico não esclareceu totalmente os parâmetros distintivos da encomiástica, mas já salientou alguns aspectos importantes que adiante desenvolveremos, nomeadamente a questão prosa/poesia e as ramificações literárias do conceito de encomiástica.

Por outro lado, não detectámos nenhuma mudança ou evolução no emprego dos vocábulos. Todavia, julgamos significativo o exemplo retirado de *The Oxford English Dictionary*: "1784 COWPER *Task* VI, 715 Encomium in old times was poets' work." (8) Tal afirmação poderá pressupor alguma alteração entre o conceito de encómio no passado e no

presente. Além disso, parece estar relacionada com o emprego das odes laudatórias, e serve-nos de elo de ligação para a nossa análise do conceito de encómio a nível literário e cultural.

Para explicarmos convenientemente as origens, motivos do aparecimento e significado dos encómios aplicados a nível literário, torna-se necessário recorrermos à Antiguidade Clássica, em especial, à Grécia, fonte de toda a cultura ocidental. «»

Tomemos como ponto de partida a opinião de Maria Helena da Rocha Pereira:

Encómio - LIT. Forma da lírica coral gr. cuja denominação... sugere que era cantada durante os cortejos festivos... Era acompanhada de música e destinava-se a celebrar seres humanos. Os poucos fragmentos conservados de E. de Píndaro e Baquilides não permitem definir as leis desta forma lit., nem mesmo decidir se, como implica a enumeração dos livros de poemas de Píndaro feita na *Vita Ambrosiana*, era distinta dos trenos e epinícios, ou se abrangia todas as formas líricas em honra dos homens (Píndaro emprega por vezes a palavra, na sua forma adjectiva, para qualificar as suas odes triunfais; e Platão dá-lhe o sentido de canto de vitória em *Leis* 822 b). «»

A origem dos encómios seria, pois, a lírica coral grega e o seu objectivo celebrar seres humanos. Como forma literária, em sentido restrito podiam ser distinguidos dos trenos e epinícios, mas em sentido lato poderiam abranger todas as formas líricas que celebrassem, não deuses, mas

homens. A uma distinção formal está, portanto, subjacente uma distinção conceptual. Além disso, apareciam associados as odes triunfais de Píndaro.

Em síntese, são estes os aspectos que nos parecem mais importantes e que passamos a desenvolver.

Começemos por uma breve referência à poesia lírica grega. Esta designação deve-se ao facto de se tratar de poesia acompanhada à lira, podendo ser entoada por uma só pessoa (lírica monódica) ou por um coro (lírica coral). Toda essa poesia se fazia, originariamente, em honra dos deuses, e a forma principal da lírica coral era o hino. Posteriormente, começou a surgir poesia em honra dos homens, distinguindo-se os epinícios (canto para celebrar uma vitória desportiva), os trenos (canto fúnebre em honra de um cidadão), <sup>(11)</sup> e os encómios (elogio de um cidadão ilustre). Com efeito, todas estas composições constituíam subgéneros da lírica coral, se quisermos utilizar esta terminologia.

Convém esclarecer ainda que, ao mencionarmos a poesia lírica, temos de falar da poesia elegíaca e da iâmbica, ambas acompanhadas à flauta. <sup>(12)</sup> Realçamos tal distinção porque é comum associar a poesia elegíaca à poesia encomiástica. No entanto, inicialmente, as elegias não constituíam um canto triste e, embora de temática variada, as mais antigas são de exortação guerreira. Devido ao facto de um dos temas abordados ser a morte, parece que as elegias começaram a adquirir progressivamente um tom de lamento, sendo também utilizadas em epitafios e versos comemorativos.

Contudo, terá sido só a partir do séc. XVI que a elegia começou a significar um poema que lamentava algum acontecimento trágico ou que era dedicado à morte de alguém. <sup>(13)</sup> Por consequência, não é de admirar que uma composição escrita em memória de um amigo do poeta contenha um espírito encomiástico. Daí a afirmação de um crítico anónimo: "Elegies are necessarily eulogistic". <sup>(14)</sup>

Após termos feito esta breve associação entre encómios e elegias, vejamos agora o parentesco entre encómios, epinícios e as odes triunfais de Píndaro.

Sabemos que também as odes tiveram a sua origem nas celebrações corais a que já nos referimos, e, como tal, se integravam na poesia lírica. Podemos subdividi-las em odes privadas e públicas, sendo as últimas utilizadas em ocasiões festivas. Nesta categoria incluem-se, precisamente, as odes compostas por Píndaro em honra dos vencedores dos Jogos Olímpicos gregos. <sup>(15)</sup> Com efeito, as odes pindáricas ou triunfais mais não são do que epinícios; no entanto, uma vez que a designação 'encómio', por alargamento semântico, passou a abranger todas as composições em honra de homens, as odes pindáricas são igualmente conhecidas por odes encomiásticas. O conceito de encómio aplica-se, pois, à glorificação dos atletas e respectivas nações ou cidades, alargando-se a diversas profissões, actividades, virtudes. Elogiam-se os cidadãos que correspondem a ideais de glória a nível desportivo, político, social, literário, ético.

Procurámos esclarecer e delimitar os domínios dos diversos conceitos que, embora bastante próximos, são, como vimos, tecnicamente diferentes.

Um outro aspecto que não podemos ignorar é a possível integração dos encómios em géneros literários. Julgamos oportuno fazermos nossas as palavras de Aguiar e Silva:

... ao utilizarmos até agora tão-só aquele termo [género], guiámo-nos por algumas razões de ordem expositiva e didáctica - uma longa tradição de teoria e de prática da literatura concede à expressão "géneros literários" uma relevância de primeiro plano -, mas tendo consciência do carácter multívoco e até equívoco do termo "género".

Com efeito, o termo "género" ora se refere a categorias acrónicas e universais - a lírica, a narrativa, etc. -, ora se refere a categorias históricas e socioculturais - o romance, o romance histórico, a ode, a ode pindárica, o soneto, etc. (16)

Não pretendemos de modo algum explorar a problemática da teoria dos géneros literários. Contudo, parece-nos indiscutível o facto de a lírica constituir um género e, como tal, já aflorámos o encómio como um subgénero da lírica. Constitui, portanto, um subgénero literário, se empregarmos o termo 'subgénero' na acepção de uma categoria mais restrita em confronto com uma mais lata, 'género'.

Atrevemo-nos a dizer que essa seria a opinião de Horácio, que menciona diversos tipos de composições líricas - hinos, encómios e epinícios, poemas eróticos e escólios: "A Musa concedeu à lira o cantar deuses e filhos de deuses;

o vencedor no pugilato e o cavalo que, primeiro, cortou a meta nas corridas; os cuidados dos jovens e o vinho que liberta dos cuidados". (17)

Lembremos igualmente Aristóteles, para quem o encómio terá constituído um tipo de poesia produzido pelos poetas de índole elevada:

A poesia tomou diferentes formas, conforme a diversa índole particular dos poetas. Os de mais altas tendências propuseram-se imitar as acções nobres e a fortuna dos homens superiores; e os de mais baixas inclinações voltaram-se para as acções ignóbeis, compondo estes, vitupérios, e aqueles, hinos e encómios. (18)

Aplicando as reflexões de Aguiar e Silva, concluímos que a terminologia é uma convenção. No entanto, é costume relacionar a divisão tripartida dos géneros literários com um esquema retórico-estilístico triplo.

Aristóteles é o fundador de uma sistematização dos tipos de eloquência ou géneros da retórica: género judicial (com as funções de defesa e acusação), género deliberativo (com os objectivos de aconselhar e desaconselhar) e género epidíctico ou demonstrativo. Este último é exactamente aquele que nos interessa, uma vez que possui as funções de louvor e censura; o seu caso paradigmático é o discurso festivo em honra de uma pessoa que deve ser celebrada e, portanto, louvada. (19) A identificação do género demonstrativo com um género encomiástico não é, deste modo,

difícil. Críticos como Ernst Robert Curtius e Jacinto Prado Coelho empregam, respectivamente, as expressões "discurso panegírico" e "género panegírico" ( do qual resultou o aparecimento de um subgénero oratório, o encómio). (20)

Em suma, deparamos com duas formas de abordar a problemática da encomiástica, uma literária, outra estilística. Iniciámos o nosso estudo constatando que 'encómio' e 'panegírico' apareciam como sinónimos a nível linguístico; todavia, verificamos que a nível literário e estilístico, se seguirmos um critério rigoroso, essa identificação deixa de ser inteiramente válida.

De facto, um encómio será correctamente apenas um poema eulogístico, embora por alargamento semântico designe qualquer elogio a uma pessoa, objecto ou acontecimento, tanto em verso como em prosa; por seu lado, um panegírico será rigorosamente um discurso (daí a sua maior associação com a prosa) em louvor de uma pessoa, objecto ou acontecimento. (21) A grande distinção residirá, consequentemente, nas respectivas origens: a poesia lírica e o discurso retórico. (22)

Seguindo este raciocínio, a utilização mais correcta será por um lado 'poesia encomiástica' e por outro 'estilo panegírico', embora 'estilo encomiástico' seja possível e talvez até mais corrente, pelos motivos que já apontámos. Notemos que 'panegírico' é mais utilizado no seu sentido restrito de discurso, embora fosse mais correcto o seu sentido lato de estilo; enquanto que 'encómio' é mais

utilizado no seu sentido lato de qualquer elogio em verso ou prosa, embora fosse mais correcto o seu sentido restrito de poema.

Apesar de terem seguido caminhos paralelos, a linha encomiástica será de origem mais remota que a linha panegírica e está, como vimos, associada aos poetas.

A este propósito, dedicamos ainda umas últimas palavras às implicações culturais do conceito de encomiástica, tomado em sentido lato.

É óbvio que as homenagens prestadas a atletas e cidadãos ilustres eram acompanhadas simultaneamente por homenagens aos soberanos. É natural que fossem do agrado das personagens elogiadas, que provavelmente concediam aos poetas alguns favores. Daí que a posição privilegiada dos poetas tenha sido uma constante na história da cultura.

Pelas suas características específicas, não podemos deixar de mencionar um cargo oficial que ainda hoje existe na Grã-Bretanha e que faz parte da tradição cultural desse país. Referimo-nos ao cargo de *Poet Laureate*, título oficial concedido pelo próprio monarca. «*23*» O seu detentor constitui um membro assalariado da casa real britânica, e o primeiro poeta a ser honrado com tal distinção foi John Dryden, que usufruiu do título de 1668 a 1688. Lembramos que os *Poets Laureate* mais célebres são Robert Southey (1813-1843) e William Wordsworth (1843-1850); poetas famosos que recusaram o título são Thomas Gray (1757), Sir Walter Scott (1813) e William Morris (1894), talvez por ser um cargo

intimamente relacionado com o sistema político e social inglês, com o *Establishment*.

Efectivamente, foi o sucessor de Dryden, Thomas Shadwell (1689-1692), quem inaugurou o costume das odes de Ano Novo e aniversários reais, tradição que se manteve entre 1690 e cerca de 1820, tornando-se a principal obrigação do cargo. Deste modo, os poetas laureados tinham de escrever um determinado número de composições laudatórias dedicadas a ocasiões reais e nacionais importantes, tais como coroações, nascimentos e aniversários dos soberanos. São os chamados *occasional verse*, designação que por vezes abarca a elegia e o epitalâmio. (24) De qualquer modo, a forma literária mais utilizada é, sem dúvida, a ode. (25)

Contudo, a partir da nomeação de Wordsworth em 1843 pela Rainha Vitória, o cargo deixou de implicar obrigações específicas, sendo encarado como um cargo honorífico que recompensa a excelência poética.

Qual é o motivo da designação "Poeta Laureado" ? O vocábulo 'laureado' provém do latim *laureatu-*, "ornado de louros". (26) A que se deve a associação de louros com poesia ? Como se explica a coroa de louros como prémio tradicional para os poetas ? A origem reside no mito grego de Apolo (Febo) e Dafne, que podemos sintetizar do seguinte modo: após se apaixonar à primeira vista, Apolo tentou raptar Dafne, que se transformou num loureiro para lhe escapar. Como afirmação eterna do seu amor, Apolo elegeu o loureiro como árvore privilegiada, adornando os cabelos com

as suas folhas. Além disso, ordenou que o louro passasse a adornar os guerreiros valorosos e as frentes dos poetas e triunfadores. (27)

Já na Idade Média, um estudante que terminasse a licenciatura em gramática, retórica e poesia - o *trivium* - era coroado com louros. Tal cerimónia testemunha afinidades com a coroação dos poetas, cerimónia pública ressuscitada em Itália no séc. XIV em imitação do antigo costume grego e latino. (28) Acrescentemos ainda que, dos famosos poetas italianos, apenas Petrarca foi realmente coroado, uma vez que as cerimónias previstas para Dante e Tasso não se chegaram a realizar em virtude da morte dos homenageados. Em rigor, o epíteto 'laureado' só poderá, neste caso, ser aplicado a Petrarca.

No caso particular da Grã-Bretanha, alguns poetas são por vezes chamados laureados, embora não saibamos se foram de facto coroados, e antes de se ter institucionalizado o título de *Poet Laureate*. Entre eles conta-se um certo número de poetas associados com a Corte inglesa, como Chaucer (c. 1345-1400) e Ben Johnson (1572-1637).

Verificamos, portanto, que a prática de honrar os poetas começou bastante cedo. Ainda em relação à Grã-Bretanha, lembramos que já o *scop* anglo-saxónico e o *bard* galês detinham cargos que implicavam uma posição e obrigações semelhantes às do poeta laureado actual.

O estatuto peculiar do poeta é, pois , a area que nos propomos desenvolver de seguida, conferindo especial atenção a Luís de Camões.

**NOTAS**

(1) Podemos indicar os seguintes: Francisco Torrinha, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto, s/d., p.463; Cândido de Figueiredo, *Dicionário da Língua Portuguesa*, vol.I, Lisboa, 1ª1978, p.978; António de Moraes e Silva, *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, vol.II, s/L., 1980, p.389; J.Almeida Costa e A.Sampaio e Melo, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto, 2ª1981, p.527; Tertúlia Edípica (comp.), *Dicionário de Sinónimos*, Porto, 1985, p.442; s/ed., *Longman Synonym Dictionary*, Harlow, 1986, p.348; Philip Babcock Gove (ed.), *Webster's Third New International Dictionary of the English Language*, vol.I, London, 1966, p.747; James A.H.Murray / Henry Bradley / W.A.Craigie / C.T. Onions (eds.), *The Oxford English Dictionary being a corrected re-issue with an introduction, supplement, and bibliography of A New English Dictionary on Historical Principles*, vol.III, Oxford, 1978, p.148; Owen Watson (ed.), *Longman Modern English Dictionary*, s/l., 1976, p.342; E.M.Kirkpatrick (ed.), *Chambers 20<sup>th</sup> Century Dictionary*, s/l., 1983, p.412.

(2) Por exemplo, "Panegyrick; praise; eulogy" são os sinónimos de "encómium" apresentados por Samuel Johnson, *A Dictionary of the English Language: in which the words are deduced from their originals, and illustrated in their different significations by*

*examples from the best writers. To which are prefixed, A History of Language, and An English Grammar, vol.I, London, 1785, s/p.*

- (3) José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*, vol.IV, Lisboa, 1977, pp.291-292.
- (4) *Ibid.*, vol.II, p.398.
- (5) *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol.IX, Lisboa/Rio de Janeiro, s/d., p.667.
- (6) José Pedro Machado, *op.cit.*, vol.II, p.398. Outro ponto a assinalar diz respeito ao facto de termos encontrado duas versões da etimologia de 'encómio': *enkómion*, como vimos, e *egkómion*, tal como *egkomiastikós* para 'encomiástico' e *egkomiastés* para 'encomiasta'. Esta última versão está patente nas entradas dos referidos vocábulos no *Dicionário da Língua Portuguesa* de J.Almeida Costa e A.Sampaio e Melo (v. nota 1) e na *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana*, vol.XIX, Madrid, 1977, p.1186. Julgamos que a indicação fornecida em C.T.Unions (ed.), *The Oxford Dictionary of English Etymology*, Oxford, 1982, p.312, é a mais rigorosa: "...L.encomium - Gr. egkómion...".

- (7) *Webster's Third New International Dictionary*, vol.I, p.747.
- (8) James A. H. Murray et al. (eds.), *op.cit.*, vol.III, p.148.
- (9) Para um melhor conhecimento do universo clássico, remetemos para Werner Jaeger, *Paideia. A Formação do Homem Grego*, Lisboa, s/d., e para Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica*, Lisboa, s/d.
- (10) M.H. Rocha Pereira, "Encómio", in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol.VII, Lisboa, 1977, p.505.
- (11) Para informações mais detalhadas, v. M. H. Rocha Pereira, "Epinício", in *ibid.*, vol.VII, pp.672-673, e J. Ribeiro Ferreira, "Treno", in *ibid.*, vol.XVIII, p.11.
- (12) Para um estudo mais pormenorizado sobre este assunto, v. Maria Helena da Rocha Pereira, *op.cit.* n.9, pp.162-207, e J.M. Edmonds, *Elegy and Iambus*, vol.I, Cambridge (Mass.)/London, 1961, pp.1-38.

- (13) Sobre as características da elegia, consultar, por exemplo, J. A. Cuddon, *A Dictionary of Literary Terms*, s/l., 1979, pp.213-216, Sir Paul Harvey, *The Oxford Companion to Classical Literature*, Oxford/New York, 1984, p.156, John Peck/Martin Coyle, *Literary Terms and Criticism*, London, 1985, pp.30-31, e Northrop Frye/Sheridan Baker/George Perkins, *The Harper Handbook to Literature*, New York..., 1985, p.161.
- (14) "Cypress in Poetry", in *The St. James's Magazine*, vol.XVII, London, August/November 1866, p.211. Interessa todo o artigo, pp.205-212.
- (15) Para mais elementos biográficos sobre Píndaro (522? - 442? a.c.) e sobre as características da ode, em especial da ode pindárica, v. Sir Paul Harvey, *op.cit.*, pp.328-329, J.A.Cuddon, *op.cit.*, pp.460-463, Northrop Frye, *op.cit.*, p.322, John Peck / Martin Coyle, *op.cit.*, pp.55-57, Babette Deutsch, *Poetry Handbook. A Dictionary of Terms*, New York, 1974, pp.109-111, Henry Mourier, *Dictionnaire de Poétique et de Rhétorique*, Paris, 1975, p.791, Philippe Van Tieghem, *Dictionnaire des Littératures*, vol.III, Paris, 1984, pp.2901 e 3060.
- (16) Vítor Manuel de Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, vol.I, Coimbra, 1982, p.377. Ainda a este respeito,

salientamos que Aguiar e Silva, embora consciente do facto de a ode pindárica poder ser considerada um género literário, afirma um pouco mais adiante: "Os géneros literários, por sua vez, podem dividir-se em sub-géneros... a ode tem como subgéneros a ode pindárica,..." (*Ibid.*, p.391). Depreendemos que o autor prefere a designação 'subgénero literário' para a ode pindárica, opinião com a qual concordamos.

- (17) Citado por Vitor Manuel de Aguiar e Silva, *ibid.*, p.339, n.22.
- (18) Aristóteles, *Poética*, Lisboa, s/d., p.72. Como já vimos, os hinos seriam dedicados aos deuses e os encómios aos homens.
- (19) Cf. Aguiar e Silva, *op.cit.*, pp.341-342, Heinrich Lausberg, *Elementos de Retórica Literária*, Lisboa, 1982, pp.83-84, e Wesley Trimpf, *Muses of One Mind. The Literary Analysis of Experience and its Continuity*, Princeton, 1983, pp.6-9.
- (20) Cf. Ernst Robert Curtius, *Literatura Europea y Edad Media Latina*, vol.I, Mexico/Madrid/Buenos Aires, 1981, pp.106-107, 224-231, 235-241. Consulte-se especialmente todo o cap.VIII, "Poesía y retórica". pp.212-241. Cf. também Jacinto Prado Coelho (dir.), "Panegirico", in

*Dicionário de Literatura. Literatura Portuguesa. Literatura Brasileira. Literatura Galega. Estilística Literária*, vol. III, Porto, 1982, pp. 782-786.

- (21) Um panegírico célebre será, por exemplo, o discurso fúnebre de Marco António na peça *Julius Caesar* (1599) de William Shakespeare, cujas primeiras palavras são: "Friends, Romans, countrymen, lend me your ears; / I come to bury Caesar, not to praise him. / The evil that men do lives after them; / The good is oft interred with their bones; / So let it be with Caesar. ..."  
(Acto III, cena II). Contudo, ao contrário do que afirma, a sua intenção é precisamente elogiar César e não o deixar cair no esquecimento após a morte. Alias, o elogio a alguém é sempre encarado como um esforço humano para ultrapassar a barreira da morte.
- (22) Outra hipótese que justifica a distinção entre os conceitos de encómio e panegírico será o primeiro estar mais relacionado com o passado e o segundo com o presente. Esta é a opinião veiculada por Alex Preminger (ed.), "encomium", in *Princeton Encyclopedia of Poetry and Poetics*, London, 1979, p.222, e "panegyric", *ibid.*, p.597. Para informações suplementares sobre a definição de encómio, v. Sir Paul Harvey, *op.cit.*, p.158, J.A.Cuddon, *op.cit.*, pp.218-219, e Northrop Frye, *op.cit.*, p.163; para a definição de panegírico, v. J.A.

Cuddon, *op.cit.*, p.477, Northrop Frye, *op.cit.*, p.333, e Philippe Van Tieghem, *op.cit.*, vol.III, p.2967.

- (23) Após Sir John Betjeman (1972-1984), o actual detentor do cargo é o consagrado Ted Hughes (1984- ). Sobre as características deste título, v. Kenneth Hopkins, *The Poets Laureate*, London, 1954, e ainda J.A.Cuddon, *op.cit.*, p.516, Northrop Frye, *op.cit.*, p.356, e *The New Encyclopaedia Britannica in 30 Volumes. Micropaedia*, vol.VIII, Chicago..., 1<sup>ª</sup>1981, p.62.
- (24) Um epitalâmio é uma ode lírica honrando um casal de noivos. Píndaro foi um dos poetas que utilizou esta forma literária. Cf. Northrop Frye, *op.cit.*, pp. 176 e 321, J.A.Cuddon, *op.cit.*, pp.240 e 458, e John Peck / Martin Coyle, *op.cit.*, pp.33-34.
- (25) V. nota 15. É evidente que muitas odes laudatórias não foram escritas por Poetas Laureados. A título de curiosidade, recordamos o caso de Edward Quillinan que, a pedido do seu sogro William Wordsworth (na época, como vimos, detentor do título *Poet Laureate*), escreve uma ode laudatória ao Príncipe Alberto, marido da Rainha Vitória: "Ode on the installation of His Royal Highness Prince Albert as chancellor of the University of Cambridge", 1847. Em todo o caso, as funções de Poeta Laureado deviam revestir-se de um interesse

particular para Quillinan que, em 1848, publica anonimamente o artigo "Laurels and Laureates", in *Blackwood's Edinburgh Magazine*, vol.LXIV, nº 394, Edinburgh, August 1848, pp.220-232.

(26) José Pedro Machado, *op.cit.*, vol.III, p.392.

(27) Sobre este mito, consulte-se, por exemplo, Mario Meunier, *La Légende Dorée des Dieux et des Héros. Nouvelle Mythologie Classique Illustrée*, Paris, 1980, pp.45-47. Sobre as características de Apolo, v. Mario Meunier, *ibid.*, pp.43-53, Yves Bonnefoy, *Dictionnaire des Mythologies et des Religions des Sociétés Traditionnelles et du Monde Antique*, vol.I, Paris, 1981, pp.50-55, e Pierre Lavedan, *Dictionnaire Illustré de la Mythologie et des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, 1931, pp.73-81.

(28) Cf. "Coronation of the Poets", in *The New Encyclopaedia Britannica in 30 Volumes. Micropaedia*, vol.III, Chicago..., 1981, p.162.

CAPÍTULO II

CAMÕES - HOMEM, POETA E VATE

Vimos no capítulo anterior que o poeta se podia distinguir por prestar homenagem a outros homens e também por recebê-la, ou seja, o poeta podia ser autor e objecto de encómio. Mencionámos ainda que o encómio como forma literária teve origem na lirica coral grega, pretendendo celebrar seres humanos e estabelecendo correspondência com ideais de glória e imortalidade.

Lembramos que o termo 'lirismo' provém de 'lira', instrumento que acompanhava o canto. Uma vez que o canto se encontrava associado às cerimónias rituais, uma das acepções da poesia era celebrar, festejar, cantar. Por isso o poeta falava, contava e homenageava, cantando -- existia uma identificação inicial entre poesia e canto, entre poeta e cantor.

Está esboçado o estatuto peculiar do poeta: a afirmação estereotipada de que o poeta é um homem diferente de todos os outros homens transmite de facto uma convicção enraizada ao longo da história cultural. Como ponto de partida, devemos recorrer aos conceitos clássicos sobre a poesia e o poeta.

É praticamente impossível elaborar uma definição integral sobre o que é a poesia, por tradição encarada como um fazer e um dizer que representa também um saber e, como tal, um poder. Facilmente se compreende que a poesia tenha ocupado um lugar fundamental na sociedade humana visto que, a partir da sua utilização como mero instrumento lúdico, podia ser transformada num poderoso meio de comunicação ou persuasão.

Parecem-nos elucidativas as palavras de Aguiar e Silva:

Poeta - LIT. De acordo com a origem gr. da palavra... P. é aquele que faz, aquele que cria. Concebido ora como um ser em relação privilegiada com o sagrado e com o transcendente, ora como *artífex*, como experiente detentor de uma técnica específica; conceituado ora como um vidente, ora como porta-voz e intérprete das multidões, ora como hábil cultor de uma activ. lúdica, ora como um indivíduo narcisicamente refugiado em si próprio -- o P. assume múltiplas e desencontradas encarnações ao longo da hist., escapando a qualquer tentativa simplista de definição. Desde o *aedo* da Grécia primitiva ao *bardo* dos Celtas e ao *trovador medieval*, o P. aparece-nos intimamente ligado às artes da mús. e do canto. A importância desta ligação, diminuída com a invenção da imprensa, tende a reaparecer na moderna civilização de massas, dominada por meio de comunicação audiovisual. (1)

Além da estreita relação entre poesia e música, a que já fizemos alusão, Aguiar e Silva menciona as múltiplas encarnações que o Poeta assume ao longo dos tempos e que nos parecem sintetizadas nas dicotomias *Natura/Ars* e *Poeta/Vate*, dicotomias estabelecidas quanto à obra e quanto à função do poeta.

A nosso ver, impõe-se uma panorâmica da noção de poeta para autores clássicos como Platão, Aristóteles, Horácio e Longino, bem como para teóricos ingleses como Sidney, Wordsworth e Shelley, cujos conceitos se reflectiram na literatura e cultura universais.

Para Platão, a poesia decorre da inspiração divina, opinião semelhante à de Aristóteles, para quem a poesia é um dom natural e o poeta um feitor nato. Horácio, porém, considera um bom poeta aquele que alia a *Natura* ou *Ingenium* a *Ars* ou *Studium*. Por outras palavras, o talento natural é indispensável mas deve ser enriquecido com a técnica. Em contrapartida, Longino sobrepõe o talento à técnica. Daí que, posteriormente, a corrente literária neoclássica tenha adoptado de Horácio apenas a defesa da *Ars* e a corrente literária romântica tenha recorrido a Longino para sustentar a apologia do *Ingenium*, termo facilmente modificado para Génio.<sup>(2)</sup>

Além da polémica sobre o meio de concretizar a obra poética, existia ainda a divergência quanto aos objectivos da poesia.<sup>(3)</sup> De novo Horácio opta por uma solução de consenso, defendendo que a poesia devia ser lúdica mas também utilitária. Nesse sentido, sugere uma linha de acção que ultrapassa o 'eu' do poeta ao realçar o seu papel público, representativo de uma função social. Assim, o conceito de Poeta, limitado ao 'eu' é alargado ao conceito de Vate, extensivo ao 'outro'.

Convém esclarecer que o vate pode desempenhar a sua função social quer por meio do talento natural, quer por meio da técnica adquirida, quer associando ambos os elementos. Contudo, a ideia de vate está mais próxima da inspiração divina defendida por Platão -- o vate ganha uma dimensão

sagrada que o assemelha ao profeta. Aliás, o vocábulo 'vate' é apontado como sinónimo de 'poeta' e 'profeta'. <sup>(4)</sup>

Estes aspectos podem ainda ser integrados num contexto temporal. Por um lado, a acção do poeta recai essencialmente no passado e presente, enquanto a do vate se estende sobretudo ao futuro. Por outro lado, num plano superior à distinção poeta-vate encontra-se o que nos parece ser o âmago da questão: a procura da imortalidade.

O Homem travou desde sempre uma luta contra a transitoriedade da vida e a efemeridade das realizações materiais. Os poetas greco-romanos interrogaram-se sobre a melhor via para obter a imortalidade e concluíram que o garante mais seguro da imortalidade é a glória obtida com a criação literária. Com efeito, a obra poética é mais duradoura que qualquer outra manifestação artística, é um monumento mais resistente que qualquer outro. Deste modo, tanto o autor como o assunto por ele escolhido ganham fama perpétua. A glória do poeta é a única condição da glória dos heróis. Numa palavra, a única recompensa digna do poeta é a glória. <sup>(5)</sup>

Como se pode verificar, torna-se lícito concluir que o conceito de encómio se integra de modo privilegiado nos ideais de imortalidade e glória subjacentes ao acto de fazer poesia. Ao longo da Idade Média, os poetas, trovadores e menestrelis utilizavam tanto o encómio nacional como o encómio personalizado. Com efeito, os principais encómios dirigiam-se aos patronos e a temática era pouco variada: elogio do patrono, sobretudo da sua generosidade pessoal e valentia em

batalha, e tributo à glória dos seus antepassados. Podemos dizer que os tópicos temáticos estavam bem definidos e eram utilizados de uma forma quase mecânica. “=”

Durante o Renascimento, a ênfase incide nos elementos intelectuais da poesia. O poeta é encarado como “maker”, como feitor, como um modelo ou exemplo a seguir, e sobretudo como moralizador e instrutor da Humanidade. É notória a associação poeta-vate-profeta, visto o poeta desempenhar uma profunda função social e pedagógica como orientador dos homens. Deve instruir divertindo, segundo o preceito “to delight and to teach”. Para cumprir esse objectivo, deve completar a inspiração com o trabalho, ideais já enunciados na Antiguidade, como vimos. Os homens do Renascimento são particularmente sensíveis aos ideais de decoro e equilíbrio e, como tal, ao papel do poeta como persuasor através da moderação e perfeição. Estas linhas teóricas de Horácio são retomadas na crítica literária inglesa dos séculos XVI e XVII.

Devemos destacar o nome de Sir Philip Sidney, autor de *An Apologie for Poetrie*, também conhecida por *The Defence of Poesie*, publicado em 1595. Nela defende o poeta como o primeiro dos homens, colocando-o acima do historiador e filósofo, por possuir inspiração sobrenatural. Sidney recorda que todas as nações respeitam os poetas, apesar das diferentes designações:

Even among the most barbarous and simple Indians where no writing is, yet have they their Poets, who make and sing songs

which they call *Areytos*,... In Wales,... they had Poets, which they called *Bardes*...

Among the Romans a Poet was called *Vates*, which is as much as a Diviner, Fore-seer, or Prophet,...

And may not I presume a little further, to shew the reasonableness of this worde *Vates* ?...

But... The Greekes called him a Poet, which name, hath as the most excellent, gone thorough other Languages. '>'

A propósito de questões de terminologia, parece-nos apropriado mencionar o papel do poeta na tradição celtica, influente na cultura britânica. Enquanto a tradição latina distingue poeta e vate, a céltica distingue poeta e bardo. A cultura céltica concedeu ao bardo um estatuto semi-mágico, semi-mítico, tipificado na Europa pela lenda de Orfeu.

O bardo era cantor e poeta, incumbido da função oficial de celebrar acontecimentos nacionais -- em particular, as acções heróicas e as vitórias. Podemos dizer que o termo 'bardo' se aplicava ao poeta heróico, embora abrangesse qualquer poeta.

Cabe realçar que na sociedade irlandesa havia duas classes de homens responsáveis por composições literárias e musicais: os *bards*, cuja função era compor poemas em louvor dos seus senhores, e os *filid*, que além de serem poetas eram detentores de certos poderes sobrenaturais -- a palavra *filid* significava *seers*, isto é, videntes ou profetas. Portanto, o *bard* era um poeta encomiástico, associando-se o dom profético ao *filid*, também ele incumbido de compor encomios ou

panegíricos. Com a chegada do Cristianismo, os atributos mágicos dos *filid* foram menosprezados mas a tradição bardica prosseguiu durante toda a Idade Média no País de Gales, Escócia e Irlanda. Ainda hoje se organiza no País de Gales uma assembleia de bardos, denominada *Eisteddfod*, reunindo-se em festival ou concurso para trabalhos literários, musicais ou dramáticos. O *Eisteddfod* tornou-se, alias, o mais importante festival cultural da região. (13)

O termo 'bardo' foi particularmente utilizado após a publicação do poema pré-romântico *The Bard*, de Thomas Gray, em 1757.

Para o título da sua obra, Gray baseou-se na lenda segundo a qual o rei Edward I, após completar a conquista do País de Gales, mandou executar todos os bardos. Tal facto deveu-se à convicção que os bardos ou poetas eram capazes de encorajar o espírito de resistência nacional contra os tiranos. O Bardo é entendido, portanto, como o poeta do desafio, da justiça, da verdade -- linha conceptual muito próxima do visionário ou profeta, poderoso mesmo quando caído em desgraça.

Em síntese, a tradição vática ou profética e assimilada como tradição bárdica na cultura britânica.

O Romantismo é uma época especialmente importante na concepção do poeta-bardo (vate) - profeta.

A partir do momento em que o poeta é concebido como um homem que toma parte activa nos acontecimentos, parece-nos lógico que prossigam os debates sobre o conceito de poesia

como actividade simultaneamente ludica e utilitaria, bem como sobre os conceitos de *Ars* e *Ingenium*. Já aludimos ao facto de o vocábulo *ingenium* ser facilmente convertido em 'genio' ou *genius*. É o que sucede na época romântica em que, de uma forma metonímica, se refere o portador de uma qualidade através dela: uma vez que o poeta possui génio poético, um Poeta e um Génio. <sup>(9)</sup>

Enquanto o poeta do Renascimento valoriza os elementos intelectuais e se deixa dominar pela Razão, o poeta do Romantismo valoriza os elementos emocionais e a espontaneidade. É o que diz Wordsworth no Prefácio a *Lyrical Ballads*: "... all good poetry is the spontaneous overflow of powerful feelings...". <sup>(10)</sup> O debate chega a ser alargado à distinção entre o talento, algo que pode ser adquirido, e o verdadeiro génio, entendido como dom natural inspirado por um poder superior.

Assim, a poesia é fruto de inspiração divina e expressão da imaginação criativa em todos os domínios. Por outras palavras, a inspiração não deve ser moldada nem censurada por preceitos de ordem técnica visto que o génio, fundamento da criação poética, está alheio ao domínio da Razão. Em *A Defence of Poetry*, obra de 1821, Shelley afirma:

Poetry is indeed something divine. ...Poetry is not like reasoning, a power to be exerted according to the determination of the will. A man cannot say, 'I will compose poetry.' The greatest poet even cannot say it; for the mind in creation is as a fading coal, which some invisible influence, like an inconstant wind, awakens to transitory brightness; this power arises from

within,... I appeal to the greatest poets of the present day, whether it is not an error to assert that the finest passages of poetry are produced by labour and study. (11)

Estas palavras sobre o carácter excepcional da inspiração poetica servem de suporte ao estatuto do poeta como ser singular, provido de dons profeticos e pedagogicos.

Vejamos as afirmações de Wordsworth acerca do assunto:

Poetry is the breath and finer spirit of all knowledge;... Emphatically may it be said of the Poet, as Shakespeare hath said of man, 'that he looks before and after.' He is the rock of defence of human nature; an upholder and preserver, carrying every where with him relationship and love. ... Poetry is the first and last of all knowledge -- it is as immortal as the heart of man. (12)

A concepção do poeta como seer, vidente, profeta, legislador, é enfatizada por Shelley:

... poets... are the institutors of laws and the founders of civil society, and the inventors of the arts of life, and the teachers... Poets... were called, in the earlier epochs of the world, legislators or prophets: a poet essentially comprises and unites both these characters. For he not only beholds intensely the present as it is,... but he beholds the future in the present,... A poet participates in the eternal, the infinite, and the one;... Poets are the hierophants of an unapprehended inspiration; the mirrors of the gigantic shadows which futurity casts upon the present; the words which express what they understand not; the trumpets which sing to battle and feel not what they inspire; the influence which is moved not, but moves. Poets are the unacknowledged legislators of the world. (13)

Esta figura tão carismática e, afinal, um homem, embora distinto de todos os outros:

What is a Poet ?... He is a man speaking to men: a man, it is true, endued with more lively sensibility, more enthusiasm and tenderness, who has a greater knowledge of human nature, and a more comprehensive soul, than are supposed to be common among mankind;... (14)

Tais considerações de Wordsworth estão embuídas de um imenso orgulho na afirmação da diferença do poeta. A ênfase na originalidade do artista e na sua personalidade única concretiza-se numa consciência narcisista de si próprio.

A constatação de Marilyn Butler parece-nos apropriada:

The first three decades of the nineteenth century saw the emergence of a heightened interest in the personality of the artist, evidenced in the phenomenal spate of biography. ... But where the poet was the subject, something more than curiosity was conveyed: a taste was beginning to emerge to see the artist as a *hero*,... (16)

É neste contexto que se integra o herói romântico, sobretudo segundo o modelo byroniano e mito prometeico. O herói é, acima de tudo, um rebelde instigado por profundas paixões e submetido a terríveis sofrimentos. A título de curiosidade, recordamos que o padrão do sofredor que perdoa ao tirano e que, temporariamente vencido, acaba por ficar vencedor, aproxima o mito de Prometeu da figura de Jesus Cristo.

Devemos assinalar ainda que a hipersensibilidade do romantico chega para o demarcar de todos os outros homens e fá-lo assumir uma dimensão verdadeiramente heróica: a sua capacidade de sentimentos é extraordinaria, o que lhe permite ser tanto infinitamente feliz como totalmente infeliz. Estas noções estão relacionadas com o que designamos por consciencia narcisista de si proprio: so um ser de eleição é capaz de atrair a maior das felicidades e a mais desgraçada das desventuras. Assim se cumpre o destino grandioso e excepcional do poeta.

Por tudo isto, torna-se compreensivel a exaltação romântica do poeta genial, desgraçado e perseguido pela sociedade, condenado a solidão e incompreendido pelos outros homens, desafiando o proprio Destino -- o poeta é simbolo da aventura titanica do homem.

Dai o interesse do Romantismo pelas figuras que respondiam a estes quesitos. Em particular, devemos realçar o fascínio dos românticos ingleses pela historia e lenda de Luis de Camões.

Vejamos os motivos que, em nossa opiniao, despertaram a curiosidade britanica por Camões como Homem, Poeta e Vate, conceitos que se diferenciam a nivel tecnico mas que acabam por estar intrinsecamente relacionados, como vimos.

Comecemos por empregar a noção de Homem na sua acepção corrente. O poeta é, em primeira instancia, um homem, simultaneamente protagonista de uma vivência pessoal e autor de uma obra poetica. Embora possam ser tomados como elementos

independentes, o certo é que, no caso de Camões, o binómio vida-obra parece estar omnipresente em qualquer comentário. De facto, as aptidões artísticas servem, por si so, para diferenciar o poeta dos outros homens, ao não serem acessíveis a todos. Por outro lado, a vivência individual do poeta pode ser mais ou menos rica de pormenores que contribuem de algum modo para a feitura da obra -- e essa a concepção romântica do homem-poeta, segundo a qual quanto mais privações e sofrimentos experimentados, maior capacidade e genialidade poética.

Basta pensarmos em Camões como Homem para nos vir a ideia uma vida repleta de aventuras e infortúnios. A perspectiva biográfica foi utilizada pelo gosto britânico, sobretudo com a exploração sentimental romântica, que interpretou Camões como herói de uma existência atribulada e como exemplo de Bardo ou Genio.

Julgamos apropriado salientar um artigo de 1857, cujo título sintetiza a opinião mais divulgada sobre Camões: "Soldier, Poet, and Beggar". No longo artigo, o autor apresenta uma lista de poetas a quem o mundo tinha abandonado e a quem só tardiamente prestou homenagem. Luis de Camões, mencionado como "our hero", é apresentado como exemplo notável de uma vida de martírio. Spender afirma mesmo que, seguramente, é a ele que Beattie se refere nos conhecidos versos de *The Minstrel*:

Ah, who can tell how many a soul sublime  
Has felt the influence of malignant star,  
and waged with fortune an eternal war ! (18)

É expressiva a imagem do homem como vítima heroica do destino, com quem trava uma luta constante -- ideia sem dúvida passível de ser aplicada a Luís de Camões. Contudo, tivemos oportunidade de verificar que o seu nome não é referido por James Beattie, escritor escocês bastante considerado na época e autor de *The Minstrel; or, The Progress of Genius. A Poem*, obra escrita em 1768 e publicada anonimamente em 1771. ...

Conseguimos, porem, encontrar uma obra dedicada aos poetas infelizes que menciona em concreto o nome de Camões. Trata-se da obra de John Hunter, *A Tribute to the Manes of Unfortunate Poets, in four cantos; with Other Poems on various subjects*, cuja 1ª edição data de 1798. Eis o início do excerto alusivo ao poeta português:

O ! Give me one whose genius free  
His timid bondsman scorns to be,  
Who nobly ranges uncontroul'd  
Like Camoens artless, wild and bold. (20)

Parece-nos significativo que o termo *manes* signifique as almas divinizadas dos mortos, entre os Romanos.

Este carácter humano-divino do poeta permite-nos estabelecer ligação com a distinção entre Poeta e Vate. Recapitulemos as conclusões a que tínhamos chegado: o Poeta

fala de si e das suas proprias experiencias ou das alheias, mas filtradas pela sua perspectiva; o Vate e a extensao social do Poeta, exerce uma funcao pedagogica por ter o poder de modificar o mundo através da sua capacidade de previsao e vaticinio, qualidades de Profeta. O Vate pode representar, assim, a expressao maxima do Poeta por enquadrar os tres vectores, poeta-vate-profeta, aos quais esta subjacente, como e obvio, o homem.

Aplicando estes considerandos a Luis Vaz de Camões, podemos dizer que a obra do Poeta, expressando o seu 'eu', se materializa melhor na obra lirica, enquanto que a obra do Vate, transmitindo o seu vinculo social, se manifesta mais claramente na obra epica -- o que não implica a inexistência de veia vática na lirica e veia poética em *Os Lusíadas*.

Um aspecto que interessa ressaltar, visto se encontrar relacionado com a base do nosso trabalho, e o conteudo de imortalidade e glória subjacente ao conceito de obra poetica. A poesia acaba por ser um acto social e por isso, segundo o nosso raciocinio, mais proximo da actividade vatica. O poeta-vate goza do privilegio de se imortalizar a si proprio e ao objecto cantado, sobretudo se este for celebrado, isto e, reforçado por um conteudo laudatorio.

Recordamos que um dos topicos primordiais da poesia encomiastica e a homenagem a cidade ou pais de um cidadao illustre e, por extensao, do proprio poeta. Dai que se associe a gloria do poeta a gloria do pais por ele cantado e perpetuado. Como consequencia resulta a noção, simultaneamente

abnegada e orgulhosa, de que o premio suficiente do poeta e ter cantado as glorias do seu povo.

Deste modo, o poeta-vate-profeta pode ser encarado como representante de um povo glorioso ou oprimido, pode manter o sentido de identidade nacional e pode ate encorajar o espirito de resistência a um eventual agressor.

Tendo em consideração a obra camoniana, não podemos deixar de salientar *Os Lusíadas* como fruto de uma actividade vática. A simples menção desta obra e suricientemente valida para garantir a glória do seu autor, numa relação dialectica com a gloria dos seus heróis, do seu povo e do seu pais -- e irequente a simples definição de Camões como "the poet of Portugal" por autores ingleses.

Portanto, não podemos esquecer que estamos perante uma obra de profundo conteudo encomiastico, quer para o seu autor, quer para o seu assunto.

Porém, o reconhecimento do valor do poeta-vate pode ser tardio. Como ja mencionámos, o verdadeiro genio é inieliz e incompreendido pelos contemporâneos. Podemos, mais uma vez, apontar o exemplo de Camões, devidamente consagrado no seu proprio pais apenas no tricentenario da sua morte. Disso nos dá conta o epitáfio de Narciso J. de Moraes, escrito em ingles e datado do Porto, 9 de Abril de 1880:

Say why's the good, the wise man praised,  
Why only loved beyond the tomb ?  
Since after death Remorse awakes  
To deck his name with endless bloom. (22)

A ideia generalizada da época era que o séc. XVI tinha permitido que Camões morresse de fome, enquanto o séc. XIX lhe oferecia a justa apoteose. Teófilo Braga justifica:

O genio de um escriptor, não se revela completamente pela sua obra, nem esta se aprecia pela belleza a que da expressão; mas pela sympathia social, que desperta, e que é a sua consagração,... a sympathia social pela obra de Camões augmentou de intensidade, chegando ao ponto de identificar-se com o sentimento nacional. E o momento sublime e claramente comprehendido d'essa identificação, foi a festa triumphal do terceiro centenario de Camões. N'esta comprehensão a sciencia europêa precedera-nos estudando Camões como o symbolo da civilisação portugueza. (23)

A identificação do genio camoniano com o sentimento nacional integra-se no seguimento do que dissemos sobre a concepção do poeta-vate. As palavras de Teófilo Braga são suficientemente elucidativas: "Cada povo escolhe o génio que é a síntese do seu caracter nacional". (24)

Como podemos verificar, é difficil falarmos do interesse por Camões como Homem sem mencionarmos o Poeta, com as implicações vaticas, bardicas ou proféticas que lhe estão inerentes. Tomada como um todo, a figura de Luis de Camões congregava os elementos necessarios para exercer uma forte atracção no espirito inglês. George West considera que a influencia de Camões pode ser dividida em três fases, através do Camões épico, romântico e lirico. (25) Por outras palavras,

podemos dizer que os polos de interesse quanto a Camões focalizaram a obra épica, a sua própria vivencia e a obra lírica.

Concluída a apresentação dos motivos gerais que, em nossa opinião, tornavam possível o interesse britânico pelo poeta português, vejamos o modo como tomaram forma as homenagens a Camões em língua inglesa.

**NOTAS**

- (1) V.M. de Aguiar e Silva, "Poeta", in *Enciclopedia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. XV, Lisboa, s/d., p.367.
- (2) Cf. Jose Pedro Machado, "Genio", in *Dicionario Etimologico da Lingua Portuguesa com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocabulos estudados*, vol.III, Lisboa, 1977, p.142.
- (3) Para compreensão de toda esta problemática, consultar *Ion e A Republica* de Platão, *Poetica* de Aristoteles, *Arte Poetica* de Horacio e *O Tratado do Sublime* de Longino; e, por exemplo, T.S. Dorsch (ed.), *Classical Literary Criticism. Aristotle, Horace, Longinus*, New York, 1978.
- (4) Cf. Tertulia Edipica (comp.), "vate", in *Dicionario de Sinonimos*, Porto, 1985, p. 1096; Jose Pedro Machado, "vate", in *op.cit.*, vol.V, p.379; e Antonio Geraldo da Cunha, "vate", in *Dicionario Etimologico Nova Fronteira da Lingua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1987, p.812.
- (5) Cf. Maria Leonor Carvalhão Buescu, *Aspectos da Herança Clássica na Cultura Portuguesa*, Lisboa, 1979.
- (6) Sobre tópicos encomiásticos recorrentes, v. Ernst Robert Curtius, *Literatura Europea y Edad Media*

*Latina*, vol.I, Mexico / Madrid / Buenos Aires, 1981, pp.231-241 e 254-256; sobre o estatuto do poeta medieval, v.*id.*, "Modo de existencia del poeta medieval", in *ibid.*, vol. II, pp.660-666.

- (7) Sir Philip Sidney, *An Apologie for Poetrie*, London, 1595. Apud Ernest Rhys (ed.), *The Prelude to Poetry. Essays and Comments by the Poets on Their Own Art. The English Poets in Defence and Praise of Their Own Art*, London / Toronto / New York, 1927, pp.12-14.
- (8) Cf. Jose Pedro Machado, "bardo", in *op.cit.*, vol.I, p.393; J.A.Cuddon, "bard", in *A Dictionary of Literary Terms*, s/l., 1979, p.74; Northrop Frye / Sheridan Baker / George Perkins, "bard", in *The Harper Handbook to Literature*, New York ..., 1985, p.62; e Barry Cunliffe, "The Bards", in *The Celtic World*, London / Sidney / Toronto, 1979, pp.182-183.
- (9) Cf. Logan Pearsall Smith, "Four Words : Romantic, Originality, Creative, Genius", in *Tracts*, vol.II, Oxford, 1924.
- (10) William Wordsworth, "Preface", in *Lyrical Ballads*, London, 1802. Apud W.R.Owens (ed.), *Romantic Criticism*, London, 1985, p.12.

- (11) Percy Bysshe Shelley, *A Defence of Poetry*, London, 1821. *Apud ibid.*, p.74.
- (12) W. Wordsworth, *op.cit.* *Apud ibid.*, p.16.
- (13) P.B. Shelley, *op.cit.* *Apud ibid.*, pp.65 e 76.
- (14) W. Wordsworth, *op.cit.* *Apud ibid.*, pp.14-15.
- (15) V. por exemplo H.G.Schenk, "The Cult of the Ego", in *The Mind of the European Romantics. An Essay in Cultural History*, Oxford / New York / Toronto / Melbourne, 1979, pp. 125-151.
- (16) Marilyn Butler, *Romantics, Rebels and Reactionaries. English Literature and its Background, 1760-1830*, Oxford / New York / Toronto / Melbourne, 1981, p.2.
- (17) E. Spender, "Soldier, Poet, and Beggar", in *The National Magazine*, vol.I, London, 1857, pp.172-174.
- (18) *Ibid.*, p.172.
- (19) (James Beattie), *The Minstrel; or, The Progress of Genius. A Poem*, London / Edinburgh, 1771. O excerto citado na n.18 encontra-se in *ibid*, estrofe 1, p.1. A segunda parte da obra foi publicada em 1774.

- (20) John Hunter, "Canto III", in *A Tribute to the Manes of Unfortunate Poets, in four cantos; with Other Poems on various subjects*, London, 1802, p.57. O excerto elogia o episódio do Adamastor e menciona os infortúnios da vida de Camões -- cf. *ibid.*, pp.57-63.
- (21) V. por exemplo o artigo de F.G. Walters, "The Poet of Portugal", in *The Gentleman's Magazine*, vol.CCLXVI, London, May 1889, pp.512-518. O autor enfatiza os constantes infortúnios biográficos de Camões e salienta a realização de *Os Lusíadas*.
- (22) Narciso J. de Moraes, "Epitaph". in *Portugal a Camões. Publicação extraordinária do Jornal de Viagens comemorando o tricentenário do cantor dos Lusíadas*, Porto, 10 de Junho de 1880, p.9.
- (23) Teófilo Braga, *Camões e o Sentimento Nacional*, Porto, 1891, pp.265-266.
- (24) *Id.*, *Os centenários como síntese afectiva dos povos*, Porto, 1884, pp.4-5. *Apud* J.S. da Silva Dias, *Camões no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, 1981, p.54. Para opiniões de intelectuais portugueses sobre a efemeride do 10 de Junho, v. AAVV, *Camões e a Identidade Nacional*, Lisboa, 1983.

- (25) Cr. S. George West. "Luiz de Camões e o Romantismo Inglês", in *Revista Portuguesa*, Lisboa, Junho 1939, p.24.

CAPÍTULO III

HOMENAGENS A CAMÕES EM LÍNGUA INGLESA

Apos termos visto em que consiste o conceito de encomio e os motivos que, em nossa opiniao, suscitaram o interesse britânico por Camões como homem, poeta e vate, cabe agora analisar e comentar o modo como tomaram forma os encomios camonianos em lingua inglesa.

Em primeiro lugar, devemos afirmar que podemos considerar todas as variantes dos estudos camonianos embuidas de uma intenção encomiástica -- em qualquer estudo, análise ou mera referência esta implicito um acto laudatorio.

Seguindo este raciocinio, que assume o conceito de encomio numa acepção mais vasta que a habitual, teriamos de tomar em consideração uma larga faixa de material. Varios elementos seriam indispensaveis como constituintes de uma atitude encomiástica em relação a Luis de Camões: todas as traduções da sua obra e as diversas reedições, como indice da reacção do público em geral; a inclusão do seu nome nas obras não só dos criticos mais conhecidos, mas ainda daqueles cujas opiniões foram significativas na época em que viveram, embora hoje estejam esquecidos; o maior ou menor espaço ocupado por comentarios em obras de caracter geral ou exclusivamente dedicadas ao poeta portuguez; o numero das referencias as suas obras e das citações de excertos camonianos; o aproveitamento dos seus temas e influencias em autores britânicos, etc.

Em suma, só poderiamos traçar um quadro da encomiástica camoniana em lingua inglesa se, além de analisarmos os chamados poemas encomiásticos, tivéssemos em atenção as diversas modalidades dos estudos camonianos -- em

linhas gerais, as traduções e os trabalhos biográficos críticos, de carácter informativo e bibliográfico, quer em monografias, quer em obras de maior amplitude. Além disso, não poderíamos esquecer os trabalhos de ordem hemerográfica (estudos e artigos, recensões e notícias em publicações periódicas) e iconográfica (quadros, gravuras, imagens).

Não pretendemos, contudo, apresentar uma panorâmica exhaustiva de todos estes elementos. Procedemos a um critério de selecção que visa uma abordagem geral dos tópicos mencionados, atribuindo a cada um o destaque proporcional a sua importância e interesse como elementos constitutivos de um contexto mais vasto, englobante do aspecto que pretendemos realçar: os poemas encomiásticos, alusivos ou inspirados em Luis de Camões, designação que abarca tanto os poemas dedicados a Camões como os poemas sobre Camões.

Pretendemos demonstrar que os poemas encomiásticos constituem um dos veículos mais verdadeiros e genuínos de homenagem ao poeta português. Além disso, importa frisar que eles precedem, acompanham e reflectem as tendências gerais dos estudos camonianos em língua inglesa. Seguimos, tanto quanto possível, uma perspectiva cronológica, embora privilegiemos as grandes linhas inspiradoras de encómios, quer a nível formal e tipológico (traduções, composições em verso, textos dramáticos), quer a nível de conteúdo temático, do qual elaboramos uma síntese.

A selecção e apresentação do *corpus* textual segue um critério pessoal: optamos por integrar no próprio texto as

composições que nos parecem mais significativas por motivos cronológicos, formais ou temáticos, acrescentando em Apendice as composições que nos parecem menos importantes ou demasiado extensas. As composições são mencionadas pelo primeiro verso ou pelo título, quando existe.

O nosso objectivo é, pois, por um lado interpretar a encomiástica numa acepção lata que envolve as manifestações de índole diversa que formam o todo a que se convencionou chamar "culto a Camões"; por outro lado, salientar concretamente as composições encomiásticas, por vezes tão injustamente esquecidas no âmbito dos estudos camonianos.

## 1. DO SÉCULO XVII AO SÉCULO XIX

Iniciamos a nossa exposição verificando que o primeiro encomiasta inglês é simultaneamente o primeiro tradutor de Camões para língua inglesa. Falamos de Sir Richard Fanshawe e da sua tradução de *Os Lusíadas*, publicada em 1655. <sup>(1)</sup> A Inglaterra é, pois, uma das primeiras nações a conhecer o poema épico português, visto que a versão de Fanshawe constitui a quarta edição europeia de *Os Lusíadas*, sendo as anteriores quinhentistas e publicadas em Espanha. <sup>(2)</sup>

O desconhecimento da obra e do seu autor nos círculos literários ingleses pode ser explicado por motivos de ordem linguística e político-cultural. No séc. XVII, a importância da língua portuguesa a nível comercial estava plenamente reconhecida. O conhecimento do português, considerado fundamental para os marinheiros e mercadores, não abrangia, contudo, as áreas do saber erudito e poético. O próprio Richard Fanshawe estranha que se encontre um poeta como Camões e um tesouro como *Os Lusíadas* "in so uncourted a language, as that of Portugall". <sup>(3)</sup> Por outro lado, a mais antiga Aliança do mundo, celebrada entre Portugal e a Inglaterra em 1373, tinha atravessado momentos de crise no séc. XVI que se prolongaram ao séc. XVII. <sup>(4)</sup> De facto, a época isabelina tinha vivido intensamente a afirmação nacionalista por meio da religião anglicana e da conquista dos mares. Por isso os portugueses, além de católicos, eram encarados como aliados mais fracos na luta contra a Espanha, situação que se agudizou

em 1580 com a anexação política que associou Portugal ao inimigo espanhol.

Recuperada a independência portuguesa em 1640, seria de esperar um retorno às boas relações entre ambos os países. Tal não sucedeu devido ao conflito civil que assolou a Inglaterra entre 1642 e 1648, culminando com a implantação da República em 1649. Um país católico e monárquico não podia ser bem encarado por ingleses republicanos e puritanos, daí que a Aliança só tenha sido reactivada com a Restauração da monarquia inglesa em 1660. Assim se explica que uma obra como *Os Lusíadas*, epopeia sobre feitos marítimos, tenha passado despercebida a um povo com uma profunda e contínua relação com o mar, ligação que constitui até uma característica cultural etnossociológica.

Podemos dizer que todas estas circunstâncias concorreram para o interesse de Sir Richard Fanshawe por Portugal. Em 1623, ainda muito jovem, visita Madrid para começar a aprender a língua, o que o ajuda nas suas funções de secretário da embaixada inglesa na capital espanhola, a partir de 1635. A sua descoberta de Luís de Camões terá sido consequência da publicação da obra de Faria e Sousa em Madrid, em 1639. *Fiel Royalist*, regressa a Inglaterra quando estala a guerra civil, tomando o partido de Charles I e desempenhando importantes missões diplomáticas em Espanha e França, as grandes potências monárquicas e católicas, no sentido de obter auxílio para o rei. Feito prisioneiro pelas Forças de Cromwell em 1651, é obrigado a fixar residência durante dois anos numa

propriedade no Yorkshire. A essa inactividade torçada se deve a tarefa de empreender a tradução de *Os Lusíadas*.

Este trabalho foi alvo de opiniões dispares, em geral desfavoráveis, e não alcançou grande repercussão, nem mesmo em Inglaterra. (66) Não pretendemos discutir o valor literário da tradução que, no entanto, é necessariamente citada como ponto de partida para o interesse britânico por Luis de Camões. Sobretudo, cabe-nos realçar o mérito de ser a fundadora de diversos aspectos encomiásticos retomados e desenvolvidos posteriormente.

Com efeito, o trabalho de *Sir Richard Fanshawe* e dos mais ricos na perspectiva que nos propomos abordar, visto que inclui uma dedicatória elogiosa, a tradução de um soneto laudatório de Tasso, um retrato de Camões e um soneto encomiástico do próprio Fanshawe.

Começemos por mencionar a dedicatória, na qual Camões é apresentado como o único poeta capaz de rivalizar com o consagrado Torquato Tasso -- o confronto de Camões com Tasso torna-se, aliás, um lugar comum da crítica camoniana do tempo. O conhecido soneto laudatório que o épico italiano dedicara ao épico português é apresentado no original, seguido da respectiva tradução para inglês por Fanshawe, (67) que assim presta uma homenagem indirecta a Camões. Saliencia as qualidades intelectuais de erudição e honestidade, não se afastando muito do original italiano no qual Tasso, evocando a figura de Vasco da Gama e os feitos marítimos que inspiraram epopeias literárias, elogia o talento de Camões e a sua

epopeia que confere fama imortal ao herói português e a si próprio. Devemos acrescentar que este soneto foi escrito por Tasso no terceiro quartel do séc.XVI e, juntamente com as três edições espanholas de *Os Lusíadas* a que já fizemos referência, constitui a única homenagem europeia a Camões no séc.XVI.

Embora a tradução de Fanshawe não incluía quaisquer dados biográficos sobre Luis de Camões, este é colocado ao nível de Homero, Virgílio, Spenser e Tasso, quer em "The Epistle Dedicatorie", quer em "The Translator's Postscript". Além disso, inclui o primeiro retrato de Camões, divulgado em Inglaterra, constituído pelo busto do poeta laureado, cego, erradamente, do olho esquerdo.

O retrato acompanha o soneto de Fanshawe que inicia a tradição das composições encomiásticas a Camões em língua inglesa:

SPAINE gaue me noble Birth: Coimbra, Arts:  
LISBON, a high-plac't loue, and Courtly parts:  
AFFRICK, a Refuge when the Court did frowne:  
WARRE, at an Eye's expence, a faire renowne  
TRAVAYLE, experience, with noe short sight  
Of India, and the World; both which I write  
INDIA a life, which I gave there for Lost  
On Mecons waues (a wreck and Exile) tost  
To boot, this POEM, held up in one hand  
Whilst with the other I swam safe to land  
TASSO, a sonet; and (what's greater yit)  
The honour to giue Hints to such a witt  
PHILIP a Cordiall, (the ill Fortune see!)

To cure my Wants when those had new kill'd mee  
My Country (Nothing - yes) Immortall Prayse  
(so did I, Her) Beasts cannot browze on Bayes. (10)

Como se pode verificar, o soneto está escrito na 1ª pessoa do discurso, como se tivesse sido composto pelo proprio poeta português. De ordem autobiográfica, enumera de forma sintetica as suas várias experiências e os locais a que estão associadas. As linhas temáticas que são abordadas aqui serão retomadas e desenvolvidas em composições posteriores, como veremos: um amor acima do seu nivel social, a vida na Corte, a experiência como guerreiro e poeta, o naufragio e o exílio. Todos os locais lhe deram algo, todos o recompensaram de algum modo, recebera até um soneto de Tasso e a cordialidade de Felipe II. Apenas a Pátria, como recompensa da fama imortal que ganhara através do canto do poeta, nada lhe dera -- o tópico da ingratição da Pátria e, por sinal, um dos preteridos na tradição encomiástica. Em sintese, o soneto de Fanshawe constitui um bom exemplo das ideias dominantes na critica camoniana da época. quer em Portugal, quer em Espanha. ''''

As actividades literárias posteriores de Sir Richard Fanshawe não o habilitam a ser considerado um camonista, mas o seu lusofilismo persiste nas actividades diplomaticas, culminando nas negociações de casamento entre Charles II e Catarina de Bragança.

Como já referimos, servira de embaixador de Charles I e sofrera um período de reclusão durante o regime republicano

implantado por Oliver Cromwell. Nunca abdicou das suas convicções realistas e após a morte de Cromwell, em Outubro de 1658, junta-se a Charles II em Paris, onde acompanha os preparativos para a Restauração da monarquia. Pouco depois, o novo rei inicia conversações para estabelecer matrimónio, e o prestígio de Fanshawe permite-lhe ser indigitado como emissário real. Em 1661 é enviado a Lisboa com uma carta e um retrato de Charles II, permanecendo na Corte portuguesa de Setembro a Dezembro desse ano para tratar das negociações de casamento entre o monarca inglês e a infanta portuguesa. <sup>(14)</sup> É igualmente escolhido para receber Catarina quando esta desembarca em Portsmouth em 24 de Maio de 1662, <sup>(15)</sup> e desempenha o cargo de embaixador na Corte de Lisboa entre 1662 e 1663. Regressa novamente a Portugal em 1665, em missão diplomática, pois na altura era embaixador acreditado na Corte de Madrid, onde faleceu.

Testemunho da importância de Sir Richard Fanshawe como diplomata e divulgador do nome de Camões são os versos declamados na sua presença por dois seminaristas do Colégio dos Inglesinhos, em Lisboa. Este estabelecimento de ensino, também designado por Colégio de S. Pedro e S. Paulo, tinha sido fundado em 1629 e funcionava como um núcleo bastante restrito. A sua função específica era preservar a fé católica e difundi-la através da acção de seminaristas britânicos que, depois de instruídos, deviam regressar ao seu país como missionários, combatendo os hereges protestantes. De qualquer modo, o Colégio dos Inglesinhos funcionava igualmente como centro

cultural britânico em Lisboa, o que justifica ter servido de cenário à segunda mais antiga composição inglesa em honra de Luis de Camões. (14) O longo dialogo entre o Estudante e o Génio de Camões é bastante rico em alusões posteriormente retomadas por diversos encomiastas. O Camões celebrado é o poeta épico que imortalizou o Gama através de *Os Lusíadas* (versos 22-26), um Camões idoso (vv. 33-37) e cego em consequência da sua vivência como soldado (verso 38). O próprio Camões dirige um encómio a Fanshawe, também ele Cavaleiro e Poeta (vv. 46-52), elogiando de forma indirecta a tradução que o salvou do esquecimento (vv. 57-58). Igualmente interessante é o facto de o poeta ser apresentado como motivo de admiração por parte de Portugal e de inveja por Espanha (vv. 11-14), ideias simultaneamente diferentes e semelhantes das expressas no soneto laudatorio de Fanshawe. Com efeito, e rara a referência à admiração da Pátria em relação a Camões, sendo este o unico exemplo que possuímos nesse sentido.

Embora a composição tenha como principal tema o casamento de Charles II e Catarina de Bragança, utilizando Camões como encomiasta desse tema (verso 95), não deixa porem de constituir uma homenagem ao poeta. Podemos dizer que reflecte os fortes laços entre o mundo da politica e da diplomacia e o mundo da literatura e cultura, representados em concreto no triângulo formado pelo par real anglo-português, por Sir Richard Fanshawe e por Luis Vaz de Camões.

Prosseguindo o nosso comentario sobre as homenagens a Camões em lingua inglesa, devemos recordar que no sec. XVII

encontramos, além da primeira tradução de *Os Lusíadas*, a primeira tradução de uma peça lírica camoniana, se exceptuarmos os passos líricos do poema épico. Referimo-nos ao soneto "Verdade, Amor, Razão, Merecimento" traduzido por Philip Ayres em 1687. (15) Tratando-se da mais antiga versão em língua inglesa de um soneto camoniano, foi contudo publicada em antologia e não teve seguimento. O autor, poeta pouco conhecido, teria lido o trabalho de Fanshawe, cujo nome cita no Prefácio como seu ilustre predecessor nas actividades de tradução.

Em síntese, o Camões elogiado na Inglaterra do séc. XVII é apenas o poeta épico, marcado pela comparação a Tasso e aos grandes nomes da poesia épica, e sobretudo pelo reconhecimento do seu lugar cimeiro como poeta por todas as nações, excepto pela sua. Dando-se já destaque aos dados biográficos, traça-se o perfil do poeta idoso e cego como consequência da sua actividade guerreira.

Depois destas primeiras manifestações de interesse, parece que Luis de Camões e a sua obra são votados ao esquecimento pelos ingleses. Para isso contribui a projecção limitada da tradução de Fanshawe que, no entanto, está na origem da curiosidade pela obra lírica camoniana, bem como da corrente crítica desfavorável que se junta a corrente laudatória vigente no séc. XVII.

Com efeito, *Os Lusíadas* começam a circular nas capitais culturais europeias, sobretudo por intermedio da tradução em prosa de Duperron de Castera, publicada em 1735.

Os episódios que chamam particular atenção são os de Ines de Castro e o Adamastor, suscitando a apreciação de vultos franceses como Racine e Voltaire. Este terá conhecido a epopeia portuguesa através da versão de Fanshawe, e em 1727 publica em Londres e em língua inglesa um estudo sobre a poesia épica. <sup>(1)</sup> Neste artigo, é concedido lugar de destaque ao poema épico português, criticado pela fusão existente entre elementos cristãos e mitologia pagã. Voltaire segue, pois, os preconceitos da época, mas elogia a originalidade demonstrada por Luis de Camões, admirando, como é natural, os episódios do Adamastor e Inês de Castro. Em parte desfavorável, em parte favorável, esta opinião suscita grande curiosidade em relação ao poeta português e sua obra épica. Constitui a apreciação crítica mais difundida no séc. XVIII, contribuindo de forma considerável para o gradual movimento de conhecimento, divulgação, popularidade e fama de Camões.

Podemos dizer até que o próximo tradutor britânico de *Os Lusíadas*, William Julius Mickle, é fortemente influenciado pela corrente gerada pelo estudo de Voltaire. Já que falamos de influência francesa nos círculos literários britânicos, lembramos que Mickle terá tomado conhecimento da obra camoniana aos dezassete anos, através da já mencionada tradução em prosa de Castera.

Mickle merece-nos lugar de destaque, não só pela importância da sua tradução, mas sobretudo por ter contribuído de forma decisiva para a consolidação de uma corrente encomiástica em torno da figura de Luis de Camões. A biografia

do tradutor escocês, literato de vasta erudição e cultura, '12' faz transparecer que o seu interesse pelo poeta português foi, pelo menos inicialmente, apenas marcado por motivos de ordem económica, ou seja, a obtenção de um lugar na Companhia das Índias. No entanto, pertencia ao famoso círculo do Dr. Johnson e a lista dos subscritores do seu trabalho de tradução integra nomes sonantes das letras britânicas da época, como William Lisle Bowles, David Garrick, James Boswell, Thomas e James Warton. Daí que o seu trabalho seja considerado obra de toda uma geração, visto ter recebido ainda o auxílio da colónia portuguesa residente em Londres.

As primeiras traduções da obra épica camoniana feitas por Mickle parecem ter por objectivo uma sondagem a opinião pública britânica. Não devemos esquecer que aparecem na imprensa periódica, meio de comunicação que desempenha um papel fundamental no séc. XVIII e que também acompanha o movimento de interesse por Camões, desde o séc. XVIII até aos nossos dias -- patente na publicação de excertos de traduções e numa série de recensões, comentários, artigos e notícias de toda a espécie. '13' De certo modo, a imprensa periódica transmite-nos toda uma prosa encomiástica ou panegírica, complemento precioso do culto poético a Camões.

O excerto de *Os Lusíadas* escolhido para tradução e o episódio do Adamastor, retirado do Canto V e publicado em *The Gentleman's Magazine* em Março de 1771. '14' No mesmo ano, surge a crítica ao fragmento traduzido e a tradução do Canto I '15' e em 1772 Mickle faz uma recolha de assinaturas para poder

levar a cabo a tradução integral de *Os Lusíadas*, apresentando desta vez um excerto traduzido do episódio de Inês de Castro. <sup>(21)</sup>

Podemos dizer que o tradutor escocês foi muito feliz na escolha destes dois episódios que, além de se integrarem nas preferências estéticas da época, se revelaram intemporais e criaram uma linha de continuidade nos estudos camonianos que se confirma até aos nossos dias. <sup>(22)</sup>

Com toda a justiça, Mickle é encarado como responsável pela tradução de *Os Lusíadas* que exerce maior impacto não só nos críticos e estudiosos, mas também no grande público leitor. Graças a ele, a Grã-Bretanha faz a redescoberta de Luis de Camões e da sua obra épica, sendo para muitos uma descoberta em primeira mão.

O inesperado acolhimento e sucesso da tradução de 1776 <sup>(23)</sup> é atestado por uma 2ª edição em 1778, seguida de diversas reimpressões durante o séc. XVIII e XIX. Monica Letzring não duvida em afirmar: "Mickle's *Lusiad* is the single most influential work on Camões in English." <sup>(24)</sup> Com efeito, William Julius Mickle brinda os leitores não com uma simples tradução mas com um adequado aparelho crítico que ultrapassa o mero conhecimento da epopeia camoniana, servindo como ponto de partida para a descoberta da restante obra poética de Camões e ainda da literatura portuguesa em geral:

...a obra de Mickle representa o primeiro esforço sério e sistemático de divulgação, em Inglaterra, do poema máximo de Camões e da sua atribulada biografia... Mickle foi, pois, o

divulgador do Camões épico e o precursor dos estudos camonianos em Inglaterra. (25)

Pela primeira vez em língua inglesa, um autor apresenta um trabalho prático de tradução acompanhado por um estudo teórico que consiste numa longa Introdução de 158 páginas. O comentário detalhado da obra de Mickie excede os objectivos da nossa dissertação, mas julgamos indispensável destacar determinados pontos essenciais para a compreensão do fenómeno encomiástico que rodeia Camões na Grã-Bretanha.

Na Introdução da 1ª edição é possível delimitar, dentro do todo, uma defesa do comércio, uma história da descoberta da Índia, uma história do nascimento e declínio do Império português no Oriente, uma vida de Camões, e uma dissertação sobre *Os Lusíadas* com observações sobre a poesia épica. Todos estes aspectos se encontram realçados com títulos na 2ª edição, e não são de modo algum gratuitos, visto que se integram numa leitura pretendida por Mickle para alcançar os objectivos que se propunha atingir.

O momento histórico da edificação do Império Britânico favorecia a leitura de um poema narrativo das experiências vividas pelo povo português, igualmente marcado por uma forte tradição marítima. Contudo, se fosse lido como uma epopeia nacional portuguesa, o apelo ao leitor britânico seria com certeza menor. Daí que o famoso epíteto "epopeia do comércio" aplicado a *Os Lusíadas* e criado por Mickle solucione o problema, conferindo um contexto mais universal que visa a

maior aproximação com a realidade britânica. Em simultâneo, serve um objectivo didáctico que, por meio de um jogo de semelhanças e contrastes, glorifica o domínio britânico da Índia. Ao salientar os elementos comuns entre os dois povos, ou seja, a descoberta dos mares, a construção de Impérios e a divulgação da civilização, Mickle alerta para o declínio do comércio português, afirmando que a Grã-Bretanha poderia beneficiar ao ter conhecimento dos erros cometidos por Portugal. A introdução histórica fica assim plenamente justificada. Resta estabelecer ligação entre a História e o poema e seu autor.

De forma inteligente, Mickle considera *Os Lusíadas* um poema profético e elogia Luis de Camões como homem prudente e de grande visão:

When errors in government begin, the wise see the secret disease, but it is the next generation that feels the worst of its effects. Camoens, whose political penetration was perhaps unequalled in his age and country, saw the declension of manners, and foretold in vain the fall of empire. (26)

O tópico do poeta-profeta é um dos que vai despertar maior interesse britânico em relação a Camões, sendo bastante utilizado em composições encomiásticas. No caso do tradutor escocês, serve de elo de ligação para a apresentação de uma biografia do poeta português. (27) Devemos notar que Mickle estabelece pontos de contacto entre o poeta e a sua obra, aproveitando para afirmar que, em vários sonetos, Camões

atribui o seu infortúnio ao amor -- esta perspectiva da obra poética autobiográfica facilita a alusão a diversas composições líricas camonianas, que pela primeira vez são mencionadas ao público britânico.

Parece-nos conveniente realçar alguns aspectos da biografia apresentada por Mickle, uma vez que se tornaram recorrentes nos estudos camonianos em língua inglesa, particularmente nas composições encomiásticas. O autor escocês enumera os infortúnios da vida de Luis de Camões: desterro da Corte por ter aspirado a um amor acima da sua condição; distinção como soldado valoroso e perda do olho direito em Ceuta; continuação da actividade como poeta, pois ele proprio afirma "One hand the pen, and one the sword employ'd"; regresso a Lisboa, onde depara com muitas invejas pois, segundo Mickle, o ciúme é uma forte característica dos espanhóis e portugueses; exílio voluntário na Índia; naufragio e salvação dos poemas; regresso a Lisboa e publicação de *Os Lusíadas* em 1572. Os últimos anos da vida do poeta não são claros para Mickle -- refere a lenda de uma pensão concedida por D. Sebastião e da morte num hospício, mas nota que não existe a certeza dessa subsistência; de acordo com alguns escritores, Camões possuía um criado indiano, natural de Java, que lhe salvara a vida no naufrágio e que pedia esmola nas ruas de Lisboa. De qualquer modo, Mickle não tem dúvidas quando afirma que o poeta português morrerá na mais miserável das pobrezaas, no reinado do Cardeal D. Henrique, em 1579.

Em linhas gerais, podemos dizer que deste esboço sobressai a própria personalidade de Luis de Camões e a incompreensão dos seus contemporâneos. Este é o retrato do homem e do poeta vigente no espírito britânico do séc. XVIII e amplamente romanceado no séc. XIX. Na nossa perspectiva, as composições encomiásticas de todo este período constituem um aproveitamento excelente dos dados biográficos apresentados por Mickle em primeira mão.

Monica Letzring afirma:

..., Mickle's biography of Camões remained the standard biography until well into the nineteenth century. It was excerpted in popular magazines and it provided the eighteenth century *Encyclopaedia Britannica* with its article on Camões. (25)

Embora de muito menor importância do que os periódicos na criação da opinião pública, julgamos que não devemos deixar passar despercebida uma informação sobre as enciclopédias. Obras de consulta rápida e conhecimentos condensados, servem com indício da ideia generalizada sobre o poeta português. Recordamos que Luis de Camões não é citado na 1ª edição da *Encyclopaedia Britannica*, anterior à publicação do trabalho de Mickle. No entanto, a 2ª edição, que data de 1778, inclui já um artigo no qual Camões é apresentado como "a famous Portuguese poet" num sumário do esboço biográfico apresentado pelo tradutor escocês. (26)

Retomando a linha do nosso comentário, devemos constatar ainda que a enumeração mais ou menos objectiva dos dados biograficos de Camões, William Julius Mickle acrescenta reflexões pessoais. Assim, observa que o destino do poeta se relaciona estreitamente com o destino do seu país: o mesmo espirito ignorante que conduziu Camões a miséria afundou o reino de Portugal na mais abjecta vassalagem. Mais uma vez, aponta o espirito esclarecido do poeta que se apercebia da situação e tudo contemplava com profundo desgosto, enquanto os grandes de Portugal se encontravam cegos para a ruína que pairava sobre eles. Como exemplo, Mickle regista expressões que teriam sido proferidas pelo próprio Camões e que se tornaram célebres nos estudos camonianos: por um lado, a paráfrase de Cipião, o Airicano, "Pátria ingrata, não possuirás os meus ossos!", e por outro lado as palavras notáveis de uma das cartas em que o poeta afirma que ama tanto a Pátria que regressava não apenas para morrer nela, mas para morrer com ela.

Subjacente a todas estas observações esta, como e obvio, a critica ao quase anonimato em que Luis de Camões viveu e morreu, sendo consagrado só depois da morte por um país que não tera merecido o poeta que teve -- um dos tópicos preferidos pelos britânicos.

Assim, Mickle estabelece facilmente a ligação entre as palavras que dedica à vida de Luis de Camões e as palavras finais da Introdução teorica, analisando o conceito de poesia:

o aperfeiçoamento da poesia conduziria ao aperfeiçoamento dos costumes da época, acompanhando a civilização. A esse propósito, comenta a actualidade da poesia heroica e denuncia algumas opiniões erradas de Voltaire sobre *Os Lusíadas*. Como já mencionámos, a designação "Epopéia do Comércio" é-lhe conveniente porque lhe permite partilhar e até arrebatá-lo o poema da autoria e contexto portugueses:

...though the subject of Camoens be particularly interesting to his countrymen, it has also the peculiar happiness to be the Poem of every trading nation. It is the Epic Poem of the Birth of Commerce. And in a particular manner the Epic Poem of whatever country has the controul [sic] and possession of the commerce of India. (31)

Ao dissertar sobre os méritos dos poemas épicos fica, pois, concluído o elogio de *Os Lusíadas*, obra que William Julius Mickle considera injustamente esquecida. Lembra, alias, que Tasso, o maior poeta da Itália, confessara que temia Luis de Camões como rival, dedicando um soneto ao herói de *Os Lusíadas*, Vasco da Gama -- dado que a interpretação de Gama como herói do poema, em vez do povo português, era a existente na época e atestada pelo título em inglês. Assim, tal como Sir Richard Fanshawe, transcreve o original italiano seguido da sua própria tradução. (32)

Bastava, pois, o seu trabalho de tradutor para consagrar Mickle como admirador de Camões. No entanto, devemos assinalar que em 1779 e durante seis meses, tem oportunidade



como pedinte. Estamos, pois, perante um exemplo de criação encomiástica a partir de uma abordagem biográfica romanceada.

O autor visiona Vasco da Gama e os guerreiros lusitanos imortalizados por Luis de Camões, por sua vez evocado na velhice e miséria. Podemos dizer que Mickle medita no destino trágico do grande poeta épico e no desamparo da sua velhice após uma vida ao serviço da glorificação da Pátria. Neste sentido, é forte a crítica aos contemporâneos e a pátria ingrata que votou ao abandono o Maro de Lisboa. (184)

O poema enquadra-se no seguimento das ideias anteriormente expostas por William Julius Mickle e contribui em grande medida para delinear e sintetizar a figura camoniana mais frequentemente objecto de encómios: o grande poeta épico que imortalizou os heróis portugueses e em simultâneo foi imortalizado por eles, apesar de incompreendido pelos seus contemporâneos e abandonado pela Nação.

Para Mickle, portanto, Camões personaliza o Genio imortal e infeliz, tão ao gosto romântico. A este respeito, lembramos as palavras de Luiz Cardim: "...Mickle... soube aliar ao uso do dístico augustano um sentimentalismo já decididamente romântico." (185) A corroborar este gosto romântico *avant-la-lettre*, lembramos que na Introdução a *The Lusiad* menciona a negligência, ignorância e crítica a que estão sujeitos os Bardos que imortalizam as paixões, vencendo a transitoriedade da vida. (186)

Por tudo o que foi dito, torna-se claro o motivo porque 1776 marca a data em que Luis Vaz de Camões conquista a

Grã-Bretanha. A critica camoniana desenvolve-se a partir da década de 80, quer em obras exclusivamente dedicadas ao poeta português, quer em meras referências, comentários ou artigos, mais ou menos breves, inseridos em obras de natureza varia.

Não querendo explorar o dominio da literatura de viagens, não podemos deixar de observar que as impressões dos viajantes começam a exercer alguma influência, contribuindo para consolidar -- por vezes, deturpar -- os conhecimentos sobre Portugal e a sua literatura. (32)

Fenómenos extra-literários, como o terramoto de 1755, activaram o desejo de melhor conhecer o pais que tinha sofrido tal tragédia. As estadas de viajantes britânicos em Portugal multiplicam-se, num clima de genuina curiosidade:

...à partir de 1780, les voyageurs anglais...ne se montrent pas très durs pour les Portugais. Faut-il attribuer cette indulgence à une influence indirecte de la traduction de Mickle ? En partie, peut-être, car ils voyagent tous les *Lusiades* à la main et ils sont pour eux une espèce de bible du lusophile. Un amour tout-puissant pour le grand Camoëns les rend insensibles à bien des désagréments. (33)

A opinião de Felix Walter parece-nos sintomática da influência benéfica exercida pelo trabalho de Mickle e pelo apreço generalizado de Camões.

Entre os admiradores do poeta português destaca-se, sem duvida, Sir John Talbot Dillon, Barão do Sacro Imperio. A este viajante se deve a celebre medalha cunhada por Young e

mandada realizar após uma visita a Portugal em 1782. É a mais antiga medalha em homenagem a Camões. (33)

Quanto a homenagens literárias, salientamos que, em 1783, Hugh Blair, professor de literatura e retórica em Edimburgo, lhe dedica algumas páginas nas suas *Lectures on Rhetoric and Belles Lettres*. (40) A tônica continua a incidir sobre os méritos do poeta épico, cujo nome é definitivamente reconhecido como digno de figurar entre os grandes vultos da literatura épica universal.

Contudo, no ano anterior já se dera um grande passo na divulgação da obra camoniana completa, através de William Hayley. Começando por elogiar o "Poeta Naval", acaba por se referir ao "Bardo da Glória e do Amor":

Tho' fiercest tribes her galling setters drag,  
Proud Spain must strike to Lusitania's flag,  
Whose ampler folds, in conscious triumph spread,  
Wave o'er her NAVAL POET'S Laureate head.  
Ye Nymphs of Tagus, from your golden cell,  
That caught the echo of his tuneful shell,  
Rise, and to deck your darling's shrine provide  
The richest treasures that the deep may hide:  
From every land let grateful Commerce shower  
Her tribute to the Bard who sung her power;  
As those rich gales, from whence his GAMA caught  
A pleasing earnest of the prize he sought,  
The balmy fragrance of the East dispense,  
So steals his Song on the delighted sense,  
Astonishing, with sweets unknown before,  
Those who ne'er tasted but of classic lore.  
Immortal Bard, thy name with GAMA vies,  
Thou, like thy Hero, with propitious skies

The sail of bold adventure hast untur'd,  
And in the Epic ocean found a world.  
'Twas thine to blend the Eagle and the Dove,  
At once the Bard of Glory and of Love:  
Thy thankless Country heard thy varying lyre  
To PETRARCH'S Softness melt, and swell to HOMER'S Fire!  
Boast and lament, ungrateful land, a Name,  
In life, in death, thy honor and thy shame. (41)

Neste expressivo excerto encomiástico a *Os Lusíadas* e a Camões, Hayley retoma pontos anteriormente exaltados por Mickle, a quem aliás faz referência. (43) Salientamos a associação de Camões ao Gama, o facto de o poeta representar simultaneamente a honra e a vergonha da Pátria por esta lhe ter agradecido com ingratidão, e a dualidade poeta épico/poeta lírico. No seguimento de Mickle, Hayley confirma a existência e beleza de composições líricas camonianas. Pela primeira vez fora da Península Ibérica se declara que a qualidade da obra lírica não é inferior à da épica. A melhor forma de o provar é a inclusão de três sonetos camonianos, um traduzido para inglês pelo próprio Hayley e dois de tradução anónima. Não podemos esquecer que a lírica camoniana era, na prática, desconhecida em Inglaterra, se exceptuarmos a já mencionada tradução de um soneto por Philip Ayres, ainda no séc. XVII.

Feita a apologia do poeta lírico, é natural que surjam manifestações de apreço, patentes em imitações e adaptações de poemas camonianos. É o caso de Thomas Russell, autor de uma antologia que inclui imitações de sonetos camonianos. (44)

Fazendo o balanço do sec.XVIII, podemos afirmar que ele é marcado pela consagração do Camões épico e contacto com o Camões lírico, acompanhando comentários sobre a vida e obra do poeta. No que diz respeito às composições encomiásticas, verificamos que se encontram directamente associadas com os autores e obras que nos parecem mais significativos na divulgação do poeta português. Não se trata, portanto, de um período fértil em homenagens poéticas de autoria generalizada.

Este panorama modificou-se substancialmente no sec.XIX.

Logo no início do século, em 1803, ocorre a publicação da famosa obra de *Lord Strangford*, responsável por reforçar a opinião já expressa por William Hayley e aumentar de forma considerável o número de textos líricos camonianos conhecidos na Grã-Bretanha. (44)

O jovem diplomata irlandês esteve como embaixador britânico em Portugal no período que antecedeu a primeira invasão francesa, circunstâncias que o obrigaram a aprender a língua portuguesa e lhe permitiram a leitura dos poemas de Camões no original. A sua incursão no mundo da literatura integra-se, portanto, no desempenho da carreira diplomática. (45)

Em paralelo com a bem sucedida tradução de *Os Lusíadas* por William Julius Mickle, *Lord Strangford* faz anteceder a sua tradução da obra lírica camoniana de um estudo sobre a vida e obra do poeta, baseado principalmente nos elementos

autobiográficos contidos na lírica -- o que alias vai condicionar a selecção dos poemas traduzidos.

Podemos dizer que Mickle explorou o espirito dominado pelo surto da expansão naval e comercial do nascente imperialismo britânico, enquanto Strangford alimentou a avidez de sentimentalismo e exotismo. Daí que no prefácio biográfico, notas e proprias traduções, crie a historia trágica de um poeta incompreendido, banido da Corte devido a um amor infortunado, e, nos últimos anos de vida, obrigado a subsistir das esmolas pedidas nas ruas pelo seu devotado servo. Strangford inspirou-se, com certeza, na biografia camoniana apresentada por Mickle e tambem, provavelmente, no ja mencionado poema encomiastico "On Passing the Bridge of Alcantara".

A imagem de Luis de Camões veiculada pelo *Lord* irlandês insere-se, pois, na concepção romântica do poeta, intimamente relacionada com o seu estatuto na sociedade, e nas concepções estéticas da época. Parecem-nos elucidativas as palavras de Fernando de Mello Moser a este respeito:

*Lord* Strangford publicou, juntamente com as traduções da lírica, um estudo baseado principalmente sobre os elementos de cunho autobiográfico nela contidos, salientando o caracter romântico, aventureiro, amoroso e infeliz da vida do poeta, de acordo com o seu próprio gosto e em grande parte com o da sua época. Contribuiu, assim, para a imagem romântica de Camões -- o Camões incompreendido, vagabundo, pobre, marginalizado --, que se generalizou, até mesmo entre espiritos cultos e dotados de sentido critico, ... (45)

Como se sabe, o início do Romantismo na literatura inglesa aparece geralmente ligado a publicação em 1798 das *Lyrical Ballads* de Coleridge e Wordsworth. No ano anterior a publicação da obra de Strangford, em 1802, sai a versão com o célebre Prefácio da autoria de Wordsworth. Não é nosso propósito expor as doutrinas românticas, mas apenas lembrar que iniciam uma nova era na literatura e cultura britânicas. Trata-se de uma época que vive sob o primado das emoções e, como tal, é receptiva à poesia épica mas muito mais à poesia lírica.

Lembramos que o próprio William Wordsworth contribuiu para a reabilitação da poesia lírica e, em particular, do soneto, ao escrever um soneto em louvor desta forma literária. Nesta composição encomiástica, publicada em 1827, o Camões lírico é mencionado entre os poetas consagrados, fazendo-se alusão a uma circunstância biográfica recorrentemente utilizada -- o exílio. <sup>47</sup> A sua admiração por Camões revela-se ainda na tradução do sexteto do soneto laudatório de Tasso, publicada por Wordsworth em 1896. <sup>48</sup> Como já vimos, o soneto de Tasso tinha sido integralmente traduzido por dois anteriores admiradores de Camões, Richard Fanshawe e William J. Mickle.

Retomando o nosso comentário sobre *Lord Strangford*, devemos acrescentar que desempenhou um papel fundamental na divulgação do Camões lírico, paralelo ao que coube a Mickle relativamente ao Camões épico. Tal como sucedera com a tradução livre do poema épico camoniano, também a tradução

infiel dos poemas liricos conheceu sucessivas reedições e gerou um movimento de traduções, imitações ou meras referências ao poeta português. A sua deturpação, por assim dizer, do espirito presente nas composições liricas camonianas granjeou-lhe um retumbante êxito e o renome nas Letras britânicas como tradutor de Camões, mas valeu-lhe tambem a critica rigorosa dos fieis ao espirito original da lirica camoniana.

Entre eles encontrava-se George Noel Gordon, *Lord Byron*, na adolescência um fervoroso admirador das traduções de Strangford. Prova-o o volume de Strangford que ofereceu a uma jovem das suas relações familiares, acompanhado por quatro quadras bem representativas de uma sentida admiração por Luis de Camões. Na última quadra, ao elogio do poeta junta-se a referência ao dado biográfico mais marcante para uma geração dominada pela sensibilidade -- o "destino infeliz":

He was in sooth a genuine bard;  
His was no faint, fictitious flame;  
Like his, may love be thy reward,  
But not thy hapless fate the same. (49)

Embora as quadras não estejam datadas, pode depreender-se que tenham sido compostas antes de 1805, data em que aparece o artigo de um critico anônimo que aponta as incorrecções da tradução de Strangford, reduzida a uma obra superficial, enquanto reconhece a genial superioridade poetica de Luis de Camões. <sup>669</sup> Byron te-lo-a lido e, sob sua

influência, torna-se o mais celebra e aguerrido detractor de Strangford, a quem imortaliza na famosa sátira contra os poetas de Inglaterra e os criticos da Escócia, seus contemporâneos. (51) Não podemos deixar de referir este excerto, no qual Byron afirma que as obras dos Bardos imortais são únicas, mencionando Camões a par de Milton e Tasso. Ao elogio do poeta épico acrescenta o elogio do poeta lirico, por considerar que Strangford não tinha conseguido captar o talento genuíno e a naturalidade do Bardo Lusitano.

Das palavras de Byron se infere o elevado conceito em que ele tinha o poeta português, em detrimento do jovem Lord tradutor. (52) No entanto, é indiscutível o facto de ter sido a obra de Strangford que suscitou toda uma polémica em torno da figura de Camões, bem como o facto de a imagem de Camões veiculada por Strangford se ter transmitido de uma maneira geral, fomentando diversas composições poéticas encomiásticas, alusivas ou inspiradas no poeta português. (53)

é o caso de dois trabalhos de William Lisle Bowles, que parecem conciliar influências quer de Mickie, quer de Strangford. (54)

Comecemos por observar *The Spirit of Discovery; or, The Conquest of Ocean. A Poem, in five Books: with notes, historical and illustrative*, (55) a sua epopeia segundo o modelo de Camões, cujo talento invoca para poder concretizar o seu poema de glorificação do poder marítimo britânico. (56) Como o próprio titulo indica, o poema exalta os triunfos dos Descobrimentos marítimos, unindo britânicos e portugueses no

mesmo espirito aventureiro. Os descobrimentos portugueses ocupam todo o Canto IV, dedicado a importancia do comercio (a influencia de Mickle esta bem patente) e a ligação do Velho com o Novo Mundo. E neste contexto de exaltação heroica que Bowles insere um passo dedicado ao poeta que imortalizara este tema glorioso. (57) Deste modo, William Lisle Bowles parte da apologia do poeta épico mas cria um quadro comovente, baseado na interpretação biográfica veiculada por Mickle e, sobretudo, por Strangford -- evoca a velhice e miseria a que Camões se vira reduzido pela ingratidão dos seus conterraneos, em flagrante contraste com a dedicação fiel e generosa do seu criado Antonio. A especial atenção dada ao servo de Camões vem no seguimento do Prefácio de *Lord Strangford*, como o proprio Bowles regista em nota, dando mostras da sua admiração pelo jovem tradutor ao afirmar que enquanto o caracter ignorante do português permitiu que Camões morresse de fome, o mais belo monumento em memória do infeliz poeta foi erguido por um membro da aristocracia britânica. (58)

A lenda do poeta mendigo constitui o tema de outro trabalho, exclusivamente de homenagem a Luis de Camões: "The Last Song of Camoens." (59) Dedicada a *Lord Strangford*, segue de perto as informações colhidas no Prefacio deste, dando especial relevo à amizade do servo Antonio. De novo o autor evoca um quadro patético de Camões submetido pela fome e desgosto, um estrangeiro no seu proprio pais (verso 62), amparado apenas por um amigo fiel. São estes os topicos biográficos que inspiraram o autor. Contudo, não se esquece de fazer uma

referência alargada aos feitos que foram contados (vv. 25-53) e também uma alusão aos meritos do poeta lirico (verso 8). Em síntese, trata-se de uma composição inspirada por Camões-homem em ligação com Camões-poeta epico e lirico.

Entretanto, durante os primeiros anos do séc. XIX, novos acontecimentos extra-literários chamam a atenção da Grã-Bretanha sobre Portugal: as invasões napoleonicas. São numerosos os relatos de viajantes, na sua maior parte militares, sobre o nosso pais. O nome de George Grenville interessa-nos particularmente, visto que a sua estada como oficial o leva a compor *Portugal. A Poem. In two parts*, (1801) cuja temática serve de pretexto para a apologia da gloria britânica.

Contudo, Lord Grenville colabora na tradição encomiastica a Luis de Camões, dedicando-lhe um passo em que evoca em primeiro lugar o poeta lirico e depois o poeta epico, concluindo com uma referencia alargada ao episodio de Ines de Castro. (1801) O tributo do autor dirige-se, portanto, ao poeta e sua obra, não ao homem e sua vida.

Após as guerras peninsulares, Portugal e o seu poeta nacional continuam a constituir motivo de inspiração para os autores britânicos, sucedendo-se as obras que, de uma ou outra forma, celebram Camões, quer em trabalhos que lhe são inteiramente consagrados, quer em obras de caracter geral.

É o caso de "Camoens in the hospital", composição inserida em *O Fluminense. a poem. suggested by scenes in the Brazilis*, cujo autor utiliza o pseudonimo Utilitarian. (1801) Não

nos foi possível descobrir a identidade do autor e apenas sabemos, através do Prefácio subscrito por ele, que é comerciante e poeta, estivera no Brasil, e o seu poema é unicamente comercial.

O excerto dedicado a Luis de Camões evoca os últimos momentos da sua vida, passados, segundo a tradição, num hospital ou hospício de Lisboa. Que tenhamos conhecimento, é a primeira composição que foca este dado biográfico, já que, como vimos, o motivo inspirador preferido reside na sobrevivência como poeta mendigo.

Partindo, assim, de um acontecimento supostamente real, o autor constrói um diálogo entre Camões e um monge, diálogo resumido afinal a um extenso monólogo no qual o poeta se queixa amargamente da cruel ingratidão dos homens, recordando com nostalgia a sua juventude feliz, marcada por grande patriotismo (vv. 15-24). Conseguimos obter um pormenorizado retrato biográfico através das palavras do próprio poeta, que recorda desde a sua ascendência nobre até ao exílio na Índia, passando pela actividade simultânea de poeta-soldado (vv. 25- -120). Camões encara *Os Lusíadas* como um canto imortal, censura a pátria ingrata e considera-se um profeta incompreendido (vv. 128-136). Todavia, vaticina a sua consagração após a morte (vv. 139-142).

Estamos perante uma das mais ricas composições encomiásticas, que apresenta uma síntese biográfica aliada ao louvor do poeta épico e à concepção do poeta-profeta.

Cerca de uma década mais tarde, em 1845, dá-se a publicação de um poema em dez cantos, da autoria de T. M. Hughes. No Canto X, em lugar de destaque, inclui-se o poema "The Eye of Camoens". (133) Felix Walter considera Terence McMahon Hughes um lusofilo de menor importância e o seu livro uma curiosa compilação onde se encontra uma história da ilha da Madeira, um ensaio sobre literatura portuguesa e uma colecção de poemas com temas históricos portugueses. (134) De facto, o encómio a Camões faz-se a partir de um dado biográfico, a perda do olho direito em combate. Contudo, o autor vai mais longe que o habitual, distorcendo a realidade histórica para construir uma situação laudatória da generosidade filial e coragem de um Camões muito jovem -- segundo Hughes, Camões teria perdido a vista em combate para salvar a vida a seu pai.

Além do elogio ao filho abnegado e heroico, o autor faz recair a ênfase na dualidade soldado-poeta, guerreiro-bardo, presente em grande parte das composições laudatorias.

Também o episódio verídico do naufragio é recordado pelos encomiastas britânicos. (135) Podemos apontar como exemplo o poeta Alaric Watts, que integra a composição "The Shipwreck of Camoens" na sua obra *The Laurel and Lyre: Fugitive Poetry of the Nineteenth Century*, publicada postumamente em Londres em 1867. (136)

A composição é precedida por algumas palavras introdutorias sobre o naufragio de Camões retiradas da obra de

Sismondi, portanto conhecida pelo autor, e ainda pela alusão ao duplo carácter de poeta-soldado.

O poema começa por recriar um quadro aterrorizador da Natureza em fúria e a luta travada por Camões para salvar a sua única riqueza, *Os Lusíadas*. No final, Watts reflecte sobre o destino infeliz do poeta, utilizando a já conhecida ideia de o poeta ser simultaneamente o orgulho e vergonha do seu ingrato país. Em síntese, trata-se de mais um poema essencialmente biográfico, estando subjacente a admiração pelo poeta épico.

De cariz bastante diferente é a peça de Henry St. George Tucker, "Camoens, a Tragedy". Nas "Introductory Remarks" o autor afirma que pretende exhibir as paixões, sentimentos e fraquezas da natureza humana, expondo as peculiaridades que constituem o carácter individual. Por isso, a peça sobre Camões destina-se principalmente ao sexo feminino, por natureza gentil, benevolente e humano, mas que pode ser desviado do procedimento natural por influencias externas ou pela intensidade da paixão. Dai que a moral da peça seja prevenir contra os sentimentos excessivos e as paixões que conduzem a resultados fatais.

Para servir este objectivo moralista, Tucker constroi um enredo sentimental de desenlace trágico. As capacidades líricas de Camões são elogiadas de forma indirecta, pois é o seu talento que provoca paixões arrebatadoras, e ele próprio é vítima de intrigas amorosas ao ser preso por um ciumento oficial da Inquisição. Podemos concluir que a utilização da

figura de Camões neste drama constitui a prova do seu reconhecimento como grande poeta. Além disso, o autor terá pretendido fazer alusões de ordem biográfica ao escolher como uma das principais personagens D. Antonio Vasquez de Gama, vice-rei de Goa: a acção desenrola-se em Goa, e são frequentes as referências a amizade de Antonio e coragem de Vasquez de Gama. É, pois, provável que Tucker queira provocar a associação com o herói de *Os Lusíadas* e o fiel servo Antonio.

A propósito do aproveitamento da vida de Luis de Camões para tema de peças teatrais, ocorre-nos mencionar a de Friedrich Halm, publicada em tradução na imprensa periodica britânica. (69) O autor anonimo do pequeno comentario que apresenta a tradução da peça afirma que o *dramatic sketch* consiste simplesmente na representação do contraste entre o temperamento poético de Camões e o prosaico de Quevedo, entre o amor da poesia por si mesma e o amor do lucro. Segundo ele, a peça retrata a consciencia de se viver e trabalhar para a eternidade, o que permite ao poeta elevar-se acima de qualquer circunstancia e, no meio da pobreza, doença e tristeza, preservar o auto-respeito e confiança na sua vocação. De facto, o drama acompanha os últimos momentos da vida de Camões, passados num hospital de Lisboa -- tal como o já mencionado poema de *Utilitarian* -- onde recebe as visitas de Quevedo e seu filho Perez, representantes de duas concepções opostas sobre o papel do poeta. Embora exceda os objectivos do nosso trabalho, não queremos deixar passar em branco a peça de Halm, que condensa os principais elementos que constituem a

deusa do Poeta, necessariamente perseguido e infeliz para poder alcançar a gloria e imortalidade. São aspectos directamente applicados a Luis de Camões num claro encomio que o integra nos parâmetros dos poetas românticos.

Em resumo, o elogio do poeta e do homem faz-se sentir ao longo do séc. XIX através das diferentes criações poeticas.

No domínio da poesia lirica, salientamos a publicação semi-anónima das traduções de Felicia Hemans em 1818. (69) Eis a reflexão de Felix Walter sobre o impacto de Portugal na Grã-Bretanha, até cerca de 1830:

Voilà, en somme, ce que le Portugal signifiait pour les Anglais, et, surtout, pour les Anglaises a cette époque: Camoens, ses poesies lyriques et ses *Lusiades*, Sebastien, la belle Inez, Cintra et sa montagne toute pariumee par ses vergers d'orangers et de citronniers, Lisbonne, ville blanche entouree de vignobles riants, aux hords d'un fleuve qui coule sur un lit dore. (71)

Um outro nome feminino merece especial ênfase, visto que o seu lusofilismo se reflecte a nível pessoal: Elizabeth Barrett Browning. (72) Amiga e admiradora de Mrs Hemans, pertencia ao numero de mulheres británicas que liam em português. Logo na sua juventude, começou a sentir um profundo fascínio por Luis de Camões, na época já transformado em simbolo dos poetas românticos. A ele dedica "Catarina to Camoens", poema composto por dezanove estrofes que supõem Catarina de Ataíde "dying in his absence abroad, and referring

to the poem in which he recorded the sweetness of her eyes." (72)

Esta homenagem é confirmada quando inclui o poeta português entre os grandes poetas universais em alguns versos de "A Vision of Poets":

And Camoens, with that look he had,  
Compelling India's Genius sad  
From the wave through the Lusiad, -

The murmurs of the storm-cape ocean  
Indrawn in vibrative emotion  
Along the verse. ... (74)

A evocação do poeta épico, relacionada com traços biográficos, é completada pelas palavras da própria autora:

...the 'Vision of Poets,' in which I have endeavoured to indicate the necessary relations of genius to suffering and self-sacrifice. In the eyes of the living generation, the poet is at once a richer and poorer man than he used to be;... I have attempted to express in this poem my view of the mission of the poet, of the self-abnegation implied in it, of the great work involved in it, of the duty and glory of what Balzac has beautifully and truly called "la patience angelique du genie;" and of the obvious truth, above all, that if knowledge is power, suffering should be acceptable as a part of knowledge. (75)

Camões encontra-se, portanto, perfeitamente integrado no tipo de poeta a louvar.

Por ultimo, devemos lembrar que a admiração de Elizabeth B. Browning pelo poeta português era de tal modo vivida que Robert Browning a chamava "minha pequena portuguesa". Daí o título ambíguo para uma colectanea de sonetos, "Sonnets from the Portuguese", continuando o jogo em que Elizabeth representa Catarina e Browning o seu Camões.<sup>(25)</sup> Embora constituam um caso um pouco a-parte, as homenagens deste casal de poetas provam o quão profunda era a influência da biografia e obra de Luis de Camões na mentalidade dos intelectuais britânicos.

Não pretendendo fazer uma relação exhaustiva do tratamento lírico da obra de Camões, devemos todavia lembrar que os seus versos inspiram desde autores anónimos <sup>(26)</sup> até nomes celebres, passando por autores menos consagrados, como John Bowring, <sup>(27)</sup> futuro governador de Hongkong a quem nos voltaremos a referir mais adiante no nosso estudo.

Um nome que se enquadra devidamente no âmbito deste trabalho é Richard Garnett, autor do seguinte soneto encomiástico:

#### CAMOENS

What singles my Camoens from the rest ?  
Not gliding flood of silver eloquence;  
Or phrase of nicest choice; or affluence  
Of thought severe to one strong line comprest:  
Not music aye attending at his best  
On lute or trump, as suits the various sense;  
All these he hath: but laurel gathered thence  
Crowns every bard inscribed among the best:

But that with lyric vehemence was fraught,  
Sonnet, by him thy fair amenity,  
The perfect form perturbing not in aught,  
But teaching how the flight might fierier be.  
Tagus yet pealeth with the passion caught  
From the wild cry he flung across the sea. (79)

Trata-se de um poema cuja atenção exclusiva recai nas capacidades líricas de Camões como aquilo que o distingue de todos os outros poetas. O elogio justifica a inclusão dos seus poemas numa antologia em que lhe é dado o devido destaque: dos 124 sonetos, quarenta são camonianos, entre sessenta e quatro de Petrarca e vinte de Dante. Garnett dedica um soneto encomiástico da sua autoria a cada um dos poetas, mas o encómio a Camões parece-nos reforçado por ser o único a quem se dirige empregando o pronome possessivo. Não será errado concluir que o poeta português gozava de uma maior simpatia por parte do autor.

A descoberta e valorização da lírica camoniana, ocorridas no séc. XIX, não implicam um decréscimo de interesse pela obra épica. A confirma-lo temos a tradução parcial de *Os Lusíadas* por Quillinan em 1853, (180) e as traduções integrais de Musgrave em 1826 (181) e Mitchell em 1854. (182) Todas demonstram a preocupação de incluir um prefácio ou mesmo um relato biográfico, mais ou menos extenso, elogiando a vida e obra de Luis de Camões. (183)

Como podemos verificar, entre 1776, data da tradução de Mickle, e 1880, data comemorativa do tricentenário da morte

de Camões, os estudos camonianos em lingua inglesa conheceram o auge. Temos procurado mostrar que existe uma faceta encomiástica subjacente as diversas modalidades que abordam quer a obra, quer a vida do poeta, quer ambas, faceta realizada em concreto através de um numero de composições a que temos dado o merecido destaque.

Cabe-nos agora apontar um nome que congregou em si todas as vertentes possíveis de um verdadeiro encomiasta camoniano: John Adamson. (64) O seu primeiro foco de atenção dirigiu-se à figura de Inês de Castro, realizando em 1808 a tradução *D. Ignez de Castro. A Tragedy from the Portuguese of Nicola Luiz. With remarks on the history of that unfortunate Lady*, publicada em Newcastle-upon-Tyne. A admiração por Camões está patente logo na fase inicial da sua carreira literaria, ao publicar em 1810 uma pequena colectânea de dez sonetos camonianos. (65) Como já mencionamos, a época favorecia o renascimento do soneto na Grã-Bretanha e o gosto pela poesia lirica. A obra de Adamson ia ao encontro dos interesses da época e pode ser referida como uma boa estreia do jovem escritor. Dos dez sonetos que são apresentados em tradução, apenas oito são efectivamente de Luis de Camões, já que um é de Domingos dos Reis Quita e outro do proprio John Adamson. Trata-se de um soneto encomiástico, composto como inscrição para o tumulo de Camões na Igreja de Sant'Ana:

SONNET

INSCRIPTION TO THE MEMORY OF LUIS DE CAMOENS,  
FOR THE CHURCH OF SANTA ANNA, LISBON.

Ye, who have wept o'er genius sunk in woe,  
When earlier years were spent in jocund round,  
In gentle pity dew the hallow'd ground  
Where Camoens, Lusitania's Bard, laid low

Rests 'neath this pile. For with diviner art  
Has poet e'er thy secrets, Love ! reveal'd,  
Or, with th'ennobling glow of valour steel'd,  
Portray'd those deeds in which he bore a part?

Though cold neglect oft dim'd his aged eyes,  
Far as the distant verge, whence glitt'ring Sol  
In orient pomp leads forth the cheerful day,

To where his beams are hid 'neath western skies,  
Th'enraptur'd nations now his name extol,  
And own the beauties of his heav'n-born lay. (86)

O autor apela a todos aqueles que são sensíveis aos genios infelizes e recorda o Bardo da Lusitânia e a sua obra, tanto lirica como épica. É clara a referência aos ultimos e infelizes anos da sua vida, e a critica subjacente á incompreensão dos seus contemporaneos, em contraste ao actual reconhecimento e justo prestigio. Por isso julgamos que este soneto pode ser citado como precursor das homenagens do tricentenario da morte do poeta, que pretendiam exactamente

marcar a diferença entre o injusto esquecimento passado e a devida consagração 300 anos depois.

Por outro lado, testemunha que o interesse de John Adamson por Camões remonta a 1810 e constitui um bom indicio do que o autor realizou uma década mais tarde: a primeira monografia europeia sobre o poeta, *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens*. «<sup>27</sup>» Devemos frisar que Adamson sentia que, até à data, faltava publicar uma verdadeira biografia camoniana, um trabalho critico e especializado sobre a vida e obra de Luis de Camões. Ao fazê-lo, consagrou-se como o primeiro camonista britânico e grande lusofilo, autor de uma obra sem precedentes quer na Grã-Bretanha, quer no resto da Europa. «<sup>28</sup>» *Memoirs* é uma obra de tipo biobibliografico, formada por uma extensa biografia, trabalho critico e bibliografia, valorizada com informações e pareceres sobre os tradutores, comentadores e apologistas de Camões.

Embora nos interesse realçar o último aspecto, não devemos deixar de observar que, tomada como um todo, uma obra desta envergadura só se justifica como concretização de um proposito encomiástico.

Na verdade, a obra é iniciada pela reprodução de um retrato de Camões laureado, seguido de um soneto laudatorio traduzido para inglês pelo Dr. J. Leyden a partir do original português de João Xavier de Mattos. Achamos que o poema merece ser transcrito, a titulo de exemplo de composições encomiasticas traduzidas para inglês:

Camcoens, o'er thy bright immortal lays  
Of mournful elegy or lyric song,  
How fleetly glide the rapid hours along!  
I give to Thee my nights, to Thee my days.  
The harms of fortune and the woes of love,  
The changes of thy destiny severe  
I mark with sadly sympathetic tear,  
And can but sigh for what was thine to prove.  
For Thee mine eyes with bursting tears o'erflow,  
Majestic Poet! whose undaunted soul  
Brav'd the ill-omen'd stars of either Pole,  
And found in other climes but change of woe.  
What Bard of fickle fortune dare complain,  
Who knows Thy fate, and high immortal strain! (89)

Como se pode verificar, faz alusão às habituais linhas de força que regem as composições encomiásticas camonianas em língua inglesa: admiração e compaixão pelo imortal poeta épico e lírico, marcado por um Destino severo que o perseguiu por todos os locais em que vagueou, de tal modo que nenhum outro poeta, por má sorte que tenha, se lhe pode comparar. Estamos perante a apologia do Bardo-mártir, único no seu génio e sofrimento. Parece-nos, assim, significativo que Adamson tenha escolhido este poema para iniciar a obra, antecedendo mesmo o Prefácio.

Na longa biografia camoniana, que ocupa mais de duzentas páginas do vol.I, o autor aborda com pormenor as circunstâncias vivenciais que marcaram Camões. Recordamos apenas que Adamson situa a morte do poeta em 1579 e num hospital. Quanto a gruta de Macau, cita Eyles Irwin, que

afirmara que tal local desperta o talento de viajante poético, provocando um tributo espontâneo aos sofrimentos e meritos do divino Camões. O tributo de Irwin manifestara-se na forma de soneto, escrito em 1793:

SONNET

High-favour'd grot! that on the jutting verge  
Of Old Cathay, in shades sequester'd, plac'd,  
Saw, with the poet's form, thy pavement grac'd --  
Studious his lyre to epic heights to urge.  
This be thy fame - not that the wreath which age  
Weaves for thy region \* with mysterious hands;  
Nor yet th'achievements of the daring bands, +  
Whose glory blaz'd, unrivall'd, on the stage.  
Veiled is her pride! their sun is set in shame!  
But oft the pilgrim to his cell shall stray; --  
Still find the Poet living in his lay,  
While taste and genius glow at Camoens' name.  
Still, with thy votary, strew the sill with flowers,  
Their lot far happier own, but ah! less blest their powers!

\* China. + The Portuguese. (90)

Em suma, o encómio ao poeta e ao homem provoca o encomio aos locais por onde ele passara e vice-versa. Desde já quisemos chamar a atenção para esta composição ainda do sec. XVIII, subordinada a um tema que fascinou os viajantes da época romântica e que retomaremos mais adiante no nosso estudo: a gruta, local privilegiado que acolhera Camões e testemunhara o seu génio.

Uma característica da monografia de John Adamson é a inclusão de várias ilustrações, que obviamente denotam da parte do autor uma cuidada apresentação visual e provocam uma maior curiosidade e identificação do público leitor com os assuntos focados. Além de três retratos de Camões, um deles reproduzindo a já mencionada medalha de Dillon, destacamos o esboço apresentado sobre a famosa gruta.

Em síntese, o autor salienta as diversas modalidades que foram adoptadas para elogiar o poeta. Não se esquece de citar os epitáfios e estranha que os portugueses ainda não tenham erguido um monumento a memória do bardo. Menciona ainda as homenagens literárias, salientando os nomes de Fanshawe, Mickle e Hayley.

Por tudo o que dissemos, é fácil concluir que *Memoirs* constitui um estudo exaustivo, indispensável aos admiradores de Camões a partir de 1820.

Como se não bastasse, John Adamson condensa ainda o seu interesse pelo poeta português em *Reply of Camoens*, datada de 1845.

Tendo como pretexto uma réplica supostamente dada pelo poeta a um fidalgo português, Adamson apresenta um Camões nostálgico dos felizes dias passados, por oposição a um presente infeliz. Mais uma vez, evoca-se o poeta que, auxiliado apenas pelo fiel servo, necessita de pedir esmola para sobreviver, numa situação desesperada que o leva a desejar e profetizar a morte. Estão presentes, pois, as linhas

gerais que constituem a imagem de Luis de Camões mais amplamente divulgada na Grã-Bretanha do séc. XIX.

O lusofilismo de John Adamson manifestou-se em diversas obras que versaram sobre literatura portuguesa. Destacámos apenas as que ilustram o seu entusiasmo por Camões, patente ainda numa antologia de sonetos publicada em 1845 (1922) e num último trabalho, datado de 1853: a já mencionada edição, com prefácio e notas, da tradução parcial de *Os Lusíadas* pelo seu falecido amigo Edward Quillinan.

Se tais contribuições não bastassem para confirmar o lusofilismo de Adamson, teríamos ainda a sincera expressão do seu amor e devoção pelo nosso país, imortalizado no soneto intitulado "Portugal!". (1933) De carácter autobiográfico, Adamson transmite nele toda a gratidão e sentida homenagem ao país que o acolhera na juventude e lhe permitira alcançar a fama. Contudo, parece estar embuido de uma certa nostalgia, de tal modo que parece poder ter sido escrito por Camões exilado, a quem alias faz referência.

Como se pode verificar, John Adamson realizou um trabalho fundamental no âmbito dos estudos camonianos em língua inglesa. Procurámos salientar as composições genuinamente encomiásticas, embora o seu trabalho, tomado como um todo, constitua o melhor elogio a Camões.

Assim, poderia ser difícil encontrar outro nome passível de ser colocado em paralelo com o do camonista Adamson. Todavia, o nome de Sir Richard Burton surge de forma

inequívoca como seu digno sucessor, pois manifestou uma profunda e prolongada devoção pelo poeta português, iniciada nas viagens pelo Oriente. Entre 1846 e 1848 visitou Goa, onde travou conhecimento com a língua portuguesa e onde começou a traduzir *Os Lusíadas*. Este trabalho de tradução prosseguiu até 1880, ano em que foi publicado. Significativo por si só, integra-se adequadamente na nossa perspectiva visto Burton apresentar, antecedendo o prefácio da tradução, um soneto expressivo dos seus sentimentos face aquele que considera Mestre:

TO MY MASTER

CAMOENS:

*(Tu se' lo mio maestro, e lo mio autore).*

GREAT Pilgrim-poet of the Sea and Land;  
Thou life-long sport of Fortune's ticklest will;  
Doomed to all human and inhuman ill,  
Despite thy lover-heart, thy hero-hand:  
Enrolled by thy pen what marv'ellous band  
Of god-like Forms thy golden pages fill;  
Love, Honour, Justice, Valour, Glory thrill  
The Soul, obedient to thy strong command:  
Amid the Prophets highest sits the Bard,  
At once Revealer of the Heav'en and Earth,  
To Heav'en the guide, of Earth the noblest guard;  
And, 'mid the Poets thine the peerless worth,  
Whose glorious song, thy Genius' sole reward,  
Bids all the Ages, Camoens! bless thy birth. (96)

Burton presta homenagem a Camões como homem e como poeta. Não esquece as atribulações da sua vida, que contribuíram em simultâneo para uma vivência infeliz e para uma obra genial, ou seja, estamos perante mais um poema dominado pela concepção de que uma vivência marcada pelo sofrimento destaca o verdadeiro génio poético.

Com efeito, Richard Burton começa por evocar Camões como poeta-peregrino infortunado, fazendo alusão a sua faceta de homem sensível mas também guerreiro heróico. Constituindo uma perfeita introdução a uma obra como *Os Lusíadas*, a enfiase do soneto recai no estatuto peculiar do Bardo-Profeta, autor de uma gloriosa obra épica.

Subjacente à escolha de Luis de Camões como Mestre, encontra-se uma identificação pessoal e completa, através de aspectos como a camaradagem nas armas, na poesia e na aventura, aspectos partilhados por ambos. A identificação é corroborada por Isabel Burton:

This translation...is the result of a daily act of devotion of twenty years from a man of this age who has taken the hero of a former age for his model, his master, as Dante did Virgil; and between whose two fates --Master and Disciple-- exists a strange and fatal similarity. (97)

Por seu turno, o proprio Richard Burton afirma no Prefácio que a principal atracção exercida pelo Maro de Portugal é a do Homem. Os traços gerais que mais o fascinam são os de viajante, soldado, moralista, humorista, satirista,

escritor verdadeiro e desinteressado, patriota e genio que morreu na máxima pobreza. Segundo ele, "none but a traveller can do justice to a traveller", porque nos meses de solidão recorria à companhia fiel de Camões, com quem partilhava a faceta de aventureiro solitário.

Fazemos nossas as seguintes palavras:

Burton was attracted to Camoens as the mouthpiece of the romantic period of discovery in the Indian Ocean. The voyages, the misfortunes, the chivalry, the patriotism of the poet were to him those of a brother adventurer. In his spirited sketch of the life and character of Camoens it is not presumptuous to read between the lines allusions to his own career. (99)

Torna-se lícito concluir que o soneto encomiástico de Sir Richard Burton ilustra e reflecte um genuino culto a Luis de Camões, concretizado nos seis volumes que lhe dedica entre 1880 e 1884. Tal como John Adamson, publica uma monografia camoniana e as suas traduções incidem quer na obra épica, quer na lírica. (100)

Não poderíamos terminar as considerações sobre este camonista sem acentuar o facto de também ele ter sido objecto de encómios. Destacamos a composição de Gerald Massey, dedicada a Burton precisamente por ser tradutor de *Os Lusíadas*, ou seja, Burton é evocado como intermediário para o conhecimento de Luis de Camões. cujo nome nunca é citado mas que constitui, afinal, o objecto do encómio de Massey:

GERALD MASSEY TO RICHARD F. BURTON

*"Englished by Richard Burton":* And well done,  
As it was well worth doing; for this is one  
Of those old Poets, who are always new,  
That share eternity with all that's true,  
And of their own abounding spirit do give  
Substance to Earth's dead Shadows; and make men live  
Who in action merely did but flit and pass;  
Now fixed for ever in thought's reflecting-glass.  
This is the Poet of weary wanderers  
In perilous lands; and wide-sea Voyagers.  
And climbers fall'n and broken on the stairs.  
A man of men: a master of affairs,  
Whose own life-story is, in touching ruth.  
Poem more potent than all feigned truth.  
His Epic trails a glory in the wake  
Of *Gama, Raleigh, Frobisher, and Drake.*  
The poem of Discovery! sacred to  
Discoverers, and their deeds of derring-do,  
Is fitly rendered, in The Traveller's land,  
By one o'the foremost of the fearless band. (101)

Todo o poema é laudatório de Camões, grande poeta sempre actual, que possui o dom de conferir imortalidade aos homens e acções cantadas. A ênfase recai na obra épica, mas o autor afirma que a sua própria vida constitui um poema poderoso. Em suma, Gerald Massey condensa a alusão à vida atribulada do poeta com o seu poema sobre os Descobrimentos e os Descobridores, aspecto particularmente querido aos admiradores britânicos.

De índole bastante diferente é o soneto-epitáfio de Justin Huntley McCarthy, dedicado integralmente a Richard Burton e inscrito no seu jazigo. Nesta composição, Camões é apenas mencionado numa breve alusão. (192)

Sir Richard F. Burton desempenha, assim, um papel importante na divulgação da vida e obra de Luis de Camões, a quem consagra uma atitude de verdadeiro encomiasta, movido por laços de profunda identificação com o Mestre venerado.

Por tudo o que dissemos, facilmente se conclui que os tributos analisados até agora são motivados ou por uma profunda admiração por Luis de Camões ou mesmo por uma identificação com o poeta português. A nível temático, os tributos versam sobre Camões como poeta épico e/ou lírico, e sobre Camões como homem de vivência diversificada e complexa.

## 2. AS COMEMORAÇÕES DE 1880

A obra de Sir Richard Burton inscreve-se já na década de oitenta, época particularmente inspiradora visto comemorar o tricentenário da morte do poeta português. É natural que as actividades camonianas se tenham intensificado um pouco antes e um pouco depois de 1880, dado que as efemérides provocam uma curiosidade redobrada ou até um renascimento de interesse por aquilo que vai ser comemorado. São, pois, ocasiões propícias para manifestações de índole encomiástica.

Das diversas publicações e estudos camonianos em língua inglesa produzidos na época, apontamos a continuação de traduções de *Os Lusíadas*, nomeadamente por John James Aubertin <sup>(1)</sup> e Robert Ffrench Duff. <sup>(2)</sup>

De ambos, apenas o primeiro dedica um poema encomiástico a Camões. Aubertin esteve pessoalmente nas comemorações de Lisboa e o seu poema possui um contexto temporal bem demarcado:

### STANZAS

Supposed to have been addressed by the Spirit of Camoens to the Portuguese nation on the occasion of their celebrating the Tercentenary of his death, when his bones and those of Vasco da Gama were finally transferred to the Convent Church of San Jeronymo --10<sup>th</sup> June 1880.

I Saw, though all unseen, the solemn train  
That spread in coloured grandeur o'er the breast  
Of Tagus, carrying to their final rest  
My bones and his, our hero of the main.

And Tagides \* were there, and ah! once more  
It seemed to me that I could sound a strain  
Among my countrymen: but that was vain,  
Only my bones were lying by the shore.

Oh! Lusitania, still my native land,  
Though now three hundred years ago I died,  
Oh! bear in constant mind the strength and pride  
Of ours, who owned the patriot's heart and hand.

These have I sung, and all that could inspire  
Remembrance of our never numerous band,  
But always mighty heart, steeled to withstand  
The ocean's storms, the foeman's sword and fire.

Thou hast thy freedom; this was their bequest,  
No ocean passage there remains to find;  
And for a record of their naval mind,  
Behold two spreading empires, east and west.

My country! 'neath the smiles of peace, secure  
Name worthy that our earlier sons possessed;  
With freedom, science, arts, and commerce blessed,  
A people noble, and your rulers pure.

Mark well your solemn pledge: these festive days  
Are more than empty joys; they are a vow,  
That as our fathers strove, so you will now  
'Midst Europe's nations this, our own, to raise.

Why have ye reared a statue to my fame?  
Why have ye bound its brows with poet's bays?  
'Tis that this vow, this purpose it displays,  
Or 'tis a Nothing --and usurps my name.

Ye are its spirit: I have ceased to live;

And if the sufferings of neglected years  
Drew from my living eyes some bitter tears,  
Your hearts to-day have taught me to forgive.

Farewell! I watch you with a spirit's eyes,  
Your higher thoughts and acts shall still survive,  
For as yourselves and sons shall faint or strive,  
Our land, our Lusitania, lives or dies!

\* Nymphs of Tagus (3)

As estrofes, escritas na 1ª pessoa do discurso, são criadas como sendo dirigidas pelo próprio Camões à nação que celebrava o tricentenário da sua morte. Nelas o poeta critica a pátria que o tinha votado ao esquecimento durante trezentos anos, mas afirma que a actual consagração o faz perder o abandono e sofrimento do passado. A crítica amargurada acaba por ser ultrapassada pelo fervor patriótico que o tinha levado a escrever o seu poema épico. Detectamos até uma nota de humildade face à Pátria, ela sim imortal.

De certo modo, as "Stanzas" completam o quadro da vida de Camões já apresentado por J.J. Aubertin na introdução da sua tradução de *Os Lusíadas*. A tónica incide nos sucessivos infortúnios do poeta, culminando numa morte miserável em 1579. Mencionamos este facto porque em 1878, data da publicação da tradução, o autor ainda partilha da tradicional insegurança quanto à data exacta da morte do poeta português. Só num artigo de Fevereiro de 1881 Aubertin reconhece o erro, afirmando que tinha seguido autoridades antigas, como Adamson,

e o rectifica, baseando-se na obra do Visconde de Juromenha. (4)

Debrucemo-nos então sobre as comemorações de 1880, visto terem estimulado a escrita de composições encomiásticas propriamente ditas. Devemos desde já salientar que são da autoria de cidadãos britânicos residentes em Portugal, uma vez que o grande movimento de admiração por Luis de Camões na Grã-Bretanha arrefecera décadas antes.

Assim, Charles Sellers é autor de um poema intitulado "Luis de Camões", publicado num periódico português:

#### LUIZ DE CAMÕES

Muse lend thine aide, and zephyrs on your wings,  
The secrets of Parnassus hither bear,  
For he who wondrous deeds of valour sings,  
Demands a tribute set to heavenly air,  
Which angels on their harps of golden strings,  
Strike up obedient at the wish of sweet Ignez the fair.

This rippling spring which, neath the lindens flows,  
Keeps time unto the measure of my song,  
The balmy breeze that o'er the tulips blows,  
And note of birds the chestnut trees among,  
Inspire me with his praise which as it grows  
In me, for ever loftier doth to great Camões belong.

Beneath you tall magnolia tree that looks,  
Majestic in its age, and spreading size,  
Oft have I scanned the beauties of those books,  
Treading the path that warriors only prize,  
Or learning how by cooling sylvan brooks  
In meetings lone true lovers learn that language of the eyes.

You know the scene where Adamastor meets  
The cong'ring hero Vasco on the wave!  
Oft have I thought that where the Ocean beats,  
Breaking the silence of some sea-side cave,  
The self-same scene my vision fondly greets,  
I see again the lordly fleet and Gama great and brave.

In woodland depths where children play at ease,  
Gath'ring the flowers wild that deck the ground,  
There have I mused beneath the ancient trees  
And wondered if their shadows heard the sound  
Of that acclaim, borne on the morning breeze  
That told the wondering universe of countries newly found.

I love the land Camões which gave thee birth  
No fairer spot, the eye of man surveys  
No braver race is known upon the earth  
No purer air pervades the summer days;  
Here love and song confess the native myrth  
That fills th'enraptured hearts of young and old with joyous

lays. (5)

Antes de mais, devemos realçar que o poema é precedido por um artigo intitulado "A Camões", da autoria de Augusto Brochado, director do periódico. Nele sublinham-se os previsíveis aspectos da inveja e ingratidão dos contemporâneos do poeta, contrastando com a consagração da época vigente, que reconhecia e admirava a memória do bravo militar, do exímio poeta e do verdadeiro patriota. Embora as palavras sejam da autoria de um cidadão português, parecem-nos resumir a visão da época sobre Camões, no seguimento e como complemento da anterior visão britânica romântica:

...ó vate eximio, succumbistes debaixo d'uma existencia attribulada, d'uma vida de martyr!...Passara a nossa nacionalidade, passarão as gerações que desapareçam no abismo do tempo, só não passara a vossa obra e com ella a memoria eterna da nossa formosa patria. (6)

Estas ideias, recorrentes nos encómios em lingua inglesa, estão patentes no poema de Charles Sellers, que evoca o Camões épico, com especial incidência para o episodio do Adamastor, embora também faça uma alusão ao poeta lirico. A composição termina com o elogio a Portugal pela simples razão de ser o berço de Camões -- ou seja, depreendemos que, tal como nos encómios da Antiguidade, o poeta contribui para a grandeza da nação que, por sua vez, immortaliza o poeta. Dai, talvez, que a ênfase dos encómios recaia sobretudo na obra épica do poeta.

Temos conhecimento que Charles Sellers é ainda autor de outra composição encomiastica, intitulada *To Camões*. Contudo, não conseguimos localizar o dito poema, do qual só possuímos os seguintes versos:

What loud acclaim is this spontaneous jubilee ?  
Perchance some warrior come from battles o'er the sea ? (7)

Uma composição encomiastica que podemos citar, escrita no tricentenário da morte do poeta, é da autoria de uma senhora inglesa, M.F. Woodman:

CAMÕES

Three hundred years have been numbered,  
Since in death, Camões thou' st slumbered;  
In St. Anna's convent shade,  
Where thy humble grave was made.

Few friends to weep, o'er thee and mourn  
In those days, of deepest gloom.  
No willows, waving o'er the tomb,  
No flowers, to shed their sweet perfume.

How swiftly those years, have fled and gone  
With monarchs, powerful and strong;  
But thy poems, passed from age, to time,  
Making thy name, at last sublime.

Tough [sic] beauty, and wealth, rank, and power,  
Has bloomed, and faded, like a flower.  
Yet in thy Nation's thoughts, and pride,  
Thy genius Camões; hath never died.

Thou nobly served, with thy comrade's hand,  
Thy monarch and thy native land;  
In the same grave thy relies, shall be,  
And the love of thy nation, will rest with thee. (8)

Estas quadras circunscrevem-se nas habituais linhas temáticas da época: a autora recorda o anonimato que rodeou o falecimento do poeta e a mudança que se operara em trezentos anos com a admiração e reconhecimento do seu talento. Por outras palavras, constatamos que M.F. Woodman parte da alusão

a vivência de Camões para a reflexão sobre o genio poético, que tinha vencido a transitoriedade da vida.

Temos ainda conhecimento de que J.P. Markeley escreveu uns sonetos para o tricentenário, publicados num periodico de Londres. Inielizmente, não os conseguimos localizar, sabendo apenas que começam e terminam da seguinte forma:

Of Southern song the soul! Camoens lyre  
Still speaketh, echo heighten'd o'er warm seas:  
June's convalescent sigh -- from hills and trees,  
Commingles with fair Lisbon's voice of fire.

...

May-be, the dark neglect of olden time  
Will blush! as anthems of a lordlier praise  
Ring out full justice to rare song-wapped men! (9)

Esta pequena amostra suscita a ideia de que J.P. Markeley terá elogiado sobretudo a obra epica de Luis de Camões, enfatizando a imortalidade do seu talento, o esquecimento a que fora votado e a justa admiração da época.

São estas as composições encomiásticas que possuímos, datando de 1880. Contudo, a nossa apreciação não seria rigorosa ao termos em conta apenas as homenagens em verso, descurando o ambiente laudatorio em torno das comemorações. Referimo-nos em concreto as homenagens em prosa e ao papel desempenhado pelos periodicos, cujos artigos acompanharam de perto os acontecimentos, contribuindo para manter actualizada a opinião pública britânica. O nosso proposito não é apresentar uma lista exhaustiva dos artigos que fazem encomios

a Luis de Camões, mas seleccionar os que nos parecem mais significativos em termos de notícias informativas e laudatórias sobre as comemorações do tricentenário da morte do poeta.

Em primeiro lugar, devemos dizer que tinha sido preparado um caminho de abertura face à integração de Camões na restante literatura portuguesa. É o caso de um artigo em *The Foreign Quarterly Review*, datado de 1832. Numa tentativa de alargar os conhecimentos sobre literatura portuguesa, o artigo destaca por exemplo António Ferreira e Bocage. O nome de Luis de Camões não fica, porém, relegado para segundo plano -- em simultâneo à evocação da Pátria ingrata que tinha deixado Camões morrer no hospital, faz-se a confirmação do talento impar do poeta:

...this neglect existed when Camoens wrote, and was not confined to literature. If Camoens died in an hospital, so did some of those generals who conquered half India for their ungrateful country. Yet other generals regained or enlarged the Indian empire, whilst Camoens had no successor for upwards of a hundred years after the recovery of Portuguese independence. (10)

O elogio a Camões juntamente com a crítica a Pátria é muito frequente, como temos visto. Por vezes, no entanto, os britânicos estão sensíveis ao amor patriótico que levara o poeta a imortalizar o seu país através de *Os Lusíadas*, numa atitude desinteressada. (11) De um modo geral, continua a ser estreita a ligação dos dados biográficos de Luis de Camões a

sua obra poética -- alias, os autores salientam que é habitual os grandes homens possuírem vidas pouco interessantes, o que não sucede com o autor de *Os Lusíadas*.

Como se pode constatar, a opinião pública britânica estava preparada para não deixar cair no esquecimento a data de 1880 embora, como já vimos, não tenha sido esta a época aurea de interesse pelo poeta português. Vejamos então alguns artigos emitidos no ano das comemorações ou na sua sequência.

Já em Janeiro de 1880, aparece a contribuição de uma figura como Teófilo Braga na imprensa periodica inglesa, por meio de um artigo que dá conta de um trabalho de tradução de *Os Lusíadas* por Robert Ffrench Duff. <sup>(12)</sup>

Quatro meses mais tarde, aparece no mesmo periódico um artigo intitulado "Notes from Lisbon", no qual o autor, enviado do jornal a Lisboa, menciona os tres ultimos tradutores de *Os Lusíadas*, Aubertin, Duff e Burton, como indo estar presentes no festival camoniano. <sup>(13)</sup> Faz tambem alusão á trasladação dos restos mortais de Camões da Igreja de Sant'Ana para o Mosteiro dos Jerónimos, juntamente com os de Vasco da Gama, herói que aproveita para elogiar, lembrando a sua semelhança com um dos esplêndidos ingleses da época isabelina. <sup>(14)</sup> Termina com um encomio a Luis de Camões, afirmando que é maravilhosa a imortalidade do verdadeiro genio. Cita Keats, "a thing of beauty is a joy for ever", considerando que por esse motivo, ao fim de três seculos, os conterrâneos do poeta se unem para prestar tributo á sua memória.

Tambem em Maio de 1880 deparamos com dois artigos em *The Times*, ambos bastante extensos, anonicos, mas com certeza de autores diferentes, sobre o Tricentenario de Camões. (16)

Merece lugar de destaque o primeiro artigo, onde se declara que todo o mundo celebra o tricentenario do poeta epico -- Portugal, Brasil, e ainda Goa e Africa juntavam-se no tributo. Portanto, quatro partes do globo iriam celebrar o cantor de *Os Lusíadas*, homenagem que nunca nenhum bardo tinha recebido anteriormente. Tal facto constitui uma apoteose esplendida para um homem illustre, contrastando com o seu destino enquanto tinha vivido. O autor termina com umas palavras evocativas da Aliança Anglo-Portuguesa que nos parecem significativas quanto a posição da Inglaterra face a Portugal e o seu poeta:

...Englishmen will wish to honour Portugal as well as her poet. England and Portugal have been united by centuries of common dangers and common benefits; yet it is strange how little Englishmen and Portuguese know of one another. The fault may be in part that of English conservatism, which in pleasure more than in business cleaves to beaten paths. (17)

Finalmente, verificamos que os artigos sobre as comemorações são por vezes completados por diversas imagens, como sucede com *The Graphic. An Illustrated Weekly Newspaper*. (18) Além de constatarem o ironico contraste entre as festas do tricentenario e o desamparo que tinha causado a morte do poeta na miséria, as apreciações vão no sentido de definir

Camões como o Shakespeare de Portugal e um poeta do povo, o mais patriótico dos poetas e o mais poético dos patriotas.

De um modo geral, podemos dizer que as notícias em língua inglesa sobre as comemorações do tricentenário da morte de Luís de Camões partem, de forma implícita, da tradicional ideia segundo a qual o poeta representava em simultâneo o maior orgulho do país por ele imortalizado e a maior vergonha desse país por não lhe ter reconhecido o devido valor. Nesse sentido, os artigos dão especial relevo ao contraste entre o anonimato passado e a consagração trezentos anos após a sua morte, visto que o verdadeiro Génio vence quaisquer barreiras temporais.

Como podemos verificar, estas ideias estão em perfeito paralelo com os paradigmas temáticos das composições encomiásticas já comentadas. Devemos ainda frisar que 1880 marca uma estreita relação entre o poeta e o seu principal herói, entre Luís de Camões e Vasco da Gama, cuja interação a nível da glória eterna é um dos tópicos recorrentes da apreciação encomiástica, e cujos restos mortais se associam para sempre.

Resta-nos acrescentar que os ecos das comemorações ainda se fizeram sentir no séc. XX, época que se mantém fiel a recordação das datas primordiais para os estudos camonianos. É evidente que mesmo os admiradores britânicos reconhecem que cada vez é mais difícil dizer algo de original sobre Luís de Camões, e é pouco provável que volte a existir uma figura como



Sir Richard Burton ou um fausto semelhante aos festejos de 1880. (19)

Mais uma vez, podemos recorrer às composições encomiásticas, alusivas ou inspiradas em Camões como representativas de uma admiração genuína que ultrapassa obstáculos de falta de originalidade ou de circunstâncias temporais ou estéticas menos propícias às homenagens camonianas. (20) Embora o comentário a essas composições exceda os limites do nosso trabalho, não queremos deixar de registrar que elas existem, contem elementos originais e somos da opinião que só terminarão no dia em que o nome de Luis de Camões deixe de ser pronunciado na língua inglesa.

### 3. REPERCUSSÕES NO ORIENTE

A conclusão mais imediata que podemos tirar da iraca existencia de composições encomiasticas a Camões publicadas na Grã-Bretanha em torno de 1880 e o modo diferente como o tricentenário foi encarado em Portugal e na Grã-Bretanha.

Ambas as nações se tinham empenhado num processo que visava a consagração de Luis de Camões. No entanto, Portugal demonstra uma reacção mais lenta e assinala 1880 com inumeras homenagens dos mais diversos tipos, <sup>11</sup> integradas num periodo em que se vivia sob a egide do Romantismo. Como tal, procurou tirar-se o máximo partido da figura do grande poeta incompreendido pela Nação ingrata e ignorante, a que não faltaram criticas politicas indirectas. A Grã-Bretanha, contudo, dominada pelo espirito romântico bastante mais cedo, descobriu Luis de Camões como expoente do Genio poetico e heroi romântico logo nos finais do sec. XVIII e principios do sec. XIX. Como já vimos, o fervor de Richard Burton, demasiado pessoal, constitui uma excepção quanto ás correntes do gosto da época.

Deste modo, 1880 assinala em Portugal o culminar de um processo. Podemos mesmo afirmar que apenas nessa época se concretiza o reconhecimento do poeta a nível nacional. Em contrapartida, 1880 marca na Grã-Bretanha o extinguir da chama que explorara a figura de Luis de Camões a nível sentimental, instigada pelas correntes esteticas dominantes.

Contudo, é possível detectar um local onde portugueses e britânicos confluem, e no qual ainda em 1880 a tendência prevalecente é a exaltação camoniana. Falamos das colônias de ambas as nações no Oriente.

O Oriente desempenha, na verdade, um papel fundamental no triângulo cultural Portugal - Grã-Bretanha - Camões. É no Oriente que, independentemente de qualquer data, os súditos britânicos podem ver de perto e percorrer os locais por onde Luís de Camões tinha passado. É no Oriente que ganham inspiração para desenvolver temas alusivos à vivência de Camões, geralmente associados com a sua obra poética, como por exemplo a sua permanência na Gruta em Macau. Esta é a temática preferida dos encomiastas-viajantes, e que já analisamos no nosso comentário à obra de John Adamson, a propósito de Eyles Irwin. (4)

John Francis Davis é autor de uma das composições encomiásticas de maior divulgação na época, escrita em latim: "In Cavernam ubi Camoens". Composta em Macau em 1831, terá sido publicada pela primeira vez em 1836. (5) Em 1840 conhece uma versão para língua inglesa pelo Rev. Mr. Taylor, capelão da fragata americana Columbia, que tinha visitado Macau e a gruta em Maio de 1839:

Among these recesses of rock and of shade,  
Where the sun's mild beams on the rich foliage played,  
The genius of Camoens in beautiful verse,  
Poured forth its sweet lays which ages will rehearse.

And here the fair marble once breathed in its grace,  
To tell of the poet that hallowed the place;  
And the seat he loved most, while his eye was yet bright,  
Was known by the bust in the cave's meowed light.

But time with its years has betrayed the fair trust,  
And erumbled the rich marble, alas, in the dust;  
And stillness now reigns profound as the grave,  
Through the rocks and the shades of Camoens' Cave.

But the fame of the poet in brightness is streaming,  
And his name on the page of glory is gleaming;  
While his works as the models of genius yet live,  
And seek not from marble her praises to give.

So ever lives genius through time's erumbling power,  
Till ages shall cease to chronicle their hour,  
And spurns the crushed marble its story would boast,  
And triumphs, yet deathless, when monuments are lost. (4)

Não se trata de uma tradução literal, mas o espírito é o mesmo: elogiar o gênio de Camões, cujas obras lhe concederam a fama e a glória, permitindo-lhe alcançar a imortalidade que vence qualquer local que tivesse sido habitado por ele e qualquer monumento que se erga à sua memória.

É de notar que esta versão em língua inglesa do poema de J.F. Davis aparece inserida num artigo do periódico *The Chinese Repository* assinado por H.S., iniciais que descobrimos corresponderem a Mrs. Henrietta Shuck. (5) O artigo merece-nos referência mais alargada na medida em que exemplifica o interesse e tratamento local dos temas camonianos.

Em primeiro lugar, esta autora desconhecida sabe que John Adamson tinha publicado *Memoirs* em 1820, mas é pouco provável que tenha lido a obra, visto afirmar que até a data não existe uma biografia completa e satisfatória de Luis de Camões. Apenas a título de apontamento biográfico, toca os aspectos habituais: educação em Coimbra, paixão por Catarina de Ataíde, exílio da Corte, brilhante desempenho como soldado simultâneo ao talento como poeta, inveja e incompreensão dos contemporâneos, desterro, naufrágio, regresso a Lisboa, auxílio do criado-mendigo que assegurava a subsistência do amo, e morte do "nobre herói", esquecido por todos, num hospital em 1579.

Quanto a *Os Lusíadas*, obra na maior parte composta em Macau e fruto de uma "master mind", pode ser designada como epopeia do comércio -- ideia recorrente nos estudos camonianos em língua inglesa, como vimos. Henrietta Shuck mostra conhecer a tradução de Mickle, fazendo ainda alusão a primeira tradução em inglês por Fanshawe, a existência de traduções em diversas línguas, à obra de Blair e ao artigo de Voltaire.

Não se tratando de um artigo inovador, comprova no entanto a expansão dos conhecimentos sobre Camões, cujo fascínio incidia no Velho Continente, se fazia sentir no Oriente e se estendia até ao Novo Mundo.

O tema da Gruta de Camões apareceu intimamente associado à construção de monumentos à sua memória.

Henrietta Shuck lembra que o belo jardim onde se situava a gruta era propriedade de L. Marques. Trata-se do

comendador Lourenço Pereira Marques, o primeiro portuguez que dedicou um monumento em honra de Camões -- em 1840 mandou erguer, junto a gruta, um portico que enquadrava um busto sobre um pedestal com o distico "Luiz de Camões: nasceo 1524, morreo 1580" e uma inscrição chinesa. (7)

Portanto, muito antes que em Lisboa se pensasse em erguer umá estátua a Luis de Camões, Macau ofereceu-lhe o primeiro monumento. O busto foi várias vezes mutilado, sendo substituído graças a acção do comendador Lourenço Marques.

O pedestal tinha gravadas seis estrofes de *Os Lusíadas*, de carácter autobiográfico: VI, 95; VII, 79, 80 e 81; VIII, 42; e X, 23. (7)

Prosseguindo a nossa exposição de composições encomiásticas inspiradas pela presença em Macau, devemos salientar o poema de J.N. Dawson composto nesse local em Julho de 1849:

Luis de Camoens  
Author of the Luziad a Poem

Hamped with the impress of great genius!  
Ages serving to establish its fame  
And generations of men, in various tongues  
Extending the knowledge of its beauties  
Whoever truth and talents are held in estimation.

Genius! thou glorious attribute! by Heaven  
To some a chosen few! assign'd  
In e'vry clime thou formst immortal mind  
And prov'st that providence its gifts makes ever  
And best compensates other good not given.

Camœns! the exalted privilege is thine  
Tho exil'd ingen'd beg yar'd grive'd oppresst!  
Nobly to have thy (\*) wrongs redresst  
By aspirations high and thoughts divine!  
When now (\*) thy the miscalled illustrious loin  
Of Kings and chiefs are low, forgotten! save  
That thou now giv'st them fame beyond the grave  
Camœns' the ages pass a nation fall a Raw decline  
Thy song still charms! and (\*) bays still turn. (8)

Como se pode constatar, a tônica dominante incide na glória e imortalidade do génio poético, atributo divino concedido a uma minoria de eleitos. Camões possuía-o, sofrendo as provações a ele inerentes mas gozando também do privilégio de ser diferente e do dom de conferir fama eterna aos homens e feitos por ele cantados. É o caso de *Os Lusíadas*, obra consagrada que Dawson elogia, fazendo alusão as traduções que contribuíram para a sua divulgação por todo o mundo.

Em resumo, J.N. Dawson faz o encomio de Luís de Camões como figura exemplificativa do Génio, concretizado na sua imortal obra épica.

Importa frisar que esta composição se encontra inserida num álbum que pertencia ao comendador Lourenço Pereira Marques, personalidade a que já nos referimos por ter sido proprietário do jardim onde se situa a Gruta de Camões. Tivemos oportunidade de consultar uma cópia do álbum, que contém diversas composições encomiásticas de temática camoniana. Desconhecemos a data da sua compilação, embora possamos dizer que o último poema data de 1887 e que o álbum

inclui apenas três composições laudatorias em lingua inglesa. (9)

Além do poema de Dawson, destaca-se o soneto a Macau de John Bowring, composto a 30 de Julho de 1849:

SONNET TO MACAO

Gem of the Orient Earth and open Sea,  
Macao! that in thy lap and on thy breast  
Hast gathered beauties all the loveliest  
Which the sun smiles on in majesty!  
The very clouds that top each mountain crest  
Seem to repose there lingering lovingly.  
How full of grace the green Cathayan tree  
Bends to the breeze, and now the sands are prest  
With gentlest waves, which ever and anon  
Break their awakened furies on the shore!  
Were these the scenes that Poet looked upon  
Whose lyre, though known to fame, knew misery more ?  
They have their glories, and Earth's diadems  
Have nought so bright as Genius' gilded gems. (10)

Embora o nome de Camões não esteja expresso, é a ele que Bowring se refere, como se depreende da alusão ao Poeta famoso pelo talento e grande infelicidade. O poema de Bowring pode ser considerado exemplificativo do pensamento erudito da época.

Bastante mais subjectiva é a interpretação veiculada por Mrs. Maria Middleton, composta em Macau e datada de Agosto de 1851:

Homage to Camoens and adieu to his Grotto.

I

Camões! How often have I strayed  
In yonder garden's pensive shade,  
And sighed to think of thee!

So loved, so loving, so unblest!  
So hard thy toil, so short thy rest.  
Until no more by earth opprest,  
Escaped thy spirit free!

II

And does thy genius haunt the scene,  
And canst thou the homage glean  
Which mortals love to pay?

From some in exile like thine own,  
Who seat them by the rugged stone,  
Beneath whose shade, unsought, unknown,  
Burst forth thy wondrous lay?

III

Men of all nations hither meet,  
And all direct their wandering feet  
Towards these shady bowers.

And none who love the Poet's art,  
None from these solitudes depart  
But say within their inmost heart,  
"O that the Bard were ours!"

IV

I too have brought my offering,  
Have dared Camões' praise to sing,  
And learned his worth to prize.

But now my wandering steps no more  
Must tread these paths as heretofore,  
And with me to a distant shore  
I bear these memories!

V

I leave thee in thy deep repose.  
If in thy unexampled woes  
True wisdom's lore was thine,

Ah! then we know each trial sore  
Brought thee but nearer to the shore  
Where earthly woes can never more  
Disturb thy bliss divine.

VI

Adieu, then, soldier-poet's shade!  
Adieu, the friends with whom I've strayed  
So oft in pensive mood.

Sadder and wiser have I been  
For dwelling mid these groves serene.  
And musing on life's stormy scene  
In this dear solitude. (11)

Nesta composição, Luís de Camões surge como motivo de reflexão e simpatia por ter sido tão amado, tão amante e tão desditoso. Soldado-poeta no exílio, e objecto de numerosas homenagens de exilados de diversos países que gostariam que o Bardo fosse da sua nacionalidade. A própria autora se atreve a elogiá-lo no momento da sua partida, a laia de despedida daquele local, dos seus amigos e de Camões.

Sabemos que o poema de Maria Middleton foi escrito a pedido do Comendador Lourenço Marques para ser integrado no já referido Album da Gruta de Camões. Podemos dizer que a gratidão do Oriente ao poeta que nele encontrou refúgio constitui um dos aspectos que se salientam no frequente confronto com a ingratitude da Pátria, que não soubera compreender Camões e o deixara morrer no esquecimento, mas lhe dedicava esplêndidas comemorações no tricentenário da morte do poeta. O Oriente, pelo contrário, mostrara-se empenhado num processo de solidariedade com o poeta, não o abandonando quando ele tinha precisado, e demonstrara uma contínua admiração por ele, numa evolução equilibrada até as comemorações.

Mais uma vez, devemos apontar o nome de Lourenço Pereira Marques na divulgação de Camões, tendo desempenhado um papel fulcral nas comemorações do tricentenário em Macau. Torna-se pertinente concedermos algumas palavras ao seu discurso comemorativo, reproduzido no periódico *The China Review: or, Notes and Queries on the Far East* em Julho de 1880. <sup>(12)</sup> O encómio é óbvio ao considerar Luis de Camões como o maior génio produzido por Portugal -- famoso pintor da Natureza, profundo observador e conhecedor do coração humano, era sobretudo dotado de um intenso e puro patriotismo. Poeta, soldado, viajante e amante, travou uma luta contínua contra um destino duro e cruel, o que o tornou um grande e raro Genio.

Como se pode verificar, tais ideias já tinham sido veiculadas por diversos encomiastas britânicos. Por outro

lado, tiveram eco na imprensa periodica em lingua inglesa publicada no Oriente. Com efeito, a curiosidade pelas comemorações camonianas fez-se sentir, a partir de um maior ou menor conhecimento sobre o poeta, ou ate a partir de informações menos correctas. Ocorre-nos mencionar, por exemplo, uma referència ao citado artigo de *The China Review* em homenagem a "Louis de Casnoens" [sic], artigo considerado de interesse excepcional devido ao facto de o poeta ter residido por uns tempos em Macau. (13)

Por todos os motivos que ja assinalámos, é natural que tanto os portugueses como os britânicos residentes em Macau ou Hongkong tenham sentido a data de 1880 de um modo especial. Recordamos, a proposito, o discurso proferido pelo governador de Hongkong, Sir John Pope Hennessy, perante a comunidade portuguesa, reunida para celebrar o tricentenário da morte de Camões. (14) Hennessy associou-se, assim, ás anteriores homenagens de Sir John Francis Davis e Sir John Bowring, personalidades que, como vimos, ocuparam tambem lugar de governadores da referida colónia britânica.

Os cidadãos americanos tomaram igualmente parte activa nos acontecimentos, legando-nos algumas manifestações laudatórias em lingua inglesa. Ja que falamos de discursos panegiricos, salientamos o discurso proferido em Cantão, a 8 de Junho de 1880, por Gideon Nye. Este cidadão americano, muitos anos residente na China, lembra o interesse local por Luis de Camões e os tributos que artistas e poetas lhe

prestaram na sua Gruta, citando precisamente as contribuições poéticas de Davis e Bowring. <sup>(15)</sup>

Resta-nos acrescentar que a estreita relação entre Luis de Camões e o Oriente continuou a ser salientada após as comemorações de 1880. Tenhamos em consideração alguns artigos da imprensa periódica em língua inglesa, quer publicada na Grã-Bretanha, quer no Oriente.

Começando pelos artigos publicados em Londres no séc. XX, parece-nos de toda a conveniência destacarmos "In the Footprints of Camoëns" e "Camoens and his Adventures in the East". <sup>(16)</sup> Como se pode depreender pelos títulos, trata-se de artigos cuja atenção primária se volta para a permanência do poeta em Goa e Macau -- não estando alheias reflexões sobre costumes portugueses e chineses; dificuldades sentidas pelos portugueses quer na Índia, quer na China; informações sobre a gruta, busto e inscrições laudatórias ao poeta que nela tera composto a sua obra-prima.

Por outro lado, também os periódicos orientais debatem a estada de Camões em Macau, como atestam, por exemplo, os artigos "Was Camoens ever in Macau?" e "Camoens. A Portuguese Poet in Macao", este último datando de 1963. <sup>(17)</sup>

Como o objectivo do nosso trabalho é destacar o aspecto encomiástico dos estudos camonianos, não quisemos deixar passar em branco a contribuição da imprensa periódica e de alguns artigos que, sendo de carácter informativo, não deixam de estar embuidos de um espirito laudatorio.

Em síntese, os tributos orientais em língua inglesa a Camões associam a permanência do poeta na Gruta de Macau com a escrita de *Os Lusíadas*, ou seja, associam o local a obra épica, numa estreita relação com as circunstâncias vivenciais que concorreram para tal situação. O Camões elogiado como poeta é o autor da epopeia e como homem o patriota exilado e infeliz. São estes os traços que mais impressionam e estimulam os falantes da língua inglesa, bem como os portugueses. Tanto uns como outros partilham aquilo que nos parece ser um sentimento misto de integração e exílio no Oriente, numa antinomia de amor e ódio pela Pátria distante.

Estes aspectos parecem-nos estar presentes nas composições encomiásticas, de forma explícita ou implícita. Nos discursos encomiásticos a tónica crítica é mais acentuada, quer por parte dos cidadãos britânicos, quer dos portugueses.

Não queremos deixar passar despercebido o facto de os habitantes de Macau, tal como Luís de Camões, se mostrarem gratos ao local que os acolheu, sentindo-se simultaneamente próximos e distantes da Pátria. Colocava-se um problema que, um século mais tarde, ganha actualidade: a separação de Macau em relação a Portugal e a necessidade de afirmação da sua nacionalidade. Em diversos discursos comemorativos camonianos, os autores portugueses censuram o governo da Metrópole que, por exemplo, não fomentava a criação de estabelecimentos de ensino que promovessem o estudo da língua e história nacionais. Portugal tendia a ignorar Macau, esquecendo que os Macaenses eram um monumento vivo a sua grandeza passada, eram

os descendentes dos que tinham acompanhado aquelas remotas regiões os heróis da epopeia cantada pela poeta nacional.

Como se pode constatar, Luis de Camões e *Os Lusíadas* são encarados numa perspectiva não apenas poetica, mas também social e politica. Nessa medida, parece-nos pertinente focar estas questões, manifestas ou subentendidas nas homenagens do Oriente ao poeta português, visto que os cidadãos britânicos que se encontravam presentes partilhavam dos sentimentos locais. Daí que a sua participação em 1880 seja bastante mais activa no Oriente do que na Grã-Bretanha.

**NOTAS**

1. Do século XVII ao século XIX

- (1) Richard Fanshawe, *The Lusiad, or, Portugals Historicall Poem: Written in the Portingall Language by Luis de Camoens; and now newly put into English*, London, 1655. Sir Richard Fanshawe (1608-1666), poeta, poliglota e diplomata, foi uma figura de bastante relevo no seu tempo.
- (2) As três traduções quincentistas são as seguintes: Benito Caldera, *Los Lusíadas de Luys de Camões, traducidos en octava rima castellana*, Alcala de Henares, 1580; Luys Gómez de Tapia, *La Lusíada de el famoso Poeta Luys de Camões. Traducida en verso castellano de Portugues*, Salamanca, 1580; Henrique Garcez, *Los Lusíadas de Luys de Camões, traducidos de Portugues en Castellano*, Madrid, 1591. Note-se, todavia, que só Luys Gómez de Tapia é espanhol, visto que os outros dois autores são portugueses residentes em Espanha. Sobre este assunto, remetemos para Jose Filgueira Valverde, "Camões em Espanha", in *Camões. Comemoração do centenario de "Os Lusíadas"*, Coimbra, 1981, pp.361-369, e Maria Lucília Gonçalves Pires, *A Crítica Camoniana no Seculo XVII*, Lisboa, 1982, pp.40-41.

- (3) Richard Fanshawe, "The Epistle Dedicatorie", in *op.cit.*, s/p.
- (4) V. Charles Boxer, "Vicissitudes das Relações Anglo-Portuguesas no Seculo XVII", in *600 Anos de Aliança Anglo-Portuguesa. 600 Years of Anglo-Portuguese Alliance*, London, s/d., pp.27-30. Entre a numerosa bibliografia sobre a Aliança Anglo-Portuguesa, destacamos H. V. Livermore, "A Aliança Anglo-Portuguesa: Perspectiva Histórica", in *ibid.*, pp.7-15; P. E. Russell, "Introdução à Aliança Anglo-Portuguesa", in *ibid.*, pp.16-20; Virginia Rau, "A Alvorada da Aliança Anglo-Portuguesa", in *ibid.*, pp.21-26; João Cordeiro Pereira, "A Aliança de 1373 entre Portugal e a Inglaterra", in *Panorama*, nº 46/47, 4ª serie, Lisboa, 1973, pp.9-15; S. George West, "Os 600 Anos da Aliança Anglo-Portuguesa. A exposição do Museu Britânico", in *ibid.*, pp.39-43; José de Almada, *Para a História da Aliança Luso-Britânica*, Lisboa, 1955; Eduardo Brazão, *Uma Velha Aliança*, Lisboa, 1955; Armando Marques Guedes, *A Aliança Inglesa sob o signo da Dinastia de Bragança*, s/l., 1958; Edgar Prestage, *Chapters in Anglo-Portuguese Relations*, s/l., 1935.
- (5) Manuel de Faria e Sousa, *Lusiadas de Luis de Camoens, Principe de los Poetas de España. Comentadas*, 2 vols., Madrid, 1639.

- (6) Assistimos actualmente a um certo movimento de reabilitação da tradução de Fanshawe, acompanhado por novas edições nos E.U.A. e Grã-Bretanha. Referimo-nos a Jeremiah D. M. Ford (ed.), *The Lusíad by Luis de Camoens, Translated by Richard Fanshawe*, Cambridge [Massachusetts], 1940; e Geoffrey Bullough, *Luiz Vaz de Camoens, The Lusíads. In Sir Richard Fanshawe's Translation*, London, 1963.
- (7) Incluímos a versão original do soneto de Tasso e a respectiva tradução de Fanshawe no Apêndice A. O soneto laudatório de Tasso já se encontrava em Faria e Sousa, *op.cit.*, vol.I, s/p.
- (8) Richard Fanshawe, *op.cit.*, s/p.
- (9) Citamos as informações recolhidas em *Catálogo: Camoniana Inglesa da Biblioteca do Instituto Britânico*, Lisboa, 1972, p.25 (daqui em diante citado apenas como *Catálogo: Camoniana Inglesa*):  
Camões. Busto sobre Pedestal. Gravura de Thomas Cross (trabalhou de 1645 a 1685). O mais antigo retrato do Poeta, publicado em Inglaterra. Ilustra a 1ª tradução inglesa dos Lusíadas, de Fanshaw: Londres, 1655. (É cópia ampliada do retrato feito por Pedro de Vila Franca Malagon para a edição dos Lusíadas de Manuel de Faria e Sousa, publicada em Madrid em 1639 -- em que o

Poeta se apresenta cego do olho esquerdo, porque o gravador espanhol, ao copiar por sua vez a gravura de Camões de A. Paulus, inserta nos Discursos Varios de Manuel Severim de Faria (Evora, 1624) fe-lo a direito, ficando, por isso, reproduzido ao inverso." V. Apêndice C.

- (10) Richard Fanshawe, "Spaine gave me noble Birth: Coimbra, Arts", in *op.cit.*, s/p.
- (11) Cf. Maria Lucilia Gonçalves Pires, *op.cit.*
- (12) A política de casamentos desempenhou um papel importante na Aliança Anglo-Portuguesa em momentos crassos na Historia de ambas as nações, como o testemunha o casamento de D. João I com Filipa de Lencastre. A união de Charles II a filha de D. João IV fez florescer a literatura encomiástica em torno da nova rainha -- v. Sebastião de Sousa Diniz, "Poesia gratulatória da Universidade de Oxford pelo casamento do rei Carlos II com a infanta Dona Catarina de Bragança", in *Panorama*, nº 46/47, 4ª serie, Lisboa, 1973, pp. 16-30; e Theresa M. Shedel de Castello Branco, "D. Catarina de Bragança, Rainha e Mulher". in *ibid.*, pp. 57-66. Para um quadro das relações culturais entre os dois países, v. Carlos Estorninho, "Aspectos das Relações Culturais Luso-Británicas". in

*Panorama*, nº 46/47, 4ª série, Lisboa, 1973, pp. 44-50; Fran Paxeco, *The Intellectual Relations between Portugal and Great Britain*, Lisbon, 1937; Alberto Candeias, *Portugal em alguns escritores ingleses*, Lisboa, 1946; e William C. Atkinson, *British Contributions to Portuguese and Brazilian Studies*, London, 1974.

- (13) Esta época encontra-se magnificamente retratada no diário de John Evelyn (1620-1706), primo de Richard Fanshawe. A título de curiosidade, transcrevemos a descrição física da rainha, escrita em 30 de Maio de 1662, dia da sua chegada a Inglaterra: "She was yet of the handsomest countenance of all the rest, and, though low of stature, prettily shaped, languishing and excellent eyes, her teeth wronging her mouth by sticking a little too far out; for the rest, lovely enough." --William Bray (ed.), *The Diary of John Evelyn*, vol.I, London / New York, s/d., p.370. V. ainda Edgar Prestage, *The Diplomatic Relations of Portugal with France, England, and Holland from 1640 to 1688*, s/l., 1925, e *The Anglo-Portuguese Alliance*, London, 1934; Virginia Rau, *D.Catarina de Bragança, rainha de Inglaterra*, Coimbra, 1941, e *No Tricentenario do Casamento Real Anglo-Português de 1662*, Coimbra, 1962.

- (14) Geoffrey Bullough (ed.), "Verses spoken in the Library of the English College by two young students (one whereof represented the Genius of Camoens) to Sir Richard Fanshaw Envoy Extraordinary from his Majesty of Great Britain to the Court of Portugal, & c. ", in *Luiz Vaz de Camoes, The Lusiads. In Sir Richard Fanshawe's Translation*, London, 1963, pp. 349-352. O original encontra-se manuscrito, no códice nº 3096 do vol. "Original Documents Relating to Charles II", Coleção da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, informação que recolhemos em *Catálogo: Camoniana Inglesa*, p.13. Dada a extensão do texto, transcrevemo-lo no Apêndice B, acrescentando a numeração dos versos para facilitar o comentário.
- (15) Philip Ayres, "The Vanity of Unwarrantable Notions, Done out of Portugueze, from Lewis of Camoens", in *Lyric Poems made in Imitation of the Italians. Of which, many are Translations from other Languages*, London, 1687, p.67.
- (16) François Marie Arouet de Voltaire, *An Essay upon the Civil Wars of France, extracted from curious manuscripts. And also upon the Epick Poetry of the European nations from Homer down to Milton*, London, 1727. A tradução francesa e da autoria do Abade Des Fontaines, *Essai sur la poesie epique*, Paris, 1743.

- (17) V. por exemplo Sir Leslie Stephen / Sir Sidney Lee (eds.), "William Julius Mickle (1735-1788)", in *The Dictionary of National Biography*, vol.XIII, London, 1973, pp.336-337. Esta obra passa a ser citada como *D.N.B.*
- (18) Cf. S.George West, "Camoens in the Periodical Literature of the British Isles, 1771-1970", in *Actas da I Reunião Internacional de Camonistas (1972)*, Lisboa, 1973.
- (19) W. J. Mickle, "Proposals for printing by suscription, a Translation of the Lusiad of Camoens, from the Portuguese into English verse", in *The Gentleman's Magazine*, vol.XLI, London, March 1771, p.134. S. George West indica que se trata do episódio de Inês de Castro, por lapso, visto que também apresenta a informação correcta. (v. *op.cit.* n.18, pp. 7 e 10).
- (20) *Id.*, "The Lusiad of Camoens, translated from the original Portuguese", in *The Gentleman's Magazine*, vol.XLI, London, July 1771, pp.323-325; e *id.*, "The First Book of the Lusiad, published as a Specimen of a Translation of that celebrated Epic Poem", in *The Critical Review*, vol. XXXII, London, August 1771, pp.106-109.

- (21) *Id. Proposals for Printing by subscription. A Translation of the Lusiad, from the Portuguese of Camoens, into English verse, Oxford, 1772.*
- (22) Ambos os episódios foram tratados por Felicia Hemans, a quem nos referiremos mais adiante no nosso estudo. Mais recentemente, o episódio do Adamastor influenciou o poeta sul-africano Roy Campbell (1901-1957) na escolha do título *Adamastor* para uma colectânea de poemas, publicada em 1930, e no soneto encomiástico "Camões, alone of all the lyric race" (in *Portugal*, London, 1957, p.143), no qual manifesta solidariedade ao poeta-soldado que sublimou o sofrimento através da poesia. O episódio de Inês de Castro inspirou inúmeros autores, dos quais lembramos Bowyer Nichols, a quem foi atribuído o Prémio Newdigate de Oxford em 1883 pelo poema *Inez de Castro*. Para um estudo mais aprofundado sobre a importância deste tema, remetemos para Maria Leonor Machado de Sousa, *Inês de Castro. Um Tema Português na Europa*, Lisboa, 1987. O interesse por esta figura histórica, que suscitou um tratamento literário riquíssimo, suplantou a anterior utilização da figura de D. Sebastião em textos britânicos -- v. Maria Leonor Machado de Sousa (coord.), *D. Sebastião na Literatura Inglesa*, Lisboa, 1985.

- (23) William Julius Mickle, *The Lusiad; or, The Discovery of India. An Epic Poem. Translated from The Original Portuguese of Luis de Camoens*, Oxford, 1776. Dada a frequência com que mencionaremos esta obra, passamos a indicá-la apenas como *The Lusiad*. A propósito do título em inglês, lembramos que foi aproveitada a forma incorrecta, já utilizada por Fanshawe e conservada posteriormente por outros tradutores, em vez de *The Lusiads*.
- (24) Monica Letzring. "Mickle presents the Epic of Commerce", in *Revista Camoniana*, vol.III., 2ª Serie, São Paulo, 1980, p.165.
- (25) Carlos Estorninho, "O Culto de Camões em Inglaterra", in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, nºs 23-24, Coimbra, 1961, pp.5-6.
- (26) W. J. Mickle, *The Lusiad*, p.XCV.
- (27) *Ibid.*, pp. CViii-CXViii. Lembramos que Mickle recorreu a Faria e Sousa para questões históricas, biográficas e interpretativas da obra camoniana.
- (28) *Ibid.*, p. CX. O original, "Numa mão a pena, noutra a espada" encontra-se em *Os Lusíadas*, canto VII, estrofe 79.

- (29) Monica Letzring, *op.cit.*, p.162.
- (30) V. "Luis de Camoens", in *Encyclopaedia Britannica; or, a Dictionary of Arts, Sciences, & c. On a Plan entirely New: by which, the different Sciences and Arts Are digested into the Form of Distinct Treatises or Systems*, vol.III, Edinburgh, 1778, pp. 1592-1594.
- (31) W. J. Mickle, *The Lusiad*, p. CXLVii.
- (32) *Ibid.*, p.CXLViii. Tal como no original italiano, a alusão a Camões resume-se a considerá-lo o responsável pela nobre fama do Gama através da sua canção imortal -- v. transcrição no Apêndice A. Um outro exemplo representativo da associação de Camões a Vasco da Gama e o excerto de Thomson que Mickle inclui na sua Introdução de *Os Lusíadas* (*ibid.*, p.XXXIX). Com efeito, James Thomson, cuja obra *The Seasons* foi composta entre 1726 e 1730, inclui na 2ª edição de "Summer", em 1742, doze versos alusivos aos navegantes portugueses e em concreto a luta do Gama com o mar tempestuoso. Recordamos que 1727, data da 1ª edição de "Summer", assinala também a publicação do já mencionado artigo de Voltaire.

- (33) W. J. Mickle, "On Passing the Bridge of Alcantara", in *The Works of the English Poets*, vol.XVII, London, 1810, p.540.
- (34) Alusão a Publio Virgilio Maro. A expressão e posteriormente retomada por Sir Richard Burton.
- (35) Luis Cardim, *Projeção de Camões nas Letras Inglesas*, Lisboa, 1940, pp.41-42.
- (36) Cf. W. J. Mickle, *The Lusiad*, pp. CXVII e CLV.
- (37) V. Castelo Branco Chaves, *Os Livros de Viagens em Portugal no Seculo XVIII e a sua Projeção Europeia*, Lisboa, 1977. Para um aparato teorico sobre literatura de viagens remetemos, por exemplo, para Alvaro Manuel Machado / Daniel-Henri Pageaux, *Literatura Portuguesa, Literatura Comparada e Teoria da Literatura*, Lisboa, 1981, em especial pp.27-39.
- (38) Felix Walter, *La Litterature Portugaise en Angleterre a l'epoque romantique*, Paris, 1927, p.51.
- (39) V. "Engraving of Dillon's Camoens Medal", in *The Gentleman's Magazine and Historical Chronicle*, vol.LIV, London, April 1784, pp.256-257 e nota de rodape p.272. A reprodução apresenta a gralha "Aloilo"

em vez de "Apollo" -- v. Apendice C. Encontra-se uma descrição da medalha e da vida de Camões no artigo "Strictures on the Life of Camoens. Description of the Medal", in *ibid.*, vol.LIV, June 1784, pp.415-416. Remetemos ainda para as indicações de *Catálogo: Camoniana Inglesa*, p.27; e B. Xavier Coutinho, *Camões e as Artes Plasticas. Subsídios para a Iconografia Camoneana*, vol.I, Porto, 1946, pp.127-131.

- (40) Hugh Blair, *Lectures on Rhetoric and Belles Lettres*, vol.III, Dublin, 1783, pp.282-286.
- (41) William Hayley, "Third Epistle", in *An Essay on Epic Poetry; in five epistles to the Rev'd Mr. Mason. With notes*, London, 1782, pp.57-58. O excerto que transcrevemos diz respeito aos versos 259-284, e chamamos especial atenção para os versos 275-284.
- (42) *Ibid.*, notas p.273.
- (43) Thomas Russell, *Sonnets and Miscellaneous Poems*, Oxiord, 1789.
- (44) Lord Viscount Strangford, *Poems, from the Portuguese of Luis de Camoens: with Remarks on his Life and Writings. Notes, &c. &c.*, London, 1803.

- (45) Percy Clinton Sydney Smythe (1780-1855), Visconde de Strangford, desempenhou um papel activo na politica portuguesa da época, visto que em 1807 aconselhou e acompanhou a partida da familia real para o Brasil, onde Strangford prosseguiu a carreira politica.
- (46) Fernando de Mello Moser, *Luis de Camões em Inglaterra. Separata do volume III d'Os Lusíadas: Estudos sobre a projecção de Camões em culturas e literaturas estrangeiras*, Lisboa, 1984, pp.311-312.
- (47) William Wordsworth, "Scorn not the Sonnet", in *The Poetical Works*, vol.II, London, 1827, p.305 -- V. Apêndice A. Um primeiro sinal de interesse pela recuperação do soneto na literatura inglesa tera sido dado em 1777 nos *Poems* de Thomas Warton, ja mencionado por ser um dos subscritores da tradução de Mickle.
- (48) Utilizámos a seguinte edição: E. de Selincourt / Helen Darbishire (eds.), "Translation of the sestet of a sonnet by Tasso", in *The Poetical Works of William Wordsworth*, vol.IV., Oxford, 1947, p.372. Transcrevemos o sexteto no Apêndice A.
- (49) Lord Byron, "Stanzas to a Lady with the poems of Camoëns". in *Hours of Idleness, a series of poems, original and translated*, Newark, 1807. Edição

consultada: *Id.*, *The Poetical Works, from the last London Edition*, vol. I, Boston, 1814, p.15.

(50) *The Edinburgh Review*, vol. VI, Edinburgh, April / July 1805, pp.43-50.

(51) A primeira versão, anónima, é constituída pelo artigo "The British Bards, a satire", in *The Edinburgh Review*, 1808. A versão alargada, anónima, intitula-se *English Bards, and Scotch Reviewers, A Satire*, 1809. Edição consultada: Lord Byron, *English Bards, and Scotch Reviewers; A Satire*, London, 1810, pp.15-16 e 23-24. Sobre a polémica que envolve Byron e Strangford, v. Fernandes Costa, *Poesias de Camões Traduzidas por Lord Strangford. Defesa do poeta por Lord Byron e por um critico da Escócia. Separata do Boletim da Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. XIII, Coimbra, 1920.

(52) O mais natural é fazer sobressair o prestígio de Camões à custa de um tradutor, mas o contrário também sucede. Em 1796 Southey elogia Mickle ao confronta-lo com Camões, considerando a sua obra mais rica que a original. O artigo, assinado por T. Y. (últimas letras do seu nome, Robert Southey), intitula-se "Observations on Mr. Mickle's 'Lusiad', with the Portuguese Criticism on that Translation", in *The*

*Monthly Magazine*, vol. II, London, November 1796, pp.787-789. Nesse mesmo ano William Beckford, admirador do Camões lírico, deixa Portugal após uma segunda visita e estada de cinco anos no país. V. Maria Zulmira Bandarra de Sousa Macedo Leal, "*Para o Retrato de Robert Southey. A Visão de Portugal*". Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses apresentada a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1986; e Maria Laura Bettencourt Pires, *William Beckford e Portugal. Uma visão diferente do Homem e do Escritor*, Lisboa, 1987.

- (53) A título de exemplo, apontamos John Cam Hobhouse, "Verses written in Lord Strangford's Translation of Camoens, and presented to a young lady who was going to Lisbon for her health", in *Imitations and Translations from the Ancient and Modern Classics, together with original poems never before published*, London, 1809, pp.164-167. A referência encomiástica a Camões, considerado "a slave alone to love!", encontra-se nas pp.165-166. A composição foi escrita em Trinity College, Cambridge, em 1804.

- (54) O Reverendo William Lisle Bowles (1762-1850), pastor anglicano, começou por obter sucesso considerável com a publicação de *Sonnets* em 1789. Personalidade de

bastante destaque no seu tempo, era amigo pessoal de Byron, Southey e Walter Scott, a quem dedica um soneto datado de 1829; por seu lado, Bowles é objecto de um soneto encomiástico da autoria de Coleridge.

- (55) William Lisle Bowles, *The Spirit of Discovery; or, The Conquest of Ocean. A Poem, in five Books: with notes, historical and illustrative*, Bath / London, 1804. Passamos a designar esta obra apenas como *The Spirit of Discovery*. Parece-nos conveniente assinalar que encontramos o mesmo poema mas com o título "The Spirit of Discovery by Sea: a descriptive and historical poem", in *The Poetical Works of William Lisle Bowles, canon of St. Paul's Cathedral, and Rector of Bremhill. With Memoir, Critical Dissertation, and Explanatory Notes, by the Rev. George Gilfillan*, vol. I, Edinburgh, 1855, pp.225-294.
- (56) Cf. *id.*, "Book I", in *The Spirit of Discovery*, vv.28-38, pp.2-3.
- (57) *Id.*, "Book IV", in *ibid.*, vv.454-490, pp.159-161. V. transcrição no Apêndice B. O confronto entre a versão original e a versão de 1855 permite-nos detectar algumas diferenças a nível formal, sendo a mais significativa a abolição da nota que explicita o nome de Camões na versão posterior.

- (58) Cf. *ibid.*, pp.182-183.
- (59) W. L. Bowles, "The Last Song of Camoens", in *Poems, never before published*, vol.IV, Bath/London, 1809. Edição consultada: v.n.55, versão de 1855, vol.I, pp.182-184. V. Apendice B.
- (60) George N. Grenville, *Portugal. A Poem. In two parts*, London, 1812. A obra conheceu uma 2ª edição no mesmo ano. Tivemos oportunidade de verificar que as alterações, apenas a nível da forma, são pouco significativas: na 1ª edição a introdução (pp.i-viii), datada de London, December 1811, e assinada por George N. Grenville; na 2ª edição a introdução (pp.V-XV) não é assinada nem datada. Lord George Nugent Grenville (1788-1850) pertencia aos mais elevados círculos socio-culturais, tendo-se distinguido sobretudo a nível político.
- (61) *Ibid.*, pp.30-33 e nota 9, p.101 (na 2ª edição a n.9 está na p.103) -- v. transcrição do excerto no Apendice B. Embora no texto o encómio a Camões seja predominantemente literário, na nota Grenville inclui um pequeno apontamento sobre a vida de Camões e a sua morte na pobreza extrema, em 1579, remetendo para a Vida de Camões apresentada por Mickle. Este parece

ser, por sinal, a grande fonte para o poema e notas de Grenville.

(62) Utilitarian, "Camoens in the hospital", in *O Fluminense, a poem, suggested by scenes in the Brazils*, London, 1834, pp.67-75. V. Apêndice B para a transcrição do excerto, ao qual acrescentamos a numeração dos versos para facilitar o comentário. A obra é formada por três Cantos e pela citada composição encomiástica, encontrando-se referências a Camões como poeta que cantou o comércio e imortalizou façanhas (*ibid.*, Canto I, p.3 e n.2, p.77), além da referência especial ao canto V de *Os Lusíadas* e ao Adamastor (*ibid.* Canto III, p.48 e n.3, p.85). A associação do Camões épico ao impeto comercial foi feita por Mickle, como vimos.

(63) T. M. Hughes, "The Eye of Camoens", in *The Ocean Flower; a Poem. Preceded by an historical and descriptive account of the Island of Madeira, a summary of the discoveries and chivalrous history of Portugal and an essay on Portuguese literature*, London, 1845, pp.272-274. V. Apêndice B.

(64) Cf. Felix Walter, *op.cit.*, p.114. No ensaio sobre literatura portuguesa, além de considerar Camões o maior poeta de Portugal, Hughes afirma: "A four years'

residence in the country [Madeira] and a sufficient acquaintance with the language and literature, justify me, I trust, in forming an opinion." (T.M. Hughes, "Essay on Portuguese Literature", in *op.cit.*, p.111). Terá sido uma personalidade respeitada, visto que a obra é iniciada por um soneto em francês que lhe é dedicado pelo Senhor José Antonio Monteiro Teixeira [sic], cônsul francês no Funchal, datado de 16 de Maio de 1845 e acompanhado de tradução para inglês. Como bom apreciador da História e Literatura portuguesas, Hughes inclui na sua obra o poema "Inez de Castro" (*ibid.*, Canto VIII, pp.225-249).

- (65) Lembramos que o próprio Luis de Camões refere o seu naufrágio, ocorrido na foz do rio Mecon, nas costas da Indo-China, no decurso da sua viagem para Goa (*Os Lusíadas*, Canto X, estrofes 127-128).
- (66) Alaric Watts, "The Shipwreck of Camoëns", in *The Laurel and Lyre: Fugitive Poetry of the Nineteenth Century*, London, 1867, pp.354-357. V. Apendice B. Alaric Alexander Watts (1797-1864) colaborou em diversos periódicos, o que lhe permitiu relacionar-se com grandes escritores como Walter Scott, William Wordsworth, Samuel Taylor Coleridge e Felicia Hemans.

- (67) Nesta época já eram do conhecimento geral duas obras teóricas de grande vulto que conheceram versão inglesa em 1823. Referimo-nos aos trabalhos de Jean Charles Leonard Simonde de Sismondi, *De la Littérature du Midi de l'Europe*, 4 vols., Paris, 1813, cuja tradução para inglês é da autoria de Thomas Roscoe, *Historical View of the Literature of the South of Europe. Translated from the original, with notes and a life of the author*, 4 vols., London, 1823; e Friedrich Bouterwek, *Geschichte der portugiesischen Poesie und Beredsamkeit seit dem Ende des dreizehnten Jahrhunderts*, vol.IV, Göttingen, 1805, cuja versão inglesa é de Thomasina Ross, *History of Spanish and Portuguese Literature by Frederick Bouterwek, translated from the original German*, 2 vols., London, 1823.
- (68) Henry St. George Tucker, "Camões, A Tragedy", in *The Tragedies of Harold, and Camões*, London, 1835, pp.85-198. Dada a extensão da peça, não nos parece conveniente a sua transcrição, nem mesmo em Apêndice. Tucker (1771-1851), financeiro indiano, apesar de breves estadas na Grã-Bretanha, passou a maior parte da vida na Índia, o que poderá ter despertado o seu interesse pelo exilado poeta português. Embora a publicação da obra date de 1835, o autor afirma que as peças foram escritas e impressas muitos anos antes ("Introductory Remarks", in *ibid.*, p.v). Inocência

Francisco da Silva levanta a hipótese de ter sido feita uma 2ª edição, cuja data ignora (*Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol.XIV, Lisboa, 1886, p.385); por seu turno, Fernando de Mello Moser afirma que a peça nem sequer chegou a ser representada (*op.cit.*, p.312).

- (69) A tradução é a seguinte: "Camoëns; a dramatic sketch. In one act. By Frederick Halm", in *Blackwood's Edinburgh Magazine*, vol.XLVIII, nº CCXCVIII. Edinburgh/London, August 1840, pp.220-231. Friedrich Halm é pseudónimo de Elegius Franz Josef Münch Bellinghausen (1806-1871) poeta e dramaturgo austriaco que viu o seu curto drama representado na Corte de Viena em 1837. Para a influência de Camões em Quevedo, v. por exemplo Angel Marcos de Dias, "La Diffusion de Camões en Espagne et son influence sur Quevedo", in *Arquivos do Centro Cultural Português - Camões*, vol.XVI, Paris, 1981, pp.755-775.

- (70) *Translations from Camoens and other Poets with Original Poetry, by the Author of 'Modern Greece' and the 'Restoration of the Works of Art to Italy'*, Oxford, 1818. A admiração pelo poeta português foi ainda alargada por Felicia Dorothea Browne Hemans (1793-1835) a tradução do episódio do Adamastor e a um

lusocilismo inspirado e manifestado em obras sobre Inês de Castro e D. Sebastião.

- (71) Félix Walter, *op.cit.*, p.94.
- (72) Elizabeth Barrett Moulton-Barrett (1806-1861) desposou o poeta Robert Browning em Setembro de 1846. Uma admiração mútua iniciara a troca de correspondência em Janeiro de 1845 e o conhecimento pessoal em Maio desse ano. Devido à oposição do pai da poetisa ao casamento, Elizabeth e Robert Browning partiram para França e Itália. A sua ausência do país impediu que Elizabeth Barrett Browning fosse nomeada *Poet Laureate* após a morte de Wordsworth em 1850.
- (73) Elizabeth Barrett Barrett, "Catarina to Camoëns", in *Poems*, vol.II, London, 1844, pp.229-236.
- (74) *Id.*, "A Vision of Poets", in *ibid.*, pp.23-24.
- (75) *Id.*, "Preface", in *ibid.*, vol.I, pp.xi-xii.
- (76) Elizabeth Barrett Browning, "Sonnets from the Portuguese", in *Poems*, vol.I, London, 1850. Podemos dizer que se trata da publicação oficial dos sonetos, conhecidos desde 1847, como atesta a obra assinada

- E.B.B., *Sonnets*, Reading: [not for publication.], 1847.
- (77) Richard Bentley (ed.), *Anonymous Poems*, London, 1850, p.11 e traduções parciais de *Os Lusíadas* nas pp.18-24.
- (78) John Bowring, *Ancient Poetry and Romances of Spain. Selected and translated*, London, 1824.
- (79) Richard Garnett, "Camoens", in *Dante, Petrarch, Camoens. CXXIV Sonnets, translated*, London, 1896, p.99. Garnett (1835-1906), funcionário superior do Museu Britânico, na "Prefatory Note" da antologia mostra conhecer a edição de Juromenha e o estudo de Storck.
- (80) Edward Quillinan, *The Lusiad of Luis de Camoens. Books I to IV. Translated. With notes by John Adamson*, London, 1853. Enquanto muitos dos seus compatriotas chegam a Portugal devido às guerras peninsulares, Quillinan (1791-1850), que nascera no Porto e aí vivera até aos dezassete anos, abandona-o nessa altura. Genro de Wordsworth, foi um conhecedor da língua e literatura portuguesas. V. Miguel Nuno Mercês de Mello de Alarcão e Silva, "Edward Quillinan e Portugal". Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à Faculdade de Ciências

Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1986.

- (81) Thomas Moore Musgrave, *The Lusiad, an Epic Poem, by Luis de Camoens. Translated from the Portuguese,* London, 1826. Musgrave, agente de navegação estabelecido em Lisboa em 1819 e 1820, e também responsável pela tradução *Ignéz de Castro, a tragedy, by Antonio Ferreira,* London, 1825.
- (82) Lt. Coll. Sir Tomas Livingston Mitchell, *The Lusiad of Luis de Camoens, closely translated. With a portrait of the poet, a Compendium of his Life, an Index to the Principal Passages of his Poem, a View of the "Fountain of Tears", and marginal and annexed notes, original and select,* London, 1854. Mitchell, militar e explorador australiano, combateu como voluntário na Guerra Peninsular e traduziu *Os Lusíadas* durante a viagem de regresso à Austrália.
- (83) Para uma apreciação crítica das diversas traduções, v. George West, *A Projecção de "Os Lusíadas" através das traduções inglesas,* Braga, 1973.
- (84) John Adamson (1787-1855). Tal como diversos seus compatriotas, nomeadamente, Edward Quillinan, a sua estada em Portugal foi afectada pelas guerras

napoleónicas. Em 1803 viera viver para Lisboa, onde o seu irmão estava estabelecido, mas regressou a Grã-Bretanha em 1808 por causa das invasões francesas. Devido ao grande apreço pela literatura portuguesa, foi posteriormente eleito membro da Academia Real das Ciências de Lisboa e Cavaleiro da Ordem de Cristo. V. João Paulo Ascenso Pereira da Silva, "Memórias de Portugal. A obra lusófila de John Adamson". Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1986.

- (85) John Adamson, *Sonnets from the Portuguese of Luis de Camoens*, Newcastle-upon-Tyne, 1810.
- (86) *Id.*, "Ye, who have wept o'er genius sunk in woe", in *ibid.* Edição consultada: *Id.*, *Lusitania Illustrata: Notices on the History, Antiquities, Literature, &c., of Portugal. Literary Department, Part I. Selection of Sonnets, with biographical sketches of the authors.* Newcastle-upon-Tyne, 1842, p.8.
- (87) *Id.*, *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens*, 2 vols., London, 1820. Daqui em diante, a obra sera mencionada apenas como *Memoirs*.

- (88) Seguiram-se-lhe, dentro da mesma linha, a monografia de Richard Burton em 1881, que citaremos mais adiante, e o trabalho de Wilhelm Storck, *Luis de Camoens Leben, nebst geschichtlicher Einleitung*, Paderborn, 1890. Em Portugal podemos destacar a longa biografia incluída na edição das obras completas de Camões do Visconde de Juromenha, *Obras de Luiz de Camões, Precedidas de um Ensaio Biographico no Qual se Relatam Alguns Factos Não Conhecidos da Sua Vida*, 6 vols., Lisboa, 1860.
- (89) John Adamson, *Memoirs*, vol.I, p.v.
- (90) Eyles Irwin, "High-favour'd grot!", in *ibid.*, p.154. O texto dedicado por Adamson à gruta de Camões in *ibid.*, pp. 149-153, encontra-se sintetizado no artigo "The Grotto of Camoens", in *Hood's Magazine*, vol.VI, London, July/December 1846, pp. 143-144.
- (91) John Adamson, *Reply of Camoens*, Newcastle-upon-Tyne, 1845. V. transcrição no Apêndice B.
- (92) *Id.*, *Sonnets*, Newcastle-upon-Tyne, 1845. A colectânea inclui o já mencionado soneto encomiástico a Camões, que encontramos ainda no artigo "The Profile of Camoens", in *Hood's Magazine*, vol.VI, London, July/December 1846, p.224. O poema aparece aqui precedido pela reprodução de uma medalha com o perfil

esquerdo de Camões e sucedido da indicação que foi retirado de *Sonnets*. A diferença mais acentuada entre esta versão e a original é começar por "We, who have wept o'er genius sunk in woe" (sublinhado nosso).

- (93) V. Apêndice A. O soneto "Portugal!" teria sido escrito por Adamson numa carta dirigida ao Visconde de Juromenha e foi publicado pela primeira vez em *Sonnets*.
- (94) Sir Richard Francis Burton (1821-1890), militar, diplomata, explorador, erudito, poliglota, tradutor. A sua vivência foi profundamente marcada por um grande entusiasmo por Luís de Camões.
- (95) Isabel Burton (ed.), *Os Lusíadas (The Lusíads): Englished by Richard Francis Burton*, 2 vols., London, 1880. Passamos a mencionar a obra apenas como *The Lusíads*.
- (96) Richard Francis Burton, "To My Master Camoens", in *ibid.*, vol. I, p. V. Embora o soneto esteja assinado com as iniciais R.F.B., na obra da sua esposa, Isabel Burton, *The Life of Captain Sir Richard Burton*, vol. II, London, 1893, pp. 181-182, ele é reproduzido e subscrito por Lady Burton, que afirma: "I wrote the

little sonnet for him, my preface and the Glossary, and his 'Reviewers Reviewed'".

- (97) Isabel Burton, "Editor's Preface", in *The Lusiads*, vol.I, p.viii.
- (98) Richard Burton, "Preface", in *ibid.*, p.XII. Trata-se de uma paráfrase da famosa afirmação de Mickle, "None but a Poet can translate a Poet" (in *The Lusiad*, p.CL). Aliás, a frase e o nome de Mickle são citados por Burton. A influência do tradutor escocês é ainda visível na designação de Camões como o Maro de Portugal e na definição de *Os Lusíadas* como Epopeia do Comércio.
- (99) "Sir Richard Francis Burton", in *D.N.B.*, vol.XXII, p.354.
- (100) Richard F. Burton, *Camoens: his Life and his Lusiads. A commentary*, 2 vols., London, 1881 e *Camoens. The Lyrics (Sonnets, Canzons, Odes and Sextines)*, 2 vols., London, 1884.
- (101) Gerald Massey, "Gerald Massey to Richard F. Burton", in *Camoens: his Life and his Lusiads. A commentary*, vol.I, London, 1881, p.iii. O poema aparece também inserido na obra de Isabel Burton, *op.cit.* n.96,

p.184, transcrito sem diferenças substanciais quanto a versão original.

- (102) Justin Huntley McCarthy, "Richard Burton", in *The Life of Captain Sir Richard Burton*, vol.II, London, 1893, p.431 ( no *Catálogo: Camoniana Inglesa*, p.12, encontra-se a referência errada ao vol.I, p.541). V. Apêndice A.

## 2. As comemorações de 1880

- (1) J.J. Aubertin, socio da Academia Real das Ciências e Cavaleiro da Ordem de Santiago, residiu muitos anos no Brasil como engenheiro ferroviário, do que resultou um bom conhecimento da lingua e literatura portuguesas. É autor de uma edição bilingue de *Os Lusíadas* que, como tal, constitui a primeira edição portuguesa da obra épica publicada em Inglaterra: *Os Lusíadas de Luiz de Camões. The Lusíads of Camoens. Translated into English verse*, 2 vols., London, 1878. É a única tradução britânica do séc.XIX que conhece uma 2ª edição, em 1884.
  
- (2) Robert Ffrench Duff, Cavaleiro da Ordem de Cristo, era descendente de uma familia inglesa estabelecida em Portugal. Residiu cerca de quarenta anos no nosso pais como ilustre membro da colônia britânica, devendo-se-lhe *The Lusíad of Camoens. Translated into English Spenserian verse*, Lisboa 1880.
  
- (3) J.J. Aubertin, "Stanzas", in *Seventy Sonnets of Camoens. Portuguese Text and Translation. With original poems*, London, 1881, pp.1-2. As estroes

encontram-se também no início da 2ª edição da sua tradução de *Os Lusíadas*.

- (4) *Id.*, "Luiz de Camoens", in *Notes and Queries: a Medium of Intercommunication for literary men, general readers, etc.*, vol.III, 6<sup>th</sup> series, London, January/June 1881, p.135. O debate em torno da polémica data da morte de Luis de Camões teve reflexos na imprensa periódica britânica. O artigo de Aubertin aparece no seguimento de uma questão colocada por E.H.A. e datada de Agosto, que aparecera in *ibid.*, vol.II, July/December 1880, pp.147-148, e da respectiva resposta assinada por J.R. Thorne in *ibid.*, vol.III, January/June 1881, p.110. Este autor remete para Aubertin mas observa que ele errara ao apontar a data de 1579.
- (5) Charles Sellers, "Luiz de Camões", in *A Mocidade a Camões*, Porto, 1880, p.3. Não possuímos quaisquer dados biográficos sobre o autor, excepto que provavelmente residia no Porto e a data seria aluno ou professor numa escola, visto que no poema se encontra a indicação "Written at Mr. Whiteley's School". Foi autor de *Oporto, Old and New. Being a Historical Record of the Port Wine Trade, and A Tribute to British Commercial Enterprize In the North of Portugal*, London, 1899. Nesta obra encontram-se

algumas referências ao poeta português, das quais a mais importante é Sellers considerá-lo a estrela mais brilhante do firmamento literário português, autor de *Os Lusíadas* e de belos sonetos, traduzidos por Miss Elizabeth Barrett (cf. Charles Sellers, *ibid.*, pp.308-309).

- (6) Augusto Brochado, "A Camões", in *A Mocidade a Camões*, Porto, 1880, p.3.
- (7) Charles Sellers, *To Camões*, Porto, 1880. Apud Jose do Canto, *Colecção Camoniana*, Lisboa, 1972, p.174. Jose do Canto esclarece que se trata de uma folha de papel, cor de rosa, impressa em duas colunas e cercada de uma tarja.
- (8) M.F. Woodman, "Camões", in *Diario Ilustrado*, nº2542, Lisboa, 1880, s/p.
- (9) J.P. Markeley, "Tercentenary sonnets", in *The Press gazette, and reporter's journal: a journal of professional literature and intelligence*, vol.I, nº6, London, p.84. Apud Pedro Wenceslau de Brito Aranha, *A Obra Monumental de Luiz de Camões. Estudos bibliographicos*, vol.2, Lisboa, 1888, p.297. Todos os nossos esforços para localizar o autor e o periódico britânicos revelaram-se inirutiferos.

- (10) Anonimo, "Parnaso Lusitano, ou Poesias Selectas dos Auctores Portuguezes Antigos e Modernos, illustradas com Notas", in *The Foreign Quarterly Review*, vol.X, nº20, London, 1832, p.439. O artigo ocupa as pp.437-474 e está escrito em inglês, apesar do título português.
- (11) Cf. Anónimo, "Portuguese Parnassus", in *Fraser's Magazine for Town and Country*, vol.XI, nº 65, London, May 1835, pp.524-528; Coelo Ictus, "The Lusiad", in *The St. James's Magazine*, vol.XVII, London, August/November 1866, pp.422-430.
- (12) Teofilo Braga, "Portuguese Literature in 1879", in *The Athenaeum. Journal of English and Foreign Literature, Science, the Fine Arts, Music and the Drama*, nº2723, London, January 1880, pp.17-18.
- (13) M. Lewtar, "Notes from Lisbon", in *ibid.*, nº2743, May 1880, p.664.
- (14) A curiosidade do publico leitor sobre Vasco da Gama esta presente na pergunta de W.M.M. e resposta de John Woodward em *Notes and Queries: a Medium of Intercommunication for Literary Men, General Readers, etc.*, vol.I, nº16, 6<sup>th</sup> series, London, April 1880, p.315, e *ibid.*, nº23, June 1880, pp.461-462.

- (15) Anónimo, s/tit., in *The Times*, London, May 1880, p.9;  
Anónimo, "Tercentenary of Camoens", in *ibid.*, p.10.
- (16) *Ibid.*, p.9.
- (17) Anónimo, "The Camoens Tercentenary", in *The Graphic. An Illustrated Weekly Newspaper*, vol.XXI, nº551, London, June 1880, pp.615 e 618. Encontra-se um grande retrato do poeta in *ibid.*, p.624. V. ainda seis imagens representando a Torre de Belem, o Palacio de Nossa Senhora da Pena, a estatua na Praça de Camões em Lisboa e três imagens do Mosteiro dos Jerónimos, sob legenda "The Camoens and Vasco da Gama Tercentenary at Lisbon", in *ibid.*, vol.XXII, nº554, July 1880, p.44.
- (18) Anónimo, "Camoens and Vasco da Gama: the Tercentenary at Lisbon", in *ibid.*, p.50.
- (19) Anónimo, "Camões studies", in *The Times Literary Supplement*, London, August 1924, p.483.
- (20) V. Robert W. Cruttwell, *Camoens, The Newdigate Prize Poem*, Oxford/London, 1907; Anónimo, "Camoens", in *Portugal. A Monthly Review of the Country, its Colonies, Commerce, History, Literature and Art*, nº6, London, October 1915, p.171; A.M. Lightfoot, "Requiem", in *Poems of Portugal*, London, 1934, p.29;

W.J. Entwistle, "He sang the heaving Ocean, Cape of Storms", in *Portugal and Brazil, An Introduction*, Oxford, 1953, p.XII; o soneto do poeta americano Leonard Bacon, "You are spice islands. You are the golden bird", in *ibid.*, sendo Bacon autor de uma tradução de *Os Lusíadas*, publicada em New York em 1950; e o já mencionado soneto encomiástico do poeta sul-africano Roy Campbell, datado de 1957 (v. nota 22 ao cap.III.1).

### 3. Repercussões no Oriente

- (1) V. por exemplo Jose do Canto, *Collecção Camoneana. Tentativa de um Catalogo Methodico e Remissivo*, Lisboa, 1895. Edição consultada: *Id, Collecção Camoniana*, Lisboa, 1972, pp. 295-308.
- (2) V. n.90 ao cap.III.1. do presente trabalho. Para a descrição da gruta de Camões, Adamson baseia-se na obra de Sir George Staunton, *An authentic account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China;... taken chiefly from the papers of His Excellency the Earl of Macartney...*, vol.II, London, 1797, pp.589-590; e na obra de Sir William Ouseley, *The Oriental Collections*, vol.I, London, 1797, p.126. V. esboço da gruta no Apêndice C.
- (3) J.F. Davis, "In Cavernam ubi Camoëns", in *An Historical Sketch of the Portuguese Settlements in China; and of the Roman Catholic Church and Mission in China*, Boston, 1836, p.204; v. ainda referência à gruta de Camões in *ibid.*, p.22. Encontramos a mesma composição sob o titulo "In Cavernum, ubi Camoëns" in *Memoria dos Festejos Celebrados em Hongkong por occasião do Tricentenário do Principe dos Poetas Portuguezes Luiz de Camões*, Hongkong, 1880, p.68

(daqui em diante, citamos esta obra como *Memoria dos Festejos*); e s/tit., in *Historic Macao*, Hongkong, 1902, p.244. As diferenças entre as versões são pouco substanciais. Sir John Francis Davis (1795-1890), inicialmente funcionário na East India Company, desempenhou funções como diplomata no Oriente, tendo sido nomeado governador da colonia britânica de Hongkong em 1844. Recebeu o titulo de *baronet* em 1845.

- (4) Rev. Mr. Taylor, "Among these recesses of rock and of shade", in *The Chinese Repository*, vol.VIII, nº11, Canton, March 1840, pp.556-557.
- (5) Henrietta Shuck, "Cave of Camoens, in Macao: notices of his life and works, especially of his *Lusiad*", in *ibid.*, pp.553-560. Encontramos o mesmo artigo reproduzido no periodico *The Southern Literary Messenger: devoted to every department of literature and the fine arts*, vol.VI, nº12, Richmond, December 1840, pp.822-825. Nele se indica que o artigo apareceu em *The Chinese Repository* mas como tal obra é pouco divulgada no pais, isto é, nos E.U.A., e inserido como uma contribuição original.
- (6) Cf. *Memoria dos Festejos*, pp.64-65.

- (7) Cf. C.A. Montalto de Jesus, *Historic Macao, Hongkong*, 1902, pp.244-246. O autor apresenta as seis estrofes na versão inglesa de Sir Richard Burton, o que nos parece significativo: como vimos, existia uma forte ligação ao Oriente e a Camões por parte de Burton, aqui escolhido entre todos os tradutores do poeta português.
- (8) J.N. Dawson, "Luis de Camoens. Author of the Luziad a Poem", in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, nº2, 12ª serie, Lisboa, 1893, p.87 (os asteriscos no poema indicam palavras ininteligíveis no original). Daqui em diante, citamos a obra apenas como *Bol. Soc. Geog.*.
- (9) "Album da Gruta de Camões. Cópia enviada a Sociedade de Geographia de Lisboa pelo Governo de Macau por ocasião de se preparar a Reunião do Congresso Internacional dos Orientalistas em Lisboa (1892)", in *ibid.*, pp. 81-100. A nossa pesquisa é necessariamente incompleta por não ter sido levada a cabo uma investigação no Oriente, sobretudo em Goa e Macau, locais estreitamente relacionados com a vivência de Camões, e provável que também Hongkong possua diversos registos britânicos com interesse para os estudos camonianos.

- (10) John Bowring, "Sonnet to Macao", in *Memoria dos Festejos*, p.80. A tradução do soneto para português, realizada por Carlos José Caldeira em Macau, em Maio de 1851, está transcrita in *ibid.*, p.71. O mesmo soneto, assinado "Dr. Bowring", e respectiva tradução, sem autor, encontram-se in *Bol. Soc. Geog.*, pp.88-89, com algumas diferenças formais. Já nos referimos a obra lírica de Sir John Bowring (1792-1872) na n.78 ao cap.III. 1. do presente trabalho. Linguista, escritor e viajante, a uma dinâmica contribuição no mundo das Letras aliou uma brilhante carreira política. Em 1847 foi nomeado cônsul em Cantão e em 1854 governador de Hongkong e inspector geral do comércio na China. Recebeu então o título de *Knight* concedido pela Rainha Vitória.
- (11) Maria Middleton, "Homage to Camoens and adieu to his Grotto", in *Bol. Soc. Geog.*, pp.93-94; a tradução para português, bastante fiel, esta datada de Macau, 14 de Outubro de 1851, sem indicação de autor, in *ibid.*, p.95. O poema de Middleton encontra-se ainda in *Historic Macao*, Hongkong, 1902, pp.251-252, e a já mencionada tradução, mas assinada por Francisco Bordalo, in *Memoria dos Festejos*, pp.65-66.
- (12) L.P. Marques (trad. J.J.S.S.): "Louis de Camoens. A Discourse delivered by Dr. L.P. Marques at the Club

Lusitano, on the occasion of the celebration of the Tercentenary of Louis de Camoens, the prince of Portuguese poets", in *The China Review: or, Notes and Queries on the Far East*, vol.IX, Hongkong / Shanghai / London, July 1880/June 1881, pp.14-20.

- (13) *The Chinese Recorder and Missionary Journal*, vol.XI, nº6, Shanghai; November/December 1880, p.477.
- (14) V. *Memoria dos Festejos*, pp.52-53. A tradução do discurso de Sir John Pope Hennessy encontra-se in *ibid.*, pp.59-60.
- (15) V. discurso de Gideon Nye in *ibid.*, pp.79-80 e tradução para português in *ibid.*, pp.81-83.
- (16) V. Anónimo, "In the Footprints of Camoens", in *Macmillan's Magazine*, vol.I, nº10, New Series, London/New York, November 1905/October 1906, pp.765-771; Sir Denison Ross, "Camoens and his Adventures in the East", in *The Nineteenth Century and After*, vol.CXXIV, London, July/December 1938, pp.64-75.
- (17) C.R. Boxer, "Was Camoens ever in Macau?", in *I 'ien Hsia Monthly*, vol.X, nº4, Shanghai, April 1940, pp.324-333; Edmund Blunden, "Camoens. A Portuguese

Poet in Macao", in *Eastern Horizon*, vol.II, nº9,  
Hongkong, July 1963, pp.24-29.

**CONCLUSÃO**

Como apreciação final, podemos dizer que é possível encarar a encomiástica como uma das modalidades classificativas do movimento de interesse e admiração por Luís de Camões na Grã-Bretanha.

Após termos tentado delimitar as áreas abrangidas pelo conceito de encómio em sentido lato e restrito, o nosso comentário debruçou-se com particular atenção sobre cerca de trinta composições encomiásticas, alusivas ou inspiradas em Camões, produzidas no período compreendido entre o século XVII e o século XIX, inclusive.

O leque de autores das composições é bastante variado, abrangendo autores anónimos ou pouco conhecidos e grandes vultos da literatura e cultura inglesas. Poetas, tradutores, lusófilos, eruditos, diplomatas, militares, comerciantes, exilados, todos nos legaram testemunhos que expressam admiração pelo Poeta-Vate ou mesmo identificação com o Homem, proporcionada por afinidades de temperamento ou similaridades de destino. Verificamos também que o encómio pode ser dirigido a Camões invocado como 2ª ou 3ª pessoa do discurso, ou pode criar uma ficção poética na qual o autor do encómio assume a voz de Camões, utilizando a 1ª pessoa do discurso.

A nível formal, constatamos a existência de sonetos, de composições com um maior ou menor número de versos, de excertos incluídos em obras de carácter mais geral, e até mesmo de peças dramáticas.

A nível conceptual, os encómios fazem sobressair a glória obtida por Luis de Camões através da sua obra ou da sua vivência.

Quanto à obra, encontramos um grande número de composições laudatórias de Camões como autor de *Os Lusíadas* e um número bastante inferior das que reconhecem a sua glória como autor lírico -- analisando o *corpus* que possuímos, vemos que apenas um dos poemas é dedicado integralmente ao Camões lírico. Seguindo o raciocínio que defendemos no nosso trabalho e tendo presente o material comentado, parece-nos lícito concluir que o objecto escolhido para encómio é mais frequentemente o Vate do que o Poeta, embora esta distinção possa ser abarcada pela designação corrente de poeta.

Quanto à sua vivência, podemos focalizar os paradigmas temáticos mais recorrentes na construção do retrato humano e biográfico de Camões: nobre, estudante, cortesão, vítima de amores impossíveis, desterrado, poeta épico e lírico, soldado, cego de um olho, exilado, aventureiro, navegante-viajante, naufrago, patriota incompreendido e abandonado pelo seu País, mendigo e reduzido a uma morte na miséria.

Em suma, os encómios destacam a versatilidade do Homem, cujas vicissitudes biográficas são apresentadas em estreita relação com a genialidade poética e a concepção Poeta-Vate (Bardo). A sensibilidade romântica foi seduzida por uma figura tão rica como a de Luís de Camões, o que torna compreensível que, após as primeiras homenagens, a época aurea

de encomios corresponda a finais do seculo XVIII e sobretudo a primeira metade do seculo XIX.

Em nossa opinião, os paradigmas formais e tematicos que apontamos ao longo do presente trabalho tornam possível traçar o perfil encomiástico de Camões em lingua inglesa.

## APENDICES

.

**APENDICE A**

John ADAMSON

*PORTUGAL !*

O Portugal whene'er I see thy name  
What fond emotions rise within my breast --  
To Thee I owe -- from Thee derive that name,  
Which here may briger when I'm gone to rest.

When as a youth I landed on thy shore --  
How little did I think I e'er should be  
Worthy the Honours thou hast shower'd on me --  
And when the coming storm I did deplore

Which drove me from Thee by its hostile Threat,  
I feelings had which ne'er can be effaced  
I learn'd to commune with those writers old

Who had the deeds of thy great chieftains told --  
Departed Bard in converse sweet I met,  
I saw where they had liv'd -- the land Camoens grac'd.

Richard FANSHAVE

Tradução do soneto de Tasso

VASCO, whose bold and happy ships against  
The Rising Sun (who fraights them home  
with day)  
Display'd their wings, and back again  
advanc't  
To where in Seas all Night he steeps his  
Ray:  
Not more then Thou, on rugged Billows felt,  
He that bor'd out the Eye of POLYPHEME;  
Nor He that spoyl'd the HARPYES where  
they dwelt,  
Afforded Learned Pens a fairer Theam.  
And this of Learn'd and Honest CAMOENS  
So far beyond now takes it's glorious flight,  
That thy breath'd Sailes went a less  
Journey, Whence  
To Those on whom the Northern Pole shines  
bright,  
And Those who set their feet to ours, the boast  
Of thy Long Voyage travails at his cost.

Justin Huntley McCARTHY

*RICHARD BURTON*

Farewell, dear friend, dead hero! The great life  
Is ended, the great perils, the great joys;  
And he to whom adventures were as toys,  
Who seemed to bear a charm 'gainst spear or knife  
Or bullet, now lies silent from all strife  
Out yonder where the Austrian eagles poise  
On Istrian hills. But England, at the noise  
Of that dread fall, weeps with the hero's wife.  
Oh, last and noblest of the Errant knights,  
The English soldier and the Arab Sheik!  
Oh, singer of the East who loved so well  
The deathless wonder of the 'Arabian Nights',  
Who touched Camoens' lute and still would seek  
Ever new deeds until the end! farewell!

**William Julius MICKLE**

Tradução do soneto de Tasso

Vasco, whose bold and happy bowsprit bore  
Against the rising morn; and, homeward fraught,  
Whose sails came westward with the day, and brought  
The wealth of India to thy native shore:

Ne'er did the Greek such length of seas explore:  
The Greek, who sorrow to the Cyclop wrought,  
And he, who, Victor, with the Harpies fought,  
Never such pomp of naval honours wore.

Great as thou art, and peerless in renown,  
Yet thou to Camoens ow'st thy noblest fame;  
Farther than thou didst sail, his deathless song  
Shall bear the dazzling splendor of thy name;  
And under many a sky thy actions crown,  
While Time and Fame together glide along.

Torquato TASSO

Soneto a Vasco da Gama

Vasco, le cui felici ardate Antenne  
Incontro al Sol, che ne riporta il giorno,  
Spiegar le vele, e fer colà Ritorno,  
Dove egli par che di cadere accenne:  
Non più di Te per aspro mar sostenne  
Quel, che fece a CICLOPE oltraggio, & scorno:  
Ne chi turbò l'Arpie nel suo soggiorno,  
Ne diè più bel Subgetto a Colte penne.  
Et hor quella del colto, e buon LUIGI  
Tant'oltre stende il glorioso volo  
Che i tuoi spalmati Legni andar men lunge.  
Ond'a quelli, a cui S'alza il nostro polo,  
Et a chi ferma incontra i suoi vestigi,  
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.

William WORDSWORTH

Tradução do sexteto do soneto de Tasso

Camoëns, he the accomplished and the good,  
Gave to thy fame a more illustrious flight  
Than that brave vessel, though she sailed so iar;  
Through him her course along the Austral flood  
Is known to all beneath the polar star,  
Through him the Antipodes in thy name delight.

*SCORN NOT THE SONNET*

Scorn not the Sonnet; Critic, you have frowned,  
Mindless of its just honours; with this key  
Shakspeare unlocked his heart; the melody  
Of this small lute gave ease to Petrarch's wound;  
A thousand times this pipe did Tasso sound;  
With it Camoëns soothed an exile's grief;  
The Sonnet glittered a gay myrtle leaf  
Amid the cypress with which Dante crowned  
His visionary brow: a glow-worm lamp,  
It cheered mild Spenser, called from Faery-land  
To struggle through dark ways; and, when a damp  
Fell round the path of Milton, in his hand  
The Thing became a trumpet; whence he blew  
Soul-animating strains - alas, too few!

**APENDICE B**

John ADAMSON

*REPLY OF CAMOENS*

Supposed to have been given by the Portuguese poet, Luis de Camoens, to a fidalgo, who requested him to compose some verses for him.

You ask me to renew the lays,  
Which erst I made in beauty's  
    praise;  
You say I should again employ  
My muse to sing those themes of joy,  
Which in my earlier -- happier day --  
When love was young --and all was gay --  
My heart pour'd forth in joyous strain,  
Unconscious of the ills in train.

Ah you forget that day is flow'n!  
This stricken heart, by grief o'erthrown,  
Has ceas'd to throb with soft desire,  
My unstrung harp has lost its fire,  
Friendless I am -- of care the prey --  
How many I your behest obey --  
Now want I feel -- now sadness prove --  
Then was I blest with Lady's love.

Behold that kind and faithful slave,  
Who comes a coin or two to crave,  
A fire to light whose genial glow  
Might make this blood more quickly flow.  
Alas I have no coin to give,  
I lack the means whereby to live;  
And death will soon in mercy close  
A scene beset with nought but woes.

William Lisle BOWLES

Excerto de *THE SPIRIT OF DISCOVERY*

But cease thy song, presumptuous muse, a bard \*  
In tones, whose patriot sound shall never die,  
Has struck his deep shell, and the glorious theme  
Recorded.

Say what lofty meed awaits  
The triumph of his victor conch, that swells  
Its music on the yellow Tagus' side,  
As when Arion, with his glitt'ring harp  
And golden hair, scarce sully'd from the main,  
Bids all the high rocks listen to his voice  
Again. Alas, I see an aged form,  
An old man worn by penury, his hair  
Blown white upon his haggard cheek, his hand  
Emaciated, yet the strings with thrilling touch  
Soliciting; but the vain crowds pass by --  
His very countrymen, whose fame his song  
Has rais'd to Heav'n, in stately apathy  
Wrapt up, and nurs'd in pride's fastidious lap,  
Regard not. As he plays, a sable man  
Looks up, but fears to speak, and when the song  
Is ceas'd, kisses his master's feeble hand.  
Is that cold wasted hand, that haggard look,  
Thine, Camoens! O shame upon the world!  
And is there NONE, none to sustain thee round,  
But he, himself unfriended, who so far  
Has follow'd, sever'd from his native isles,  
To scenes of gorgeous cities, o'er the sea,  
Thee and thy broken fortunes!

God of worlds!

O whilst I hail the triumph and high boast

Of social life, let me not wrong the sense  
Of kindness, planted in the human heart  
By MAN'S GREAT MAKER, therefore I record  
ANTONIO'S faithful, gentle, generous love  
To his heart-broken master, that might teach,  
High as it bears itself, a POLISH'D WORLD  
MORE CHARITY.

\* Camoens.

*THE LAST SONG OF CAMOENS*

The morning shone on Tagus' rocky side,  
And airs of summer swelled the yellow tide,  
When, rising from his melancholy bed,  
And faint, and feebly by Antonio led,  
Poor Camoens, subdued by want and woe,  
Along the winding margin wandered slow.  
His harp, that once could each warm feeling move  
Of patriot glory or of tenderest love,  
His sole and sable friend (while a faint tone  
Rose from the wires) placed by a mossy stone.

How beautiful the sun ascending shines  
From ridge to ridge, along the purple vines!  
How pure the azure of the opening skies!  
How resonant the nearer rock replies  
To call of early mariners! and, hark!  
The distant whistle from you parting bark,  
That down the channel as serene she strays,  
Her gray sail mingles with the morning haze,  
Bound to explore, o'er ocean's stormy reign,  
New lands that lurk amid the lonely main!

A transient fervour touched the old man's breast;

He raised his eyes, so long by care depressed,  
And while they shone with momentary fire,  
Ardent he struck the long-forgotten lyre.

From Tagus' yellow-sanded shore,  
O'er the billows, as they roar,  
O'er the blue sea, waste and wide,  
Our bark threw back the burning tide,  
By northern breezes cheer'ly borne,  
On to the kingdoms of the morn.  
Blanco, whose cold shadow vast  
Chills the western wave, is past!  
Huge Bojador, frowning high,  
Thy dismal terrors we defy!  
But who may violate the sleep  
And silence of the sultry deep;  
Where, beneath the intenser sun,  
Hot showers descend, red lightnings run;  
Whilst all the pale expanse beneath  
Lies burning wide, without a breath;  
And at mid-day from the mast,  
No shadow on the deck is cast!  
Night by night, still seen the same,  
Strange lights along the cordage flame,  
Perhaps, the spirits of the good,  
That wander this forsaken flood  
Sing to the seas, as slow we float,  
A solemn and a holy note!

Spectre of the southern main,  
Thou barr'st our onward way in vain,  
Wrapping the terrors of thy form,  
In the thunder's rolling storm!  
Fearless o'er the indignant tide,  
On to the east our galleys ride.

Triumph! for the toil is o'er --  
We kiss the far-sought Indian shore!  
Glittering to the orient ray,

The banners of the Cross display!

Does my heart exulting bound ?

Alas, forlorn, I gaze around:

Feeble, poor, and old, I stand,

A stranger in my native land!

My sable slave (ah, no! my only friend,

Whose steps upon my rugged path attend)

Sees, but with tenderness that fears to speak,

The tear that trickles down my aged cheek!

My harp is silent, -- famine shrinks mine eye, --

"Give me a little food for charity!"

George M. GRENVILLE

Excerto de *PORTUGAL. A POEM.*

And You who, 'mid your country's chosen choir,  
Woke the rapt verse, and struck the quivering wire,  
Bard of Mondego's vale, for your sweet song  
Oft' charmed his wave, as slow it crept along,  
Flowed o'er his silver bosom to the main,  
And left, for wider range, your native plain,  
Say, for these Scenes have oft, in other time,  
Responsive hailed your patriot notes sublime,  
To what high strain your echoing harp was strung,  
What ardent Spirit prompted as you sung,  
You were not mute, when Glory's ancient day  
Inspired the Theme, and sanctified the Lay; --  
When great Emmanuel, heaven-ordained to shine  
The strength of Lusitania and his kindred Line,  
Sprang to the honours of her ancient Throne,  
And left her veteran Fame yet brightened in his own.

And now, in milder strain, the Memory rose  
Of Iñez, lovely in that soft repose  
Where calm Seclusion reared the tender flower  
Of young affection in it's earliest hour,  
Watched with a Parent's care it's bright encrease,  
And trained it's infant bloom to Joy and Peace. --

Why paused the witching Note ? Why hushed the  
Strain  
Of gentlest Love, untutored yet to Pain ?  
Ah spare the dread reverse ! nor let the cry  
Of Murder break thy harp's soft melody --  
Poor helpless Iñez, what though vain for Thee

Kindred's fair tie, or Beauty's melting plea,  
Though to thy gasping form thy Children prest  
Ward not the Poniard from a Mother's breast,  
And vainly round life's lingering glances stray,  
To seek, in tears, thy Lover far away,  
Yet shall thy Country's Muse still fondly court  
The classic shades that decked thy loved resort,  
And fondly woo Mondego's murmuring wave  
In solemn dirges o'er thy early grave. --

Terence McMahon HUGHES

*THE EYE OF CAMOENS*

When great Camoens, warrior-bard,  
    Beneath his gallant father's eye  
Fought his first battle, straining hard  
    To earn the knightly spurs or die;  
Flashing sword'neath plume high-tossing  
With the Moor's alfange crossing:  
"Where," he said, "paternal valour  
    "Bids a son to victory rush,  
"Filial face o'erspread with pallor  
    "Ne'er could make a father's blush!"

'Twas in Gibraltar's glorious strait,  
    King John's engaged the Moorish fleet,  
Camoens' father spurned at fate,  
    His galley and the Amiral's meet.  
    O'er the deck where Death rained quickest,  
    And the iron storm fell thickest,  
Moorish marksman at the father  
    Treacherous aimed a deadly ball;  
Rushed the son to perish rather  
    Than that honoured sire should fall!

His filial arm its shield advanced  
    In time to save a father's life;  
But to his eye the missile glanced,  
    And left Camoens maimed for life.

"Oh, my son ! my grief is tender,"

Sighed Hesperia's brave defender.

"What ! an eye to save from dying

"Him from whom my life I drew ?"

Said the warrior-bard replying: --

"Bounteous Nature gave me two !"

UTILITARIAN

*CAMOENS IN THE HOSPITAL*

Cease, cease, my son, the monk exclaim'd,  
Nor idly thus repine;  
Shall Heaven by impious man be blam'd ?  
What vain laments are thine !  
Around a thousand wretches lie,  
They suffer equal pain,  
Unheard they moan, unwept they die,  
Why then should'st thou complain ?

O holy father, say no worse !  
Suspend awhile thine ire ! 10  
Believest thou, I blame that source,  
Whence came the poet's fire ?  
Oh, no! no! no! think not that I  
Presume kind Heaven to scan;  
I only blame the cruelty  
Of cold ungrateful man.

How sunny was my morn of life,  
When first, untried and young  
I enter'd on this wordly strife,  
Nor thought of future wrong ! 20  
My country, thou wert dearer far  
Than even life to me;  
Thy glory was my guiding star,  
Thy good, my greatest glee.

Patrician blood ran in my veins,  
And, though of low estate,

I prov'd my honour free from stains,  
And mingled with the great.  
I shone in every pageant proud,  
I play'd a courtier's part,  
I woo'd -- but not the giddy crowd:  
One only had my heart.

30

Oh! was she beautiful, who first  
Awoke the poet's song ?  
She was indeed! -- her beauty burst  
Like sunlight on the throng. \*  
Of hope, of love, of joy intense  
My tongue essay'd to tell;  
And dulcet strains unbidden thence  
In liquid numbers fell.

40

I see thee still my gentle girl,  
As in thy father's halls;  
Around thy neck a wreath of pearl  
In mazy circles falls:  
A golden band still binds thy hair,  
Thy lips, half parted, seem --  
My love, I fly to meet thee there;  
And find it all a dream.

From mid a cold and hostile band  
I won her for my own,  
Yet by her sire's unjust command  
Was I in fetters thrown:  
Against me they could urge no crime,  
Yet only for my love  
They doom'd me in a burning clime  
A banish'd wretch to rove.

50

\*Donna Catharina de Ataide, , one of the maids of honour to the queen of Portugal.

Go, seek the hind of Ceuta's plains.

And ask him, how I fought!

Seek those, who heard my early strains,

And ask them, how I wrote !

60

I held my life of little worth,

And, as I fought, I sung;

I struck the barren rock, and forth

The living waters sprung.

I was among my fellow men

The idol of the hour;

And felt this spirit conscious then

Of all a poet's power.

He, who the human heart can sway,

Can also wake the will:

70

And all, who deeply feel his lay,

His bidding must fulfil.

No lady-love inspir'd me now,

I sang my country's fame;

A smile broke forth on every brow,

In every heart a flame.

A watch-word, and a rallying cry,

Each strain among them ran:

All sought in glory's cause to die,

All struggled for the van.

80

Again I sought my native shore,

And sued my just reward:

Alas! from every noble's door

I found myself debarr'd.

Day after day I urg'd in vain

These pillars of the state;

They bade me mid a servile train

Of parasites to wait.

I could not cringe as others did,  
Nor like a menial stand; 90  
I rather chose farewell to bid  
For ever to the land.  
Dear father-land, with many a pang  
I parted from thee then,  
Nor thought, as o'er the wave me sprang,  
To look on thee again

Where India's gorgeous regions shed  
Their fragrance o'er the seas,  
I friendless for a refuge fled,  
And sought to live in peace, 100  
The earth was fair, the sky was bright.  
And smiling as of yore;  
But India's pride, and India's might  
Existed now no more.

I sat me in the desert (sic), where  
Once monarchs had their seat:  
And obelisks and columns there  
Lay crumbling at my feet.  
Where once had bloom'd a paradise,  
Was now a sandy space: 110  
I wept -- and learn'd to sympathize  
With all the human race.

'Tis deem'd a glorious deed, in war  
To ravage and destroy;  
But 'tis in peace a better iar  
To shed relief and joy.  
Oh! blessed thoughts, unbounded by  
My country's narrow span,  
Here came, and taught in harmony  
To bind man unto man. 120

And strange and gladdening chords I rous'd,  
And down my sabre flung;  
The East and Europe were espous'd,  
And I their nuptials sung:  
And annals of my ingrate land  
I wove within the strain: --  
Though future fame should flee her strand,  
The LUSIAD will remain!

But woe to thee, unworthy soil !  
Thy mercies were severe! 130  
My life for thee was spent in toil,  
And now I perish here!  
Thou killest, and thou stonest all  
The prophets sent to thee;  
And fire and sword through ages shall  
Thy retribution be!

This lyre, alas! is broken now.  
This heart is broken too;  
Yet laurel crowns will bind my brow,  
When death has claim'd his due: 140  
And those who leave me lorn and sick,  
Will in my praises vie: --  
But-help-old man- oh! haste thee quick,  
And shrive me, ere I die!

---

*VERSES*

Spoken in the Library of the English College by two young students (one whereof represented the Genius of Camoens) to Sir Richard Fanshaw Envoy Extraordinary from his Majesty of Great Britain to the Court of Portugal, &c.

Genius:           Swifter than the swallow's wing,  
                  Parthian dart or stone from sling,  
                  Or the bullet newly fled  
                  From his flame-environ'd bed,  
                  Come I for to see a Friend  
                  Whom choice Arts and Tongues commend.  
                  Tell me, gentle youth, I pray,  
                  Is my Lord yet gone away ?  
                  If he be not (as I fear)  
                  Go and whisper him i'the ear                           10  
                  Here's the Genius of a Poet  
                  (This verdant wreath doth show it)  
                  Whom the Portugal admires  
                  And the Spaniards his desires,  
                  Bred up to Mars his Drums, and to the Muses' Lyres.

Student:          Genius, whence come you ?

Genius:           From Saint Anne's  
                  Where my Mausoleum stands,  
                  Humbly sueing for the bliss  
                  My Lord's honoured hands to kiss.                   20  
                  If there's any crave my name,  
                  I it was sang Gama's fame  
                  In such words, and such a strain,

'Twill survive old Time's short reign,  
And in my bright *Lusiad* shine  
As an adamantine shrine --  
Though I also must confess  
Much he owes to th'English dress,  
Proud of so rich a fashion,  
Ne'er known unto our Nation, 30  
Which no praise reaches home but admiration.

Student: I am surpris'd? What do I see?  
Camcens the Great? No! it cannot be;  
Time stole most of his hair away  
And dyed his beard a hoary grey.  
Chill Age ne'er trosted o'er your crown  
Nor Spring adorn'd your chin with down.  
One eye he lost in bloody wars;  
Your forehead's graced with two twin stars.  
To him our dialect was unknown 40  
Yet you pronounce it as your own.

Genius: Suspend your doubts, fond youth;  
Time will unravel Truth;  
Longer delays I can't allow.  
By dints of sacred Laurel on his brow  
I know my honour'd Lord, and must salute him now.

Here the little student retired and the  
Genius advancing forward, after his  
Honours to my Lord, made the fol-  
lowing Address:

Sir, whose true worth and far-renowned name  
Claims a fair memory 'mongst the sons of Fame,  
Whose soul is harmony, in whose candid breast,  
Both Mars and Pallas make a sweet contest, 50  
And groundedly, since (I myself can show it)  
You are both golden Knight and golden Poet;  
Pardon my bold intrusion. The Fates doom

Camoens should welcome you unto this room  
Which, though thus fraught with books, your  
learning can  
Swell it into a second Vatican.

How happily am I chang'd since by your pen,  
Rescu'd from death I see the world again,  
And hear to Hippolytus's rate am thus  
By your life- breathing lines a Virbius. 60

Sorrow in one night hath made some men grey;  
I'm green by th' Antiphrasis of this joyful day.  
Nor lack I now an Eye: you've giv'n me one  
Out sparkles Argus' hundred all alone --  
An English eye, and English tongue so sweet  
Phoebus himself might learn to speak by it.  
But this is not a time to run upon  
Favours peculiar, but that general one  
Your presence doth our Nation, since it brings  
Joys to the best of Queens from the best of kings, 70  
And high caresses such whose every line  
Welcomer is and wealthier than a mine.

O that your Quill, England's select delight,  
Would this Pandora draw in black and white,  
Whose priceless worth all other Queens outvies  
As far as Sol's noon-star Night's twinkling eyes.  
Body and mind she's perfect; in her face  
Is writ whole Nature's story join'd with Grace,  
To whom Heav'n giving all choice gifts, 'tis fit  
They should be shown the world by a heav'nly wit. 80  
Take then the pencil, and a Temple raise  
Transcending Spain's and your Escorial's praise.  
Then in it place your Queen, and on each side  
Raise altars to each virtue of the Bride.  
By her, enthron'd in armour all complete  
Join hand in hand her Bridegroom, Charles the  
Great,  
And, whilst amazement makes th' beholders dumb,

Warble a sweet Epithalamium  
Unto the Royal Pair; then, mounting higher,  
From Poet's fury to the Prophets' quire, 90  
Unroll the good yet dark decrees of Fate,  
And read these Nuptials truly fortunate.

Great is the theme and great the guerdon which  
Your temples with fresh Laurels will enrich.

I sung unto a Nation and a King  
Knew not the price of Verse, but you shall sing  
To him and her who honour men of parts,  
And in this dull-brain'd age encourage Arts.

No more, great Sir. Time calls me to my un --  
Yet must I needs profess 'fore I return, 100  
The College's resentments, now unable  
With choicer viand to set out the table,  
Since the best cooks are sick, and, newly rose,  
Can hardly dress a homely dish of Prose.  
I therefore, who supply their room, request  
You'll pardon this my little and ill-dress'd,  
And by a glance from your reviving eye  
Lend health to their long bedrid Poetry,  
Whilst I i'th'Language of a strict embrace  
Take leave of you, Chief of the Poet's race 110

Da veniam subitis non displicuisse merentur  
Festinant Fanshaw, qui placuisse tibi.

[Martial]

Alaric Alexander WATTS

*THE SHIPWRECK OF CAMOËNS*

"On his return from banishment, Camoens was shipwrecked at the mouth of the river Gambia. He saved himself by clinging to a plank, and of all his little property succeeded only in saving his poem of the 'Luciad', deluged with the waves as brought it in his hand to shore." \* - Sismondi.

(\* He is described with his sword in his hand upon the authority of his own words: --

"N'huma mac livro, n'outra, ferro et aco,  
N'huma mac sempre a espada, n'outra a pena.")

"I saw him beat the surges under him,  
And ride upon their backs; he trod the water,  
Whose enmity he flung aside, and breasted  
The surge most swoln that met him." -- *Tempest*.

Clouds gather'd o'er the dark blue sky,  
The sun wax'd dim and pale,  
And the music of the waves was changed  
To the plaintive voice of wail;  
And fearfully the lightning flash'd  
Around the ship's tall mast,  
While mournfully through the creaking shrouds  
Came the sighing of the blast.

With pallid cheek the seamen shrank  
    Before the deepening gloom;  
For they gazed on the black and boiling sea  
    As 'twere a yawning tomb;  
But on the vessel's deck stood one  
    With proud and changeless brow:  
Nor pain, nor terror was in the look  
    He turn'd to the gulf below.

And calmly to his arm he bound  
    His casket and his sword;  
Unheeding, through with fiercer strength  
    The threatening tempest roar'd;  
Then stretch'd his sinewy arms, and cried:  
    "For me there yet is hope;  
The limbs that have spurn'd a tyrant's chain  
    With the stormy waves may cope.

Now let the strife of nature rage,  
    Proudly I yet can claim,  
Where'er the waters may bear me on,  
    My freedom and my fame."  
The dreaded moment came too soon.  
    The sea swept madly on,  
Till the wall of waters closed around,  
    And the noble ship was gone.

Then rose one wild, half-stifled cry;  
    The swimmer's bubbling breath  
Was all unheard, while the raging tide  
    Wrought well the task of death;  
But 'mid the billows still was seen  
    The stranger's struggling form;  
And the meteor flash of his sword might seem  
    Like a beacon 'mid the storm.

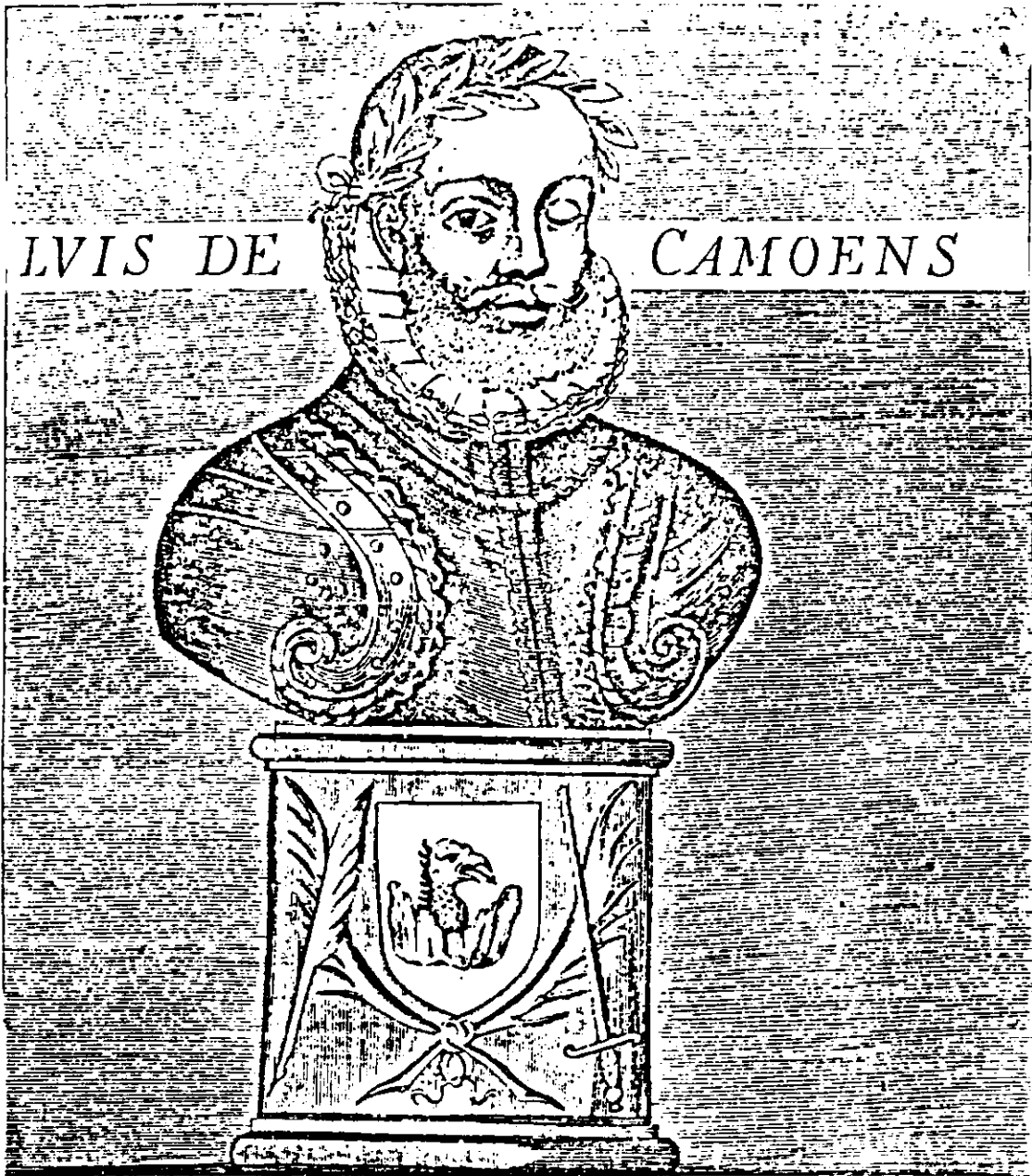
For still, while with his strong right arm  
    He buffetted the wave,  
The other upheld that treasured prize  
    He would give life to save,  
Was, then, the love of pearl so strong,  
    That e'en in death's dark hour,  
The base-born passion could awake  
    With such resistless power?

No! all earth's gold were dross to him,  
    Compared with what lay hid,  
Through lonely years of changeless woe,  
    Beneath that casket's lid;  
For there was all the mind's rich wealth,  
    And many a precious gem  
That, in all years, he hoped might form  
    A poet's diadem.

Nobly he struggled, till o'erspent,  
    His nerveless limbs no more  
Could bear him on through the waves that rose  
    Like barriers to the shore;  
Yet still he held his long-prized wealth,  
    He saw the wish'd --for land--  
A moment more, and he was thrown  
    Upon the rocky strand.

Alas! far better to have died  
    Where the mighty billows roll,  
Than lived till coldness and neglect  
    Bow'd down his haughty soul:  
Such was his dreary lot, at once  
    His country's pride and shame;  
For on Camoens' humble grave alone  
    Was placed his wreath of fame.

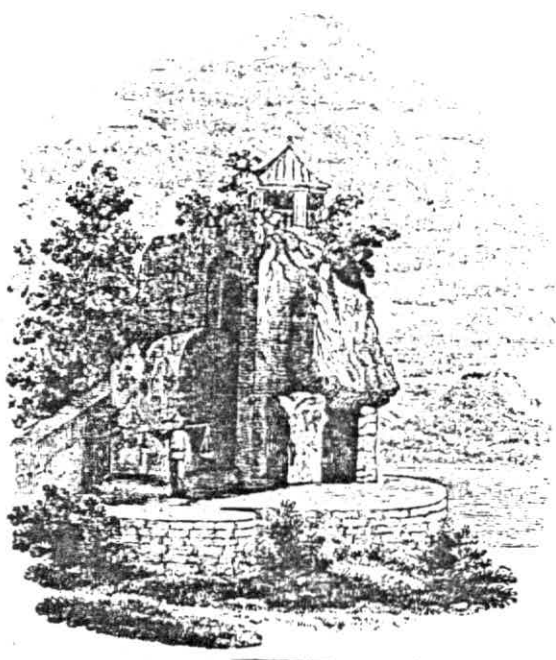
**APENDICE C**



Busto de Camões inserido na tradução de *Os Lusíadas* de Richard Fanshawe.



Medalha de Dillon dedicada a Camões e reproduzida em *The Gentleman's Magazine and Historical Chronicle*.



Esboço da Gruta de Camões reproduzido na obra de John Adamson,  
*Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens.*

## BIBLIOGRAFIA

### Nota introdutória

A apresentação da bibliografia é dominada por um critério selectivo, exercido sobre as obras consultadas ou citadas no presente trabalho. A indicação exhaustiva é aplicada apenas as composições encomiásticas do século XVII ao século XIX.

As obras passíveis de integração em mais do que um grupo bibliográfico são apresentadas naquele que presidiu a intenção da consulta.

Os grupos bibliográficos são os seguintes:

1. Homenagens a Camões em língua inglesa
  - 1.1. Composições encomiásticas, alusivas ou inspiradas em Camões
  - 1.2. Artigos em periodicos publicados na Grã-Bretanha
  - 1.3. Artigos em periodicos publicados no Oriente
2. Camoniana
3. Obras de teoria e critica literaria
  - 3.1. Estudos
  - 3.2. Obras de caracter enciclopedico
4. Obras sobre as relações culturais anglo-portuguesas
5. Obras de referencia
6. Varia

1. HOMENAGENS A CAMÕES EM LÍNGUA INGLESA

1.1. Composições encomiásticas, alusivas ou inspiradas em  
Camões

ADAMSON, John, "Portugal!", in *Sonnets*. Newcastle-upon-Tyne:  
M.A. Richardson, 1845.

\_\_\_\_\_, *Reply of Camoens*. Newcastle-upon-Tyne: M.A.  
Richardson, 1845.

\_\_\_\_\_, "Ye, who have wept o'er genius sunk in woe", in  
*Sonnets from the Portuguese of Luis de Camoens*.  
Newcastle-upon-Tyne: Akenheads Printers, 1810.

AUBERTIN, John

James, "Stanzas", in *Seventy Sonnets of Camoens*.  
*Portuguese Text and Translation. With original*  
*poems*. London: C. Kegan Paul & Co., 1881.

BARRETT, Elizabeth

Barrett, "Catarina to Camoens", in *Poems*. 2 vols. London:  
Edward Moxon, 1844.

\_\_\_\_\_, "A Vision of Poets", in *Poems*. 2 vols. London:  
Edward Moxon, 1844.

BOWLES, William

Lisle, "Book IV", in *The Spirit of Discovery; or, The Conquest of Ocean. A Poem, in five Books: with notes, historical and illustrative.* Bath: R. Cruttwell/London: J. Mawman, Cadell & Davies, 1804.

-----, "The Last Song of Camoens", in *The Poetical Works of William Lisle Bowles.* 2 vols. Edinburgh: James Nichol, 1855.

BOWRING, John, "Sonnet to Macao", in *Memoria dos Festejos Celebrados em Hongkong por occasião do Tricentenario do Principe dos Poetas Portuguezes Luiz de Camões.* Hongkong: Typographia de De Souza e Ca., 1880.

BURTON, Richard

Francis, "To My Master Camoens", in *Os Lusíadas (The Lusíads): Englished by Richard Francis Burton.* 2 vols. London: Bernard Quaritch, 1880.

Lord BYRON, "Stanzas to a Lady with the poems of Camoens", in *The Poetical Works, from the Last London Edition.* 2 vols. Boston: Cummings & Hilliard, 1814.

DAWSON, J.N., "Luis de Camoens. Author of the *Luziad* a Poem",  
in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*.  
Nº 2, 12ª Serie. Lisboa: Imprensa Nacional,  
1893.

FANSHAWE,

Richard , "Spaine gave me noble Birth: Coimbra, Arts", in  
*The Lusiad, or, Portugais Historically Poem:*  
*Written in the Portingall Language by Luis de*  
*Camoens; and now newly put into English.* London:  
Humphrey Moseley, 1655.

GARNETT,

Richard. "Camoens", in *Dante, Petrarch, Camoens. CXXIV*  
*Sonnets, translated.* London: John Lane, 1896.

GRENVILLE,

George N., *Portugal. A Poem. In two parts.* London: Longman,  
Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1812.

HAYLEY,

William. "Third Epistle", in *An Essay on Epic Poetry; in*  
*five epistles to the Rev' d Mr. Mason. With*  
*notes.* London: J. Dodsley, 1782.

HOBHOUSE,

John Cam, "Verses written in Lord Strangford's translation of Camoens, and presented to a young Lady who was going to Lisbon for her health", in *Imitations and Translations from the Ancient and Modern Classics, together with original poems never before published*. London: Longman, Hurst, Rees, and Orme, 1809.

HUGHES, Terence

McMahon, "The Eye of Camoens", in *The Ocean Flower; a Poem. Preceded by an historical and descriptive account of the Island of Madeira, a summary of the discoveries and chilvarous history of Portugal and an essay on Portuguese Literature*. London: Longman, Brown, Green, and Longmans, 1845.

HUNTER, John, "Canto III", in *A Tribute to the Manes of Unfortunate Poets, in four cantos; with Other Poems on various subjects*. London: Cadell and Davies, 1802 [1798].

IRWIN, Eyles, "High-favour'd grot!", in *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens*. 2 vols. London: Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1820.

MARKELEY, J.P. "Tercentenary sonnets", in *The Press gazette, and reporter's journal: a journal of professional literature and intelligence*. Vol.I, nº6. London: s/e., s/d.

MASSEY,

Gerald, "Gerald Massey to Richard F. Burton", in *Camoens: his Life and his Lusiads. A commentary*. 2 vols. London: Bernard Quaritch, 1881.

MCCARHY, Justin

Huntley, "Richard Burton", in *The Life of Captain Sir Richard Burton*. 2 vols. London: Chapman & Hall, 1893.

MICKLE, William

Julius, "On Passing the Bridge of Alcantara", in *The Works of the English Poets*. Vol.XVII. London: C. Wittingham, 1810.

MIDDLETON,

Maria, "Homage to Camoens and adieu to his Grotto", in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*. Nº2, 12ª Serie. Lisboa: Imprensa Nacional, 1893.

SELLERS,

Charles, "Luiz de Camões", in *A Mocidade a Camões*. Porto: Imprensa Internacional, 1880.

\_\_\_\_\_, *To Camões*. Porto: Typ. de A.J. da Silva Teixeira, 1880.

TAYLOR, Rev.

Mr., "Among these recesses of rock and of shade", in *The Chinese Repository*. Vol.VIII, nº11. Canton: Printed for the proprietors, March 1840.

TUCKER, Henry

St.George, "Camoens, A Tragedy", in *The Tragedies of Harold, and Camoens*. London: Parbury, Allen, & Co., 1835.

UTILITARIAN, "Camoens in the hospital", in *O Fluminense, a poem, suggested by scenes in the Brazils*. London: Orr and Smith and Robert Robinson, 1834.

WATTS, Alaric

Alexander, "The Shipwreck of Camoens", in *The Laurel and Lyre: Fugitive Poetry of the Nineteenth Century*. London: Frederick Warne & Co., 1867.

WOODMAN, M.F., "Camões", in *Diario Ilustrado*. Nº2542. Lisboa:  
s/e., 1880.

WORDSWORTH,

William, "Scorn not the Sonnet", in *The Poetical Works*. 5  
vols. London: Longman, Rees, Orme, Brown, and  
Green, 1827.

## 1.2. Artigos em periódicos publicados na Grã-Bretanha

ANÔNIMO, "Camoens and Vasco da Gama: the Tercentenary at  
Lisbon", in *The Graphic. An Illustrated Weekly  
Newspaper*. Vol.XXI, nº551. London: s/e., June  
1880.

ANÔNIMO, "The Camoens Tercentenary", in *The Graphic. An  
Illustrated Weekly Newspaper*. Vol.XXI, nº551.  
London, s/e., June 1880.

ANÔNIMO, "In the Footprints of Camoens", in *Macmillan's  
Magazine*. Vol.I, nº10, New Series. London:  
Macmillan and Co., Limited/New York: The  
Macmillan Company, November 1905/October 1906.

ANONIMO, "Parnaso Lusitano, ou Poesias Selectas dos Auctores Portuguezes Antigos e Modernos. illustradas com Notas", in *The Foreign Quarterly Review*. Vol.X, nº20. London: Treuttel and Wurtz, Richter, Black, Young, and Young, August/October 1832.

ANONIMO, "Portuguese Parnassus", In *Fraser's Magazine for Town and Country*. Vol.XI, nº65. London: James Fraser, May 1835.

ANONIMO, "Tercentenary of Camoens", in *The Times*. London: s/e., May 1880.

ADAMSON, John. "The Grotto of Camoens", in *Hood's Magazine*. Vol.VI. London: H. Hurst, July/December 1846.

\_\_\_\_\_, "The Profile of Camoens", in *Hood's Magazine*. Vol.VI. London: H. Hurst, July/December 1846.

AUBERTIN, Joann

James, "Luiz de Camoens", in *Notes and Queries: a Medium of Intercommunication for literary men, general readers, etc.* Vol.III, 6<sup>th</sup> series. London: John Francis, January/June 1881.

BRAGA,

Teofilo, "Portuguese Literature in 1879", in *The Athenaeum. Journal of English and Foreign Literature, Science, the Fine Arts, Music and the Drama*. Nº2723. London: John Francis, January 1880.

COELO ICTUS, "The Lusiad", in *The St. James's Magazine*. Vol.XVII. London: Houlston & Wright, August/November 1866.

LEWTAR, M., "Notes from Lisbon", in *The Athenaeum. Journal of English and Foreign Literature, Science, the Fine Arts, Music and the Drama*. Nº2743. London: John Francis, May 1880.

ROSS,

Sir Denison, "Camcens and his Adventures in the East", in *The Nineteenth Century and After*. Vol.CXXIV. London: Constable & Company Limited, July/December 1938.

SPENDER, E., "Soldier, Poet, and Beggar", in *The National Magazine*. Vol.I. London: National Magazine Company, 1857.

WALTERS, F.G., "The Poet of Portugal", in *The Gentleman's Magazine*. Vol.CCLXVI. London: Chatto & Windus, January/June 1889.

1.3. Artigos em periodicos publicados no Oriente

BLUNDEN,

Edmund, "Camões. A Portuguese Poet in Macao", in *Eastern Horizon*. Vol.II, nº9. Hongkong: Lee Tsung Ying, July 1963.

BOXER,

Charles R., "Was Camões ever in Macau ?", in *I 'ien Hsia Monthly*. Vol.X. nº4. Shanghai: The Sun Yat-sen Institute for the Advancement of Culture and Education, April 1940.

MARQUES, Lou-

renço Pereira, "Louis de Camões. A Discourse delivered by Dr. L.P. Marques at the Club Lusitano, on the occasion of the celebration of the Tercentenary of Louis de Camões, the prince of Portuguese poets", in *The China Review: or, Notes and Queries on the Far East*. Vol.IX. Hongkong: "China Mail" office / Shanghai: Kelly & Walsh / London: Trübner & Co. July 1880/June 1881.

SHUCK,

Henrietta, "Cave of Camoens, in Macao: notices of his life and works, especially of his *Lusiad*", in *The Chinese Repository*. Vol.VIII, nº11. Canton: Printed for the proprietors, March 1840.

## 2. CAMONIANA

AAVV, "Album da Gruta de Camões. Cópia enviada a Sociedade de Geographia de Lisboa pelo Governo de Macau por ocasião de se preparar a Reunião do Congresso Internacional dos Orientalistas em Lisboa (1892)", in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*. Nº2, 12ª Serie. Lisboa: Imprensa Nacional, 1893.

AAVV, *Memoria dos Festejos Celebrados em Hongkong por ocasião do Tricentenario do Principe dos Poetas Portuguezes Luiz de Camões*. Hongkong: Typographia de De Souza e Ca., 1880.

AAVV, *Portugal a Camões. Publicação extraordinaria do Jornal de Viagens commemorando o tricentenario do cantor dos Lusíadas*. Porto: Ildeionso Correia e Ferreira de Brito, 1880.

ARANHA, Pedro

Wenceslau de

Brito, *A Obra Monumental de Luiz de Camoes. Estudos bibliographicos.* 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional, 1887/1888.

CANTO,

Jose do, *Colecção Camoniana.* Lisboa: Imprensa Nacional, 1972 [1895].

CARDIM, Luis, *Projecção de Camões nas Letras Inglesas.* Lisboa: Editorial Inquérito, 1940.

[ESTORNINHO,

Carlos], *Catalogo: Camoniana Inglesa da Biblioteca do Instituto Britanico.* Lisboa: Instituto Britânico em Portugal, 1972.

ESTORNINHO,

Carlos "O Culto de Camoes em Inglaterra", in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, n.ºs 23-24, Coimbra: s/e., 1961.

MOSER, Fernando

de Mello, *Luis de Camões em Inglaterra.* Sep. do vol. III d'Os *Lusiadas: Estudos sobre a projecção de*

*Camões em culturas e literaturas estrangeiras.*  
Lisboa: s/e., 1984.

PIRES, Maria Lucília

Gonçalves, *A Critica Camoniana no Seculo XVII.* Lisboa:  
Instituto de Cultura e Lingua Portuguesa /  
Ministério da Educação e das Universidades,  
1982.

VALVERDE, Jose

Filgueira, *Camoens-Commemoracion del Centenario de "Os  
Lusiadas".* Madrid: Editora Nacional, 1975 (trad.  
Albina de Azevedo Maia, *Camões. Comemoração do  
centenário de "Os Lusiadas".* Coimbra: Livraria  
Almedina, 1981).

WEST, Sidney

George, "Camoens in the Periodical Literature of the  
British Isles, 1771-1970", in *Actas da I Reunião  
Internacional de Camonistas (1972).* Lisboa:  
s/e., 1973.

-----, "Luiz de Camões e o Romantismo Inglês", in  
*Revista Portuguesa.* Lisboa: s/e., Junho/Novembro  
1939.

### 3. OBRAS DE TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA

#### 3.1. Estudos

BUESCU, Maria Leonor

Carvalho, *Aspectos da Herança Clássica na Cultura Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa / Secretaria de Estado da Cultura, 1979.

CURTIUS, Ernst

Robert, *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*. Bern: A. Francke AG Verlag, 1948 (trad. Margit Frenk Alatorre / Antonio Alatorre, *Literatura Europea y Edad Media Latina*. 2 vols. Mexico / Madrid / Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1981).

EDMONDS, J.M., *Elegy and Iambus*. 2 vols. Cambridge (Mass.): Harvard University Press / London: William Heineman, 1961.

OWENS,

W. R. (ed.), *Romantic Criticism*. London: The Open University Press, 1985.

PEREIRA, Maria Helena

da Rocha, *Estudos de História da Cultura Clássica*. Lisboa:  
Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

RHYS,

Ernest (ed.), *The Prelude to Poetry. Essays and Comments by  
the Poets on Their Own Art. The English Poets in  
Defence and Praise of Their Own Art*. London /  
Toronto: J.M. Dent & Sons / New York: E.P.  
Dutton & Co., 1927.

SILVA, Vitor Manuel

de Aguiar e, *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria  
Almedina, 1982 [1967].

SMITH, Logan

Pearsall, "Four Words: Romantic, Originality, Creative,  
Genius", in *Tracts*. Vol.II. Oxford: Clarendon  
Press, 1924.

TRIMPI,

Wesley, *Muses of One Mind. The Literary Analysis of  
Experience and its Continuity*. Princeton:  
Princeton University Press, 1983.

3.2. Obras de carácter enciclopédico

COELHO, Jacinto do

Prado (dir.), *Dicionário de Literatura. Literatura Portuguesa. Literatura Brasileira. Literatura Galega. Estilística Literária.* 5 vols. Porto: Figueirinhas, 1982 [1978].

CUDDON, J.A., *A Dictionary of Literary Terms.* S/l.: Andre Deutsch, 1979.

DEUTSCH,

Babette, *Poetry Handbook. A Dictionary of Terms.* New York: Barnes & Noble Books, 1974 [1957].

FRYE, Northrop / BAKER,

Sheridan / PERKINS,

George, *The Harper Handbook of Literature.* New York / Cambridge / Philadelphia / San Francisco / London / Mexico City / Sao Paulo / Singapore / Sydney: Harper & Row Publishers, 1985.

HARVEY, Sir

Paul, *The Oxford Companion to Classical Literature.* Oxford/New York: Oxford University Press, 1984.

MOURIER,

Henry, *Dictionnaire de Poétique et de Rhétorique*.  
Paris: Presses Universitaires de France, 1975  
[1961].

PECK, John/

COYLE, Martin, *Literary Terms and Criticism*. London: Macmillan,  
1985.

PREMINGER,

Alex (ed.), *Princeton Encyclopedia of Poetry and Poetics*.  
London: The Macmillan Press, 1979.

VAN TIEGHEM,

Philippe, *Dictionnaire des Litteratures*. 4 vols. Paris:  
Quadrigue/Presses Universitaires de France, 1984  
[1968].

#### 4. OBRAS SOBRE AS RELAÇÕES CULTURAIS ANGLO-PORTUGUESAS

AAVV, *Panorama*. Nº 46/47, 4ª serie. Lisboa: s/e.,  
1973.

AAVV, *600 Anos de Aliança Anglo-Portuguesa. 600 Years  
of Anglo-Portuguese Alliance*. London: Published

by Her Majesty's Government in association with the British Broadcasting Corporation and Canning House, s/d.

ATKINSON,

William C., *British Contributions to Portuguese and Brazilian Studies*. London: The British Council, 1974 [1945].

PAXECO, Fran, *The Intellectual Relations between Portugal and Great Britain*. Lisbon: Editorial Império, 1937.

WALTER, Félix, *La Litterature Portugaise en Angleterre a l'époque romantique*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1927.

##### 5. OBRAS DE REFERÊNCIA

*British Museum General Catalogue of Printed Books.*

263 vols. London: The Trustees of the British Museum, 1965.

*Catalogos: Fundo British Council.*

Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

JOHNSON,

Samuel, *A Dictionary of the English Language: in which the words are deduced from their originals, and illustrated in their different significations by examples from the best writers. To which are prefixed, A History of Language, and An English Grammar.* 2 vols. London: Longman, Rees, Orme, Brown, and Green, 1785 [1755].

MACHADO, José

Pedro, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados.* 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte, 1977 [1952].

POOLE, William

Frederick, *Poole's Index to Periodical Literature. 1802-1881.* 2 vols. London: Kegan Paul, Trench, Trübner & Company, 1882.

STEPHEN, Sir Leslie/

/LEE, Sir Sidney

(eds.) *The Dictionary of National Biography.* 27 vols. London: Oxford University Press, 1973 [1917].

SULLIVAN,

Alvin (ed.), *British Literary Magazines*. 3 vols. London: Greenwood Press, 1963.

6. VARIA

ANONIMO, "Cypress in Poetry", in *The St. James's Magazine*. Vol. XVII. London: Houlston & Wright, August/November 1866.

CHAVES, Castelo

Branco, *Os Livros de Viagens em Portugal no Seculo XVII e a sua Projecção Europeia*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa / Ministerio da Educação e Investigação Científica, 1977.

HOPKINS,

Kenneth, *The Poets Laureate*. London: The Bodley Head, 1954.

JESUS, C. A.

Montalto de, *Historic Macao*. Hongkong: Kelly & Walsh, 1902.

MACHADO, Alvaro Manuel/PAGEAUX,

Daniel-Henri, *Literatura Portuguesa, Literatura Comparada e Teoria da Literatura*. Lisboa: Edições 70, 1981.

[QUILLINAN,

Edward], "Laurels and Laureates", in *Blackwood's Edinburgh Magazine*. Vol. LXIV, nº 394. Edinburgh: William Blackwood & Sons, July/December 1848.

STAUNTON, Sir

George, *An authentic account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China;...taken chiefly from the papers of His Excellency the Earl of Macartney...* . 2 vols. London: W. Bulmer and Co., 1797.

**INDICE**

	Pag.
APRESENTAÇÃO.....	3
I - ENCOMIASTICA - ALGUNS ESCLARECIMENTOS CONCEPTUAIS..	5
NOTAS.....	19
II- CAMÕES - HOMEM, POETA E VATE.....	28
NOTAS.....	46
III-HOMENAGENS A CAMÕES EM LINGUA INGLESA.....	52
1. DO SÉCULO XVII AO SÉCULO XIX.....	56
2. AS COMEMORAÇÕES DE 1880.....	105
3. REPERCUSSÕES NO ORIENTE.....	118
NOTAS.....	132
CONCLUSÃO.....	174
APÊNDICES.....	178
BIBLIOGRAFIA.....	213

